Abril
Editora ABRIL
edição 2803 - ano 55 - nº 33
24 de agosto de 2022
veja
www.veja.com
A BATALHA PELOS MAIS POBRES
Bolsonaro e Lula, cada um à sua maneira, traçam estratégias para conquistar os eleitores de baixa renda, que representam 53% do total de votos e serão cruciais para decidir o próximo presidente.
Nenhum dos dois, porém, apresenta propostas concretas para dar fim à miséria no país

Pix com seguro
contra golpes.

O Pix no Bradesco

O limite das coberturas pode variar de acordo com o valor contratado.

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores Executivos: Daniel Hessel Teich, Monica Weinberg **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Diogo Vassao Magri, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Purchio Haddad, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Reynaldo Turollo Jr., Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Tulio Kruse de Morais, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Eric Cavasani Vechi, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Vitoria Barreto Martins **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MERCADO PUBLICITÁRIO** Jack Blanc **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 803 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 33. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

FOTOS HUGO MARQUES

MUNDO REAL O repórter Hugo Marques e a dona de casa Maria Antonia, beneficiária do auxílio: "Dependo desse dinheiro para comer"

VERGONHA NACIONAL

EM TEMPOS DE carros autônomos, inteligência artificial e até de turismo no espaço, a realidade em Serrano do Maranhão parece coisa de outro mundo. O município de 15 000 habitantes é exemplo da tragédia brasileira: mais de 80% da população depende de alguma ajuda do governo para ter o que comer. Na semana passada, havia um clima de euforia entre os moradores da cidade com o início do pagamento do novo Auxílio Brasil, que passou de 400 para 600 reais. Formaram-se filas no posto da Caixa Econômica, na lotérica e nos mercadinhos. Um açougueiro da região, que abatia um boi por dia, comemorava o abate de dois. Com a renda duplicada, ele quitou a dívida na mercearia, que, por sua vez, encomendou uma remessa extra de arroz e feijão para abastecer as gôndolas do negócio. A economia girou — e deve continuar assim pelo menos até o fim do ano, quando está programado o pagamento da última parcela do benefício majorado, cujo valor extra pode ser estendido.

Cenários como o da pequena Serrano serão palco da batalha que pode decidir quem vai ser o próximo presidente da República. Um dos mais antigos problemas estruturais do país, a miséria cresceu nos últimos anos, em movimento que coincide com as crises econômica e sanitária decorrentes da pandemia. No fim de 2021, o número de brasileiros abaixo da linha da pobreza bateu recorde: 23 milhões de pessoas vivendo com menos de 210 reais por mês. A fome passou a atingir 33 milhões de cidadãos. Em segundo lugar nas pesquisas, Jair Bolsonaro lançou recentemente um pacote bilionário de benefícios. De julho para agosto, mais de 2 milhões de famílias foram incluídas no Auxílio Brasil. Agora, são 20,2 milhões de famílias que contam com o apoio federal para mitigar os efeitos da crise. No mundo real, o programa de benefícios é um paliativo, embora necessário, destinado a garantir a sobrevivência dos mais pobres. No universo eleitoral, é uma arma poderosa de que Bolsonaro dispõe para tentar conquistar o voto desses brasileiros, que representam 53% do eleitorado.

Evidentemente, seus adversários sabem do potencial de medidas assistenciais anunciadas às vésperas das eleições. Lula, por exemplo, já declarou que, se eleito, não só dará continuidade ao pagamento do auxílio como estuda ampliá-lo para outras categorias. Ninguém pode ser contra medidas emergenciais, mas o que será feito para transformar a realidade dessas pessoas? Há décadas, fome e miséria servem de combustível para a demagogia — e não há no horizonte perspectiva de mudança. Fora as trivialidades de sempre, os candidatos não apresentaram até agora propostas concretas para dar um fim a essa situação. A julgar pelo desinteresse, o que existe é a defesa da perpetuação de uma vergonha nacional. Em Serrano, na semana passada, a dona de casa Maria de Fátima Coimbra, de 33 anos, estava ansiosa para receber os 600 reais. Na verdade, desesperada. O suprimento da família — ela tem seis filhos — se resumia a caranguejos e um punhado de farinha. "Tem dia que a gente almoça, mas não janta", contou ao repórter Hugo Marques, que assina a reportagem com início na página 24. Maria de Fátima faz parte da segunda geração do assistencialismo. A mãe dela, hoje aposentada, foi beneficiária do antigo Bolsa Família, o programa criado pelo PT. Se nada for feito para mudar essa dinâmica, que passa por educação e empregos, essa triste realidade provavelmente continuará por mais algumas gerações — e diversas eleições. ■

RETÓRICA NÃO É CRIME

Procurador-geral diz que as críticas de Bolsonaro a vacinas e urnas eletrônicas são protegidas pela liberdade de expressão, descarta risco de golpe e acusa a oposição de usar a Justiça para fazer política

REYNALDO TUROLLO JR.

LEOBARK RODRIGUES

PRESTES a iniciar, em setembro, o seu quarto e último ano à frente da Procuradoria-Geral da República, Augusto Aras refuta as críticas de que seja aliado do presidente Jair Bolsonaro (PL), contra quem destaca ter aberto oito investigações no Supremo Tribunal Federal. Apesar disso, é categórico ao afirmar que o chefe do Executivo não comete crimes ao disparar suspeitas infundadas sobre as urnas eletrônicas às vésperas do processo eleitoral ou ao desestimular a vacinação contra a Covid-19 durante a pandemia. "Na retórica política, ressalvada a honra alheia, cabe tudo", diz o procurador-geral, que também afirma não ver nenhum risco de o país enfrentar um golpe institucional. Em entrevista concedida a VEJA em seu gabinete em Brasília pouco antes do início da campanha eleitoral, ele falou também sobre os desafios de um país polarizado politicamente e pediu ao novo presidente do TSE, Alexandre de Moraes, que atue para garantir a paz social durante o pleito.

Setores importantes da sociedade esperam que o Ministério Público faça uma defesa mais enfática das urnas. Por que a PGR não se engaja nisso? O MP não é governo nem oposição. A atividade de defesa do estado democrático de direito no plano da retórica política compete ao Parlamento e aos chefes de Executivo, que são eleitos pelo povo. Quando este procurador-geral fez manifestações, o fez porque foi indagado pela imprensa, mas não competiria ao PGR fazer proselitismo a favor ou contra, e sim

se manifestar nos autos. Dessa forma nos manifestamos, sim, a favor do sistema eleitoral. Não fizemos abaixo-assinado, até porque não é dado ao MP ou à magistratura fazer isso.

O presidente se reuniu com embaixadores e lançou suspeitas sobre as urnas eletrônicas. Por que isso não ensejou uma medida do MP? Por não haver nenhum vício. Quem representa o Estado nas relações internacionais é o chefe do Executivo federal. Atos praticados no exercício da potestade são insindicáveis *(não podem sofrer sindicância)*. Essa é a regra geral.

Mesmo quando atentam contra o sistema eleitoral? No constitucionalismo americano ou brasileiro, a liberdade de expressão é o primeiro dos princípios. A mesma liberdade de expressão que têm outras autoridades também tem o presidente da República.

Que papel o MP terá nestas eleições? No ano passado, todo o MP trabalhou no intuito de acompanhar, manter o monitoramento, o controle e a fiscalização de movimentos políticos, partidários ou não, que pudessem gerar violência. Ao final do 7 de Setembro, tivemos uma grande festa cívica, evidentemente com alguns eventos mais ligados a uma forte retórica política de lados distintos, mas não tivemos violência. Neste ano, nós já iniciamos os trabalhos no que toca ao acompanhamento de movimentos sociais para manter a ordem.

Os questionamentos do Ministério da Defesa sobre as urnas são pertinentes ou preocupam o MP? O regime democrático é a única ideologia do Estado brasileiro. Quem de fato e de direito dirige todo o processo eleitoral é o Tribunal Superior Eleitoral, mas nada impede que esse TSE, que sempre contou com o apoio das Forças Armadas, também admita que elas

“Não faltou vacina. O Brasil foi um dos países que mais vacinaram. Uma coisa são os atos do governo. Outra coisa é a retórica do discurso ‘não gosto de vacina e não vou me vacinar’”

possam ajudar o tribunal nesse processo de proteção, controle e fiscalização. Sempre sob os auspícios do TSE.

Em caso de haver incompatibilidade entre o TSE e as Forças Armadas, o que prevalece? O que o tribunal estabelecer. Evidentemente que a Constituição ampara todas essas instituições do Estado, e é a Constituição que deve orientar a atuação delas.

O que espera da gestão de Alexandre de Moraes no TSE? Que o ministro preserve a lisura das eleições, mas também a paz e a harmonia sociais em um ambiente caracterizado pela polarização.

Quais desafios a Justiça Eleitoral enfrentará? Toda eleição envolve uma batalha e uma festa. Uma batalha, porque existem forças antagônicas que disputam com um ânimo mais acirrado que o normal, e uma festa porque a democracia se faz entre os contrários. A democracia se realiza exatamente no final da eleição, com o resultado, por maioria, que legitimará o vitorioso a governar. É muito importante lembrar as lições clássicas de Mirabeau *(França, 1749-1791)*, de que os processos eleitorais majoritários que se realizam em dois turnos buscam maior legitimidade. Governantes eleitos em dois turnos tendem a ter maior legitimidade e governabilidade.

O senhor está dizendo que é importante que haja dois turnos na eleição para presidente? Essa é uma resposta que só o eleitorado poderá dar. Quando há polarização como a que estamos vivendo, um segundo turno reforçaria a legitimidade material do eleito, porque teria passado por dois grandes escrutínios.

Como avalia a atuação das Cortes superiores em defesa do sistema eleitoral? No plano do TSE e do STF, os processos eleitorais estão sendo julgados dentro da normalidade.

E no campo do discurso dos magistrados? O grande desafio que temos é que, quanto maior a polarização, maior a necessidade de distinguir retórica política de discurso jurídico. Na retórica política cabe muita coisa. Eu diria que, ressalvada a honra alheia, cabe tudo. No discurso jurídico, somente os bens juridicamente protegidos podem ser objeto de intervenção judicial. Em um estádio de futebol, se alguém xinga o árbitro da arquibancada, não é processado. Mas, se chegar no árbitro e, olho no olho, xingar a mãe dele, isso pode levar a um crime contra a honra. A liberdade de expressão não é absoluta, mas só deve ser coibida em circunstâncias que exprimam discurso de ódio, ofensa à honra alheia, atentados à segurança do Estado brasileiro. São poucas as possibilidades. Não fosse isso, a arte e o humor estariam comprometidos. A ideia do politicamente correto atenta contra a liber-

dade de expressão, contra a liberdade da opinião, porque o ser humano se manifesta na comunicação.

A oposição pediu para que o senhor obrigue o presidente a se abster de fazer discursos de ódio. Que encaminhamento o senhor vai dar? Primeiro é preciso saber se o discurso de ódio infringe alguma norma, se é individualizável. De novo, xingar a mãe do árbitro é algo abstrato. O que não se pode admitir é que instituições do sistema de Justiça como a magistratura e o MP ajam ou reajam com a mesma retórica política. A liturgia das magistraturas impõe que as manifestações se façam nos autos.

O que o senhor diz com essa metáfora do futebol é que o presidente pode dizer "vamos fuzilar a petralhada", mas não pode dizer "fuzilem o Lula"? Exatamente. Não se pode individualizar. Evidentemente que é uma linguagem de retórica política.

USP, Fiesp e entidades importantes fizeram manifestos em defesa da democracia. O senhor vê algum risco? Não vejo nenhuma tentativa de golpe. Ao contrário, vejo as instituições funcionando. E tanto é verdade que, no ano passado, não obstante toda a retórica política, a festa cívica do 7 de Setembro ocorreu sem violência.

Alguns parlamentares pediram ao Senado o impeachment do senhor sob a alegação de crime de responsabilidade. Isso preocupa? Primeiro, crime de responsabilidade é mera infração política. Segundo, o senador que faz essa representação *(Randolfe Rodrigues, da Rede-AP)* vem desde sempre atacando a Procuradoria sem razão aparente, porque os senadores votaram neste procurador-geral por 86% dos seus quadros. Se um senador se acha mais inteligente que seus pares, é motivo de compreensão de que está atrás de votos, juntamente com parlamentares de um partido de esquerda *(o PSOL)* que tem entre seus quadros as pessoas que me agrediram com palavras de baixo calão em uma rua vazia de Paris e que estão denunciadas pelo MP. Vejo esse pedido de impeachment como uma retaliação desse partido em defesa de seus filiados e do senador como uma tentativa de obter votos.

Não houve crime na atuação do presidente durante a pandemia? Ao mesmo tempo que a retórica política do presidente começou com a questão dos medicamentos e depois foi contra a vacinação, não faltou vacina. O Brasil ostenta a condição de um dos países que mais vacinaram. Então, uma coisa são os atos de governo no que toca às medidas de saúde necessárias. Outra é o discurso "eu não gosto de vacina e não vou me vacinar". Essa é uma questão de retórica política.

A CPI diz que houve atraso na aquisição de vacinas. Já foi identificado que não houve atraso algum, foram quinze dias, por questões de logística e transporte. Já foi investigada e arquivada essa parte. Politicamente, quem julgará se houve inocente ou culpado serão os eleitores, em outubro.

> **"Não vejo nenhum risco ou tentativa de golpe. Ao contrário, vejo as instituições funcionando. E tanto é verdade que a festa cívica do último 7 de Setembro ocorreu sem violência"**

Um delegado da PF pediu ao STF a apreensão do celular do senhor por causa de uma reunião com o advogado do ministro Paulo Guedes para evitar o depoimento dele em um inquérito. O senhor atendeu o advogado? A Lei de Abuso de Autoridade deixa claro que é crime violar direitos ou prerrogativas dos advogados. Portanto, delegados, membros do MP e juízes que não receberem advogados de defesa estarão incorrendo em ilegalidade, com pena de detenção, de três meses a um ano, e multa. Sinceramente, é lastimável ver a barafunda e o erro grosseiro revelador da má-fé que criaram em torno de algo que bastava consultar a legislação. A propósito, foi assim como decidiu o eminente ministro Luís Roberto Barroso.

A vice-procuradora-geral Lindôra Araújo apontou desrespeito ao sistema acusatório por Moraes na investigação de vazamento de dados da PF pelo presidente. O senhor concorda? O caso provavelmente irá ao plenário do Supremo. O que posso dizer é que o sistema acusatório, em que investigador, acusador e julgador não podem se confundir, não é só uma cláusula pétrea, mas tem garantia de tratados e convenções internacionais. Se houver essa confusão, alguém que tenha sofrido prejuízo, além do MP, poderá reclamar às cortes internacionais, como aconteceu com o ex-presidente Lula.

Bolsonaro poderá fazer o mesmo? Em tese, sim. Mas espero que o Supremo venha a julgar o caso como deve e não tenhamos que buscar solução fora da jurisdição constitucional do país. ■

GOLDEN LIFE
Super cola
LENCO
8310

NAVA JAMSHIDI/GETTY IMAGES

O TALIBÃ DE HOJE É IGUAL AO DE ONTEM

TIRANDO O TALIBÃ, a milícia radical que está reinstalando no Afeganistão as leis islâmicas na sua versão mais rigidamente conservadora, ninguém comemorou, agora em agosto, o primeiro aniversário da atabalhoada retirada militar americana e da volta dos extremistas ao poder. Enquanto **militantes armados percorriam Cabul gritando slogans e agitando bandeiras para celebrar a data,** os afegãos penavam sob uma crise econômica e humanitária de enormes proporções. Renegando declarações de que tinham aprendido a lição do fracasso do regime repressivo de 1996 a 2001, o novo Talibã se parece cada vez mais com o velho. Em março, 1 milhão de meninas que retornavam à escola pela primeira vez em oito meses foram mandadas para casa de última hora. No mês seguinte, o líder supremo, Hibatullah Akhundzada, ordenou que todas as mulheres se cobrissem dos pés à cabeça, de preferência escondendo também o rosto por trás das malfadadas burcas. O temido Ministério da Promoção da Virtude e Prevenção do Vício foi ressuscitado, emissoras estrangeiras saíram do país e funcionários públicos são obrigados a ter barba. Ao lado da repressão social, a economia agoniza: 55% da população passa fome, resultado de um mix de seca prolongada, inflação, falta de empregos e congelamento de bilhões de dólares em ativos nos bancos do Ocidente — a sanção destinada a pressionar o Talibã se tornou mais um peso para a sobrevivência das pessoas. Acabada a guerra, os afegãos mergulham em um novo capítulo de dificuldades e turbulência. ■

Amanda Péchy

FOTOS DIA DIPASUPIL/GETTY IMAGES; MARVEL STUDIOS

FORÇA FEMININA Tatiana à paisana e como Mulher-Hulk *(à dir.)*: "Há muitas expectativas sobre nosso corpo"

"QUERIAM ME VER BOMBADA"

A atriz canadense Tatiana Maslany, de 36 anos, conta como foi assumir o papel de Mulher-Hulk, prima do grandalhão verde em nova série do Disney+, e enfrentar julgamento dos fãs nerds

Qual é a melhor parte de ser a heroína de *Mulher-Hulk: Defensora de Heróis*? Há um senso de humor muito especial e situações inesperadas nessa série. A Mulher-Hulk não é como um super-herói típico, ela foge do que as pessoas esperam de um deles, e estou animada em apresentá-la ao público.

Acredita que a trama leva uma mensagem além da fantasia ao espectador? Há ideias realmente interessantes sobre a raiva que as mulheres carregam e como elas a controlam. A série também aborda a expectativa sobre o que é ser mulher, e como a sociedade projeta até como devemos agir se tivermos certo tipo de corpo. A forma como lidamos com essas questões é o que nos torna pessoas poderosas ou não, e define como essa força será usada.

Na série *Orphan Black* (2013-2017) você interpretava doze clones com personalidades diferentes. Agora, na produção do Disney+, sentiu dificuldade em fazer uma personagem só, que se divide entre ser a advogada Jennifer Walters e a heroína verde? A parte mais desafiadora foi me transformar na Mulher-Hulk sem saber como era realmente o visual dela. Não dava para me ver no espelho, já que o corpo da Mulher-Hulk foi construído completamente com efeitos visuais. E aqui, mesmo sendo uma história desse universo de super-heróis, a comédia está muito presente e mostra um monte de coisas que acontecem no mundo real com as mulheres no trabalho e na vida pessoal.

Como reagiu, aliás, às críticas dos fãs sobre os efeitos visuais pobres do primeiro trailer, em que a personagem foi comparada com o protagonista da animação *Shrek* (2001), bem distante da qualidade de *Vingadores* (2012)? Eu acho que críticas são válidas. Mas sei que há grandes profissionais da Disney trabalhando muito mais rápido que qualquer artista gráfico deveria trabalhar. Então, eu me sinto até advogada deles sobre isso, defendo mesmo, porque vi o resultado final e é incrível. Eu sei que queriam me ver mais bombada, musculosa, mas isso também diz muito sobre as altas expectativas arraigadas na sociedade sobre corpos femininos e como eles devem ser vistos nas telas.

O que imagina que os amantes da Marvel vão apreciar mais na série? Até quem não é fã desses heróis, ou não viu todos os filmes, vai encontrar algo para se identificar. Porque não é só uma história de heróis, é sobre pessoas comuns também. ■

Kelly Miyashiro

O PRIMEIRO DELATOR

CRISTIANO MARIZ

LAVA-JATO Paulo Roberto Costa: ele admitiu que o dinheiro era produto de crime

O ex-diretor de Abastecimento e Refino da Petrobras de 2004 a 2012, durante os governos de Lula e Dilma Rousseff, o paranaense **Paulo Roberto Costa** tem lugar cativo na recente história do Brasil — mas por motivos constrangedores. Ele foi o primeiro delator da Operação Lava-Jato, deflagrada em 2014. Preso depois da descoberta de que o doleiro Alberto Youssef havia lhe dado de presente um Land Rover, ele começou a contar o que sabia, em um fio interminável que culminaria na detenção de Lula em 2018. Suas revelações, feitas em acordo de delação premiada, de modo a evitar os setenta anos de cadeia a que foi condenado, listaram pelo menos cinquenta políticos de todos os matizes, entre eles o senador Renan Calheiros (MDB-AL), os petistas Humberto Costa (PE) e Lindbergh Farias (RJ), os ex-governadores do Maranhão Roseana Sarney (MDB) e Edison Lobão (MDB), o ex-governador do Rio Sérgio Cabral (MDB), além de detalhes sobre o abastecimento clandestino da campanha da ex-presidente Dilma depois de pedido do ex-todo-poderoso do PT Antonio Palocci.

Levado ao furacão das denúncias, Costa definiria suas atividades com desfaçatez ao dizer que chegara a um limite em sua carreira em que "a competência técnica não era suficiente para progredir, sendo necessário para ascender ao nível de diretoria um apadrinhamento político como ocorre em todas as empresas vinculadas ao governo". Apoiado inicialmente pelo PP e pelo MDB, ele rapidamente ampliaria seus tentáculos. Ao cabo da colaboração com as autoridades, Costa se comprometeu a devolver o dinheiro que tinha no exterior. Abriu mão de 2,8 milhões de dólares em nome de familiares depositados em um banco das Ilhas Cayman e outros 23 milhões de dólares mantidos na Suíça. Reconheceria "serem todos, integralmente, produto de atividade criminosa". Ele morreu em 13 de agosto, aos 68 anos, de câncer no pâncreas, no Rio de Janeiro.

A ARTE DO SILÊNCIO

O francês **Jean-Jacques Sempé** nasceu no seio de uma família pobre na região de Bordeaux. Apanhava do padrasto e era ignorado pela mãe. Adolescente, fugiu para Paris com um caderno de desenhos. De sua infância subtraída, ele diria, nasceriam as ideias para a criação das aventuras do Pequeno Nicolau — personagem criado em parceria com o escritor René Goscinny (um dos pais de Asterix), sobrevivente do Holocausto. Em narrativas bem-humoradas e traços elegantes, o menino dos livros vive as dores do crescimento na escola, as férias na praia, o nascimento do irmãozinho, a vida como ela é. Se na Europa e no Brasil Sempé esteve sempre atrelado a Nicolau, nos Estados Unidos ele conquistou fama por meio de um outro caminho — os delicados desenhos para as capas da revista *The New Yorker*, de cor pastel e ironia com os dramas da metrópole, sem texto algum. Podia ser um ciclista solitário na Ponte do Brooklyn, bailarinas diante de janela, entre arranha-céus, o banhista numa piscina cercada de vazio. Para o jornalista Robert McFadden, do *The New York Times*, Sempé criava "haicais pictóricos". Ele morreu em 11 de agosto, aos 89 anos. ■

LUC CASTEL/GETTYIMAGES

HUMOR E IRONIA Sempé: *O Pequeno Nicolau* e capas para a revista americana *The New Yorker*

FERNANDO SCHÜLER

A SOCIEDADE DOS MILITANTES

OS MILITANTES estão em toda parte. O chato do WhatsApp talvez seja o pior de todos. O pessoal cria um grupo para trocar ideias sobre a escola, e lá está ele, todo santo dia, mandando figurinhas contra ou a favor do Bolsonaro. Tem o xarope do Twitter, cuspindo suas pequenas frases de efeito, dia e noite. A vantagem desse é que se pode bloquear, e o sujeito some do mapa. Há muitos outros. Um deles é o militante da faculdade. O vereador Fernando Holiday foi impedido de falar, aos gritos e pontapés, na Unicamp, em um episódio constrangedor. As universidades são públicas, mas o militante acha isso conversa fiada. Seu mundo é *Star Wars*. Forças do bem contra forças do mal. É um mundo divertido, não há dúvida, ainda que possa soar um tanto ridículo, visto a certa distância.

O problema é o militante fora do lugar. Ele ainda não invadiu as reuniões de condomínio, mas o mesmo não se pode dizer das empresas e agências de publicidade. E da Netflix, claro. Estes dias vi uma lista de "séries que você pode ver sem um sermão a cada episódio". Guardei. Outro espaço colonizado é a imprensa, mas não toda. A existência de uma mídia profissional, fiel aos fatos e imparcial, é elemento essencial para a qualidade do debate público. É espaço de confiança, onde pessoas e grupos com visões antagônicas podem buscar informação, e com isso formar uma base comum de fatos e razões para lidar com a realidade. Isto tudo vai pelo ralo com o jornalismo militante, no qual a opinião pende sempre para o mesmo lado, e o noticiário vem misturado com a adjetivação, perdendo-se a distinção elementar entre fato e interpretação.

ZANDER & LABISCH/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

IDEIA Para Brecht, "o pior analfabeto é o analfabeto político": lógica vencida

Qual é exatamente o tamanho e o lugar que ocupam os militantes na democracia atual? Qualquer resposta será imprecisa, mas alguns indicativos existem. Um deles vem do projeto "Hidden Tribes", uma ampla pesquisa feita nos EUA sobre as "tribos esquecidas" da sociedade atual. A pesquisa identificou sete grandes grupos na política americana, dos mais radicais à esquerda e à direita, passando pelos liberais moderados, conservadores tradicionais etc. O pulo do gato foi identificar o que os autores chamaram de "maioria exausta". É o amplo segmento composto das pessoas sem engajamento político (26% da população), e os segmentos moderados de cada lado. Na amostragem americana, ela abrange 67% das pessoas. Formam o que chamamos de maioria silenciosa, mas confesso não gostar do conceito. São pessoas que usualmente exprimem suas visões. Apenas recusam a estridência. E tendem a ser mais flexíveis ideologicamente. Estão dispostas a ponderar e intuem que a política é feita de ajustes de parte a parte. Em geral, são pessoas cansadas do tipo de debate polarizado e se sentem pouco representadas.

O ponto central é o cruzamento das fronteiras ideológicas. A imensa maioria (87%), por exemplo, se opõe ao uso de raça como critério de admissão em faculdades; ao mesmo tempo, a maior parte apoia o casamento entre pessoas do mesmo sexo (64%) e aceita com naturalidade pessoas transgênero (66%). Vai aí um dos traços definidores do militante: a recusa da complexidade. É evidente que há temas em que a ideia de complexidade não se aplica. A violência é um deles. Se a Rússia invade a Ucrânia, não há que se falar em "culpa de um lado, culpa do outro". Mas a maioria das questões da vida pública não é assim. Há prós e contras no de-

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA

senho do Auxílio Brasil, na redução do ICMS, na legislação do Simples, e em quase todos os temas no Congresso. Vale o mesmo para a avaliação dos governos. Governos erram e acertam, para desespero do militante típico. Na sua cabeça bicolor, isso é impensável. Escrever que o governo andou bem quando reduziu impostos, fez o marco do saneamento e a autonomia do Banco Central, e mal na área da educação e da cultura. No Brasil, criou-se uma expressão jocosa, o isentão, que é o tipo capaz de ponderar alguma coisa, e que não por acaso recebe o ódio duplicado dos torcedores fanatizados.

Em que pese amplamente majoritária, na base da sociedade, quem dá o tom do jogo político é a minoria engajada. Na pesquisa do "Hidden Tribes", esse grupo chega a um terço da sociedade, sendo 14% os efetivamente radicais. Boa parte de nosso debate público ocorre no interior desse universo. E aí temos um problema. Em uma democracia polarizada, como a brasileira, é previsível que as hordas militantes oscilarão entre os que acham que há uma "revolução em curso", construindo um "novo Brasil", e os que nos enxergam à beira do "abismo civilizacional", como costumo ler por aí. Ambas as visões, por óbvio, são expressões da crosta militante. Não raro, o discurso feito sob medida pelos profissionais da opinião, nas redes, canais de YouTube ou na autointitulada "mídia profissional", que não raro ganham um bom dinheiro jogando mais e mais toxina no debate público. Fazendo crer que falam do Brasil, quando apenas reagem ao quem veem diante do espelho.

Cresci no mundo político escutando aquele poema do Bertolt Brecht dizendo que "o pior analfabeto é o analfabeto político". Que é da sua ignorância que nascem "a prostituta, o menor abandonado, o assaltante... o político bajulador das empresas nacionais e multinacionais". A lógica de Brecht era sedutora: quanto mais atenção déssemos à política, mais rápido iríamos "mudar a sociedade". Isso foi nos anos 1980. Quatro décadas depois, atravessamos o samba. Quem matou a charada foi um jovem cientista político americano, Jason Brennan. O problema, diz ele, é alguém achar que é politizado quando é apenas um hooligan. O tipo que acha que "está tudo errado", ou que "está tudo perfeito", que se imagina com "espírito crítico", mas no fundo não tem capacidade crítica nenhuma. Age apenas como o torcedor apaixonado, cada vez mais especializado em suas próprias opiniões.

> **"A internet é só uma ferramenta. O problema está no coração humano"**

Alguns culpam a internet. As redes sociais de fato deram voz aos sábios de mesa de bar. Mas a internet é só uma ferramenta. O problema está no coração humano, e vem de longe, na história. Sempre me lembro da expressão melancólica de Madame De Staël, no período final da revolução, dizendo que o "espírito de partido" havia tomado conta da França e que era preciso "sabedoria, tempo e moderação" para curar o rastro de ódio deixado pelo terror. No Brasil de hoje não há nenhuma revolução. Nossos problemas são bem mais prosaicos. Fazer o país crescer, assegurar direitos, reduzir a pobreza. Temas sem graça para o militante típico, mas essenciais para a "maioria exausta", que é quem deve dar as cartas, afinal de contas, em uma grande democracia. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

ROMEU ZEMA
O governador de Minas, que é do Partido Novo, confirmou na pesquisa Ipec seu amplo favoritismo: ele tem hoje quase 20 pontos de dianteira em relação a Alexandre Kalil (PSD).

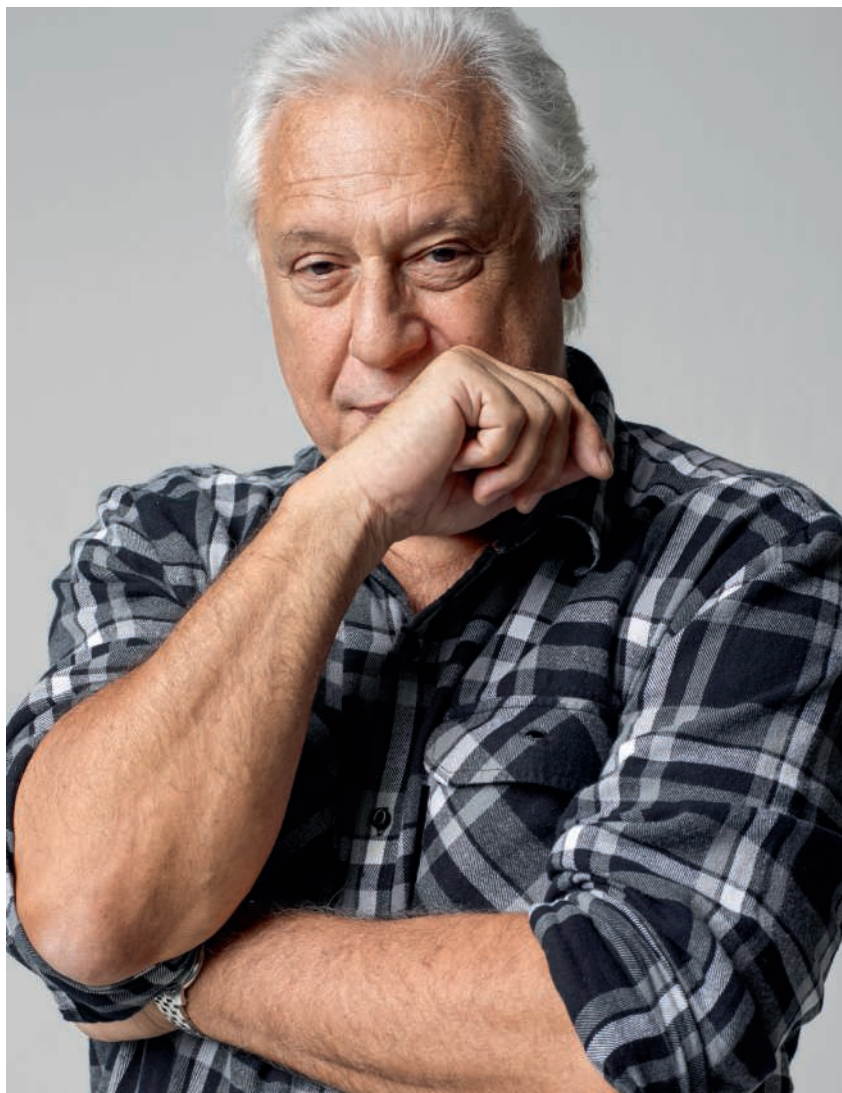
POLICIAIS-CANDIDATOS
O número de homens das forças de segurança disputando eleições neste ano subiu 27% em comparação com 2018, segundo levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

FAMÍLIA ADDAMS
O divertido e macabro clã estará de volta na série *Wandinha*, da Netflix, com episódios dirigidos pelo cineasta Tim Burton.

DESCE

RUDOLPH GIULIANI
O ex-prefeito de Nova York e ex-advogado de Donald Trump deve ser acusado de conspiração e fraude no estado da Geórgia por tentar convencer congressistas a não aceitar o resultado das eleições de 2020.

GILBERTO BARROS
O apresentador foi condenado a dois anos de prisão pelo crime de homofobia por causa de um comentário feito no programa *Amigos do Leão*. Cabe recurso.

CRISTIANO RONALDO
Na pior fase de sua carreira, o craque português está prestes a ser dispensado do seu time atual, o Manchester United.

BOB WOLFENSON

“Ser brasileiro é trabalhoso.”

ANTÔNIO FAGUNDES, ator, que a partir de 7 de setembro será dom João VI numa série da TV Cultura

“A esquerda deve buscar consensos com a direita e a centro-direita.”

JOSÉ LUIS ZAPATERO, ex-premiê espanhol, de esquerda

“Medo de perder emprego? Sabe quanto dinheiro eu tenho no banco, amigo?”

VÍTOR PEREIRA, treinador do Corinthians, após perder para o Palmeiras. Ele depois pediria desculpa pelo tom para lá de esnobe

“A gente tem de ficar muito feliz, é a evolução da natação, do alto rendimento. Mas vou falar para vocês: não é fácil, para ser sincero. Recorde não é que nem prova, não é como se tivesse perdido na piscina. Fica um sentimento um pouco estranho.”

CESAR CIELO, ao comentar o novo recorde mundial dos 100 metros nado livre, estabelecido pelo romeno David Popovici com o tempo de 46s86. A marca de Cielo era de 46s91 e durou treze anos

“Não gostaria de estar na situação de ter de escolher entre Lula e Bolsonaro. Mas realmente jamais votaria em Lula.”

MARIO VARGAS LLOSA, escritor peruano Prêmio Nobel de Literatura, dando palpite sobre o Brasil

“Teve coisa errada? Ninguém vai negar que não teve. Levou cascudo, tapa ou afogamento. Agora, ninguém pode negar que, pro lado de cá, nós sofremos também.”

JAIR BOLSONARO, batendo sempre na mesma tecla autoritária

“O grande problema é que o cara pode ser católico, umbandista ou ateu, e ninguém questiona o fato. Mas se for evangélico é caracterizado como ‘o evangélico’.”

SILAS MALAFAIA, pastor evangélico

"Acho que os Estados Unidos ainda não entendem o poder e a importância dela."

SHANE LEE LINDSTROM, produtor musical conhecido como Murda Beatz, que vem a ser noivo de Anitta

"Notícias horrorosas, me sentindo enojada. Que ele fique bem."

J.K. ROWLING, a criadora da série *Harry Potter*, no Twitter, ao comentar o criminoso atentado cometido contra o escritor Salman Rushdie. No Twitter, um homem covarde respondeu a Rowling: "Não se preocupe, você é a próxima"

"O machismo também é uma prisão para nós, além de todos os males que provoca às mulheres."

LÁZARO RAMOS, ator, que acaba de estrear o filme *Papai É Pop* ao lado de Paolla Oliveira

"Acho o Instagram e o Twitter sufocantes. Eu me sinto preso quando leio certas coisas a meu respeito na internet e mais recentemente isso estava fazendo muito mal para meu estado de saúde mental."

TOM HOLLAND, o Homem-Aranha do cinema, ao anunciar seu afastamento das redes sociais

"Nunca estive tão apaixonada. Estou obcecada por ele."

ADELE, cantora inglesa, a respeito de seu namorado, o agente esportivo Rich Paul

INSTAGRAM @ADELE

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

OLHO NO COFRE Valdemar: verba de campanha gera brigas em diretórios do PL

Divididos pela ganância

O PL de **Valdemar Costa Neto** e Jair Bolsonaro está em guerra por dinheiro. Onde a ala antiga da sigla manda, os bolsonaristas que migraram com o presidente estão sem verba eleitoral. Nos diretórios controlados pelo bolsonarismo, no entanto, quem sofre é a ala não alinhada ao Planalto. Valdemar vai intervir em alguns estados.

Ciumeira generalizada

O vídeo de Bolsonaro pedindo votos a Hamilton Mourão para o Senado deflagrou uma briga no bolsonarismo. É que o presidente tinha prometido não gravar para candidatos ao Legislativo.

Combate simulado

Bolsonaro vai passar por um treinamento, na segunda, no Rio, para a entrevista de quarenta minutos que dará ao *JN*. "O presidente está se preparando para uma guerra", diz um aliado.

Teste de fogo

Se for questionado sobre o risco de golpe, por exemplo, Bolsonaro dirá que o assunto é uma fantasia. Já se o tema for rachadinha, ele dirá que está lá para falar de realizações do governo. Os aliados imploram a ele para que não ataque as urnas ou ministros do STF.

A voz do povo

Todas as peças da propaganda eleitoral de Bolsonaro na TV vão passar por uma avaliação qualitativa com um grupo de eleitores neste fim de semana. As gravações já foram concluídas.

Erro permanente

Lula e Fernando Haddad podem sofrer uma dura derrota no TSE. As contas de campanha deles, em 2018, foram rejeitadas pela área técnica da Corte por irregularidade nos gastos. O ministro Benedito Gonçalves deu dez dias aos técnicos para terminarem o trabalho.

Movimento calculado

Na posse de Alexandre de Moraes, o cerimonial do TSE havia colocado Lula ao lado de Dilma e Sarney com Temer. Lula pediu para ficar com Temer.

Brinde à democracia

Lula foi logo mostrando a que veio quando sentou ao lado de Temer. "Michel, você ainda tem aquele uísque gostoso lá na sua casa?" O petista quer o apoio do MDB no segundo turno.

Sem mágoas

Lula fez questão de falar com cada um dos ministros do STF que encontrou na posse. "Foi uma reconciliação com a Corte *(após a prisão)*", diz um aliado.

Distância regulamentar

Dilma e Temer não trocaram olhares na posse. "Ela não olhou e eu não olhei para ela. Depois das grosserias, eu é que não iria falar com ela", diz Temer.

Confiança total

O governador Carlos Moisés gostou do que viu na posse de Moraes: "Confiamos no trabalho do TSE em todas as eleições que conduziu", declara.

Agenda cheia

A próxima saia-justa de Bolsonaro será na posse do novo corregedor nacional de Justiça, Luis Felipe Salomão, em setembro. Bolsonaro ouvirá muitos recados em defesa do Judiciário no CNJ.

Perspectiva de poder

Diplomatas da Noruega vão se reunir com o senador Carlos Fávaro, que atua na campanha de Lula junto ao agro, para discutir futuras parcerias com o Brasil, caso o petista seja eleito.

Com reportagem de Gustavo Maia e Lucas Vettorazzo

Mau começo

Aliados de Simone Tebet cobraram sua falta de organização na largada da disputa. “Lançar candidatura com quarenta gatos-pingados não dá”, diz um aliado.

Ex-amigo

Ciro Gomes vai continuar chamando Lula de corrupto nesta campanha. O passado do petista, diz um aliado, é o melhor cabo eleitoral do pedetista.

Racha na Lava-Jato

O Podemos cobrou Deltan Dallagnol a apoiar Alvaro Dias na disputa contra Sergio Moro ao Senado no Paraná. Ele obedeceu e saiu do muro.

Alta quilometragem

Rodrigo Garcia quer tirar de Tarcísio de Freitas o rótulo de mestre de obras. A campanha tucana prepara dados que mostram que o governo paulista, iniciado por João Doria, asfaltou 8 000 quilômetros de estradas, enquanto Freitas fez 4 000 em todo o país.

PABLO JACOB/GOV SÃO PAULO

SOU MELHOR Garcia: comparação com os números de Tarcísio de Freitas

Troca de gentilezas

Paulo Guedes explicou no governo o afago em Dilma no TSE. “Quando era presidente, Dilma me convidou para jantar no Alvorada com Afif, Kassab e Jaques Wagner. Foi muito atenciosa comigo. Só retribuí.”

Qual é a mágica?

A Faria Lima baixou no gabinete de Ciro Nogueira nos últimos dias para cobrar respostas sobre o Orçamento. “Ninguém acredita nas contas do governo para cobrir o rombo da farra eleitoral em 2023”, diz um empresário.

Excesso de vaidade

Pelo tom professoral e arrogante de conversar, Fernando Haddad ganhou um apelido entre empresários paulistas que estiveram com ele recentemente: “Professor de Deus”. Maldade.

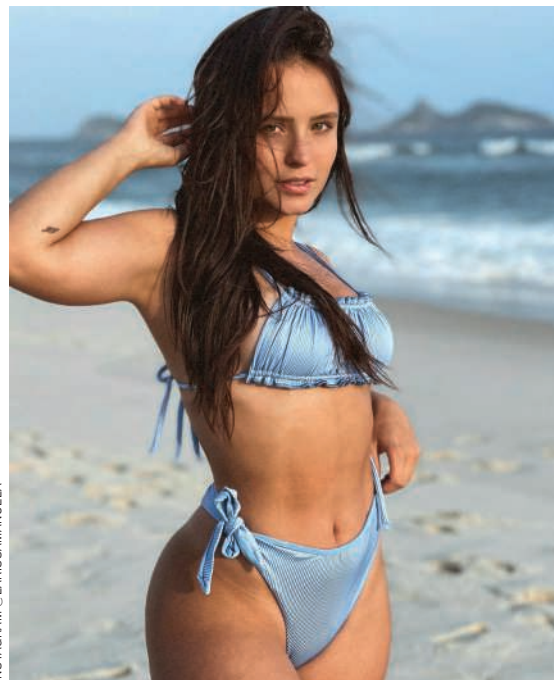
Aposta canina

A Nestlé vai investir quase 1 bilhão de reais em Santa Catarina. Fará a maior fábrica de ração para cães da América Latina, da marca Purina.

Difícil de achar

Criada há dois anos, a nota de 200 reais tem 106 milhões de cédulas em circulação, num total de 21,3 bilhões de reais. Não é nada, se comparado ao 1,7 bilhão de notas de 100 que somam 174 bilhões de reais nas ruas.

Boa causa

A CBF vai reunir figurões do mundo do futebol (Fifa e Conmebol) e militantes da causa negra num seminário sobre racismo. O presidente Ednaldo Rodrigues quer punir clubes com a perda de pontos sempre que um torcedor cometer atos de preconceito nos jogos.

INSTAGRAM @LARISSAMANOELA

JUSTIÇA Larissa: alvo de ação judicial de um produtor de shows

Palavras de um mestre

A Sextante lança em setembro a nova edição de *Cartas a um Jovem Economista,* obra de Gustavo Franco com textos inéditos do ex-chefe do BC.

Briga milionária

A atriz **Larissa Manoela** e seus pais, Silvana e Gilberto, travam uma longa briga na Justiça com um produtor de shows que acusa a família de ter dado um calote num evento em São Paulo. A indenização pedida pelo empresário é de 1,7 milhão de reais. O caso corre na Justiça de São Paulo. Larissa diz que o produtor quer enriquecer à custa dela. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.

LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

A DISPUTA PELO

Bolsonaro e Lula, cada um à sua maneira, apostam nos programas assistenciais para conquistar os eleitores de baixa renda — sem, no entanto, apresentar propostas mínimas para por um ponto-final na pior das tragédias brasileiras

HUGO MARQUES

A dona de casa Maria de Fátima Coimbra de Jesus, de 33 anos, tem seis filhos. A casa dela é de taipa, barro amassado entremeado em tiras de madeira e bambu, tem dois quartos, chão de terra batida e foi construída pela própria família. Não há televisão nem fogão a gás. Maria cozinha com lenha num fogareiro improvisado, e as refeições, quando a sorte ajuda, têm caranguejo ou peixe com farinha, pescados por seu companheiro nas redondezas. "Tem dia que a gente não tem nada para comer. Tem dia que a gente almoça, mas não janta", conta ela. Maria mora em Serrano do Maranhão, que fica a 500 quilômetros de distância por rodovia da capital, São Luís, e ostenta um dos piores índices de desenvolvimento humano (IDH) do país — está na 5461ª posição entre 5 570 municípios. Na cidade, de 15 000 habitantes, 84% da população sobrevive graças ao Auxílio Brasil, programa que foi turbinado por Jair Bolsonaro e se tornou uma de suas principais apostas para diminuir a desvantagem em relação a Lula entre os eleitores mais pobres. O novo valor do benefício, de 600 reais até dezembro, começou a ser pago no último dia 9 a mais de 20 milhões de famílias.

HUGO MARQUES

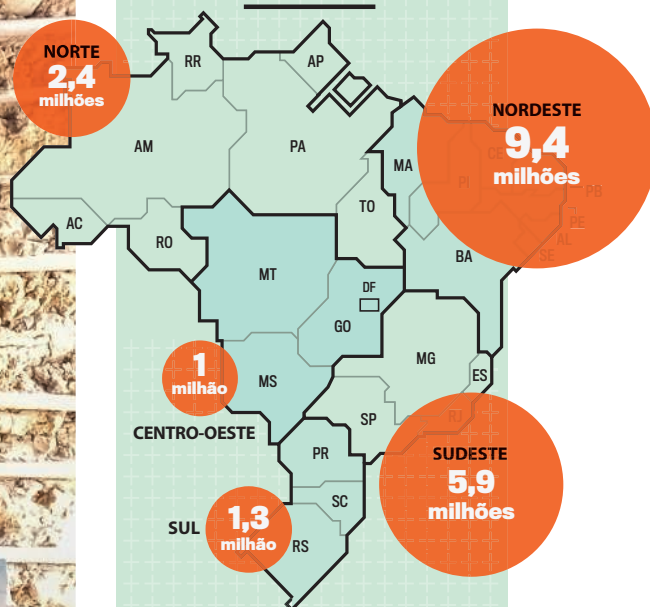
S POBRES

A BASE DO ELEITORADO

No Brasil, 53% dos eleitores – 82 milhões de pessoas – têm renda mensal de até dois salários mínimos

AUXÍLIO BRASIL

O PROGRAMA BENEFICIA 20,2 MILHÕES DE FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE POBREZA E EXTREMA POBREZA

ONDE ESTÃO

EM QUEM VOTAM

LULA LIDERA COM 55% DAS INTENÇÕES DE VOTO E BOLSONARO MARCA 27%. OS DEMAIS CANDIDATOS JUNTOS TÊM 7%, SEGUNDO A MAIS RECENTE PESQUISA GENIAL/QUAEST

TRAGÉDIA Maria de Fátima: moradora de Serrano do Maranhão, um dos municípios mais pobres do país, a dona de casa, que tem seis filhos e já faz parte da segunda geração de dependentes de programas assistenciais do governo, representa um contingente de brasileiros que pode decidir as eleições presidenciais

Jair M. Bolsonaro 1
1.3M abonnés

O AUXÍLIO BRASIL DE R$600 COMEÇOU A SER PAGO ONTEM!

Os primeiros a receber são os beneficiários com
número do NIS de final 1.
Os repasses seguem até o dia 22 para o último grupo do
mês, com final de NIS Zero.

Com a inclusão de mais de 2,2 milhões de novas famílias, um total de 20,2 milhões de famílias em condição de vulnerabilidade social vai receber o mínimo de R$600 neste mês.

Os efeitos do "fica em casa que a economia a gente vê
depois", do "fecha tudo" e de uma guerra que atinge a toda a economia mundial permanecem e, por isso, esse aumento de R$200 no benefício fará diferença para quem mais precisa.

DIVIDENDOS Bolsonaro: pacote de benefícios também é arma para reduzir desvantagem eleitoral

ANDRE BORGES/GETTY IMAGES

A 2000 quilômetros de distância de Serrano, o comportamento de Maria de Fátima está sendo observado com extrema atenção. O plano da dona de casa é usar o dinheiro para comprar arroz, feijão e óleo. Ou seja: espantar a fome, mal que aflige 33 milhões de brasileiros. Com o ensino médio incompleto, ela ainda não sabe em quem votará para presidente, mas deixa claro que seu critério para a escolha do candidato será a ajuda que cada um deu ou dará aos mais necessitados. “Na última eleição, eu votei no Bolsonaro, mas agora estou indecisa. O Bolsonaro ajuda muito, e o Lula ajudou também”. A mãe de Maria, dona Domingas, segue a mesma linha. Analfabeta, ela sustentou a prole de sete filhos com o antigo Bolsa Família e agora vive como aposentada do INSS. A família, portanto, já tem pelo menos duas gerações atendidas por programas de transferência de renda. “Às vezes, meus netos ficam sem comer à noite. A vida da maioria aqui é desse jeito”, lamenta ela. De fato, essa realidade nada edificante é assim não apenas nos recantos maranhenses, mas Brasil afora. As estatísticas mostram que 53% dos eleitores têm renda mensal de até dois salários mínimos. Em razão de seu tamanho, esse grupo deve ser decisivo na corrida presidencial e, por isso, tornou-se prioridade para todas as campanhas.

Até aqui, Lula leva vantagem nesse segmento. De acordo com pesquisa Genial/Quaest divulgada na quarta-feira 17, o ex-presidente tem 55% das intenções de voto entre aqueles com renda familiar mensal de até dois salários mínimos. Bolsonaro marca 27%, e os outros concorrentes somados chegam a 7%. A situação é de certa estabilidade na comparação com o levantamento

AS ESTRATÉGIAS DOS CANDIDATOS PARA CONQUISTAR OS VOTOS DOS MAIS NECESSITADOS

BOLSONARO (PL)

Reajustou o valor do Auxílio Brasil de 400 reais para 600 reais e duplicou o valor do vale-gás

LULA (PT)

Prometeu manter o Auxílio Brasil de 600 reais em 2023 e ampliá-lo para outros setores

CIRO GOMES (PDT)

Anunciou um programa de renda mínima de 1 000 reais para 60 milhões de pessoas

SIMONE TEBET (MDB)

Também prometeu instituir um benefício de renda mínima para eliminar a pobreza extrema

FELIPE D'AVILA (NOVO)

Disse que estabelecerá metas para a erradicação da pobreza extrema em quatro anos

CAPA: FOTO DE YURI A/PEOPLEIMAGES.COM/SHUTTERSTOCK

anterior, realizado duas semanas antes, quando o petista registrou 52% e o ex-capitão, 25%. Entre as duas sondagens, o governo começou a pagar o novo valor do Auxílio Brasil, mas o desembolso, que é feito de forma escalonada, só beneficiou quatro dos dez grupos atendidos a cada mês. A esperança do presidente é que as intenções de voto em seu favor subam à medida que todos os grupos recebam os recursos, tanto em agosto quanto em setembro. A recuperação ganharia tração às vésperas da votação do primeiro turno, em 2 de outubro. A lógica de Bolsonaro é a seguinte: com um pouco mais de dinheiro no bolso e um pouco mais de comida no prato, o eleitorado mais pobre mostrará gratidão a ele. Uma gratidão que, segundo seus coordenadores de campanha, já é visível entre aqueles que têm renda mensal de dois a cinco salários mínimos, beneficiados com o barateamento do preço da gasolina e a recuperação do emprego. Nesse segmento, a vantagem de Lula sobre Bolsonaro caiu de 9 para 4 pontos em duas semanas, conforme a Quaest.

ANDRÉ PENNER/AP/IMAGEPLUS

CONTRADIÇÃO Lula: o ex-presidente critica o governo ao mesmo tempo que promete ampliar o pacote de benefícios caso seja eleito em outubro

Os efeitos da injeção de renda nas regiões mais pobres são visíveis. Em Serrano do Maranhão, formam-se longas filas na lotérica e no posto de atendimento da Caixa nos dias de pagamento do Auxílio Brasil. O dinheiro, como em qualquer canto do mundo, faz a roda da economia girar. Dono de um pequeno açougue, Nelson Ned mata geralmente uma vaca por dia, o suficiente para atender sua clientela cativa, mas tem de duplicar a oferta quando o benefício é repassado aos moradores. “Metade da população não come carne sem ajuda do governo. Muita gente pendura a conta e fala assim: ‘Quando o Bolsonaro liberar o auxílio, eu pago a conta’”, ressalta o açougueiro. Ned, que votou em Fernando Haddad na última eleição, afirma que ainda não escolheu seu candidato a presidente, mas aposta que o Auxílio Brasil impulsionará a campanha de Bolsonaro. “O auxílio representa uns 60% de todas as minhas vendas. O movimento do comércio é nos dez dias do mês que pagam o auxílio. Depois disso, é uma calamidade”, reforça Valmir Pinto, dono de uma mercearia, que também elogia a iniciativa do presidente.

Em segundo lugar nas pesquisas, Bolsonaro aposta no pacote bilionário de benefícios — que inclui, entre outras coisas, a duplicação do valor do vale-gás, pago a 5,6 milhões de famílias — para chegar ao segundo turno com uma pequena desvantagem para Lula, pré-requisito para que haja uma chance mínima de virada. O presidente e seus aliados têm feito uma intensa divulgação do novo Auxílio Brasil destacando alguns pontos, como o fato de o valor desembolsado até o fim do ano ser três vezes maior do que a média do benefício do antigo Bolsa Família (189 reais). Os bolsonaristas também ressaltam que o Auxílio Brasil incorporou mais 2,2 milhões de famílias, totalizando 20,2 milhões de famílias beneficiadas. “Os efeitos do ‘fica em casa que a economia a gente vê depois’, do ‘fecha tudo’ e de uma guerra que atinge toda a economia mundial permanecem e, por isso, esse aumento de 200 reais no benefício fará diferença para quem mais precisa”, escreveu o presidente numa rede social. Na prática, o mandatário e seu rival Lula disputam o coração, o bolso e o voto dos mais pobres. O PT

SILVIO AVILA

ORGULHO Prosperidade: o Brasil desenvolvido produz alimentos para abastecer os maiores mercados do mundo

dá como certo que Bolsonaro ganhará algum terreno com o avanço do pagamento dos benefícios, mas já reage a fim de conter danos eleitorais.

Integrantes do partido têm dito publicamente que Bolsonaro nunca se preocupou de verdade com os mais pobres e só turbinou o Auxílio Brasil quando percebeu que corria sério risco de ser derrotado por Lula. O presidente não teria agido por sensibilidade social, mas por mera urgência eleitoral. Lula também tem explorado a inflação para dizer que o reajuste do Auxílio Brasil não é capaz de neutralizar a carestia dos alimentos. Num discurso direto, o ex-presidente alega que o pobre hoje come menos e vive pior do que quando ele governava o país. "O eleitor pobre, principalmente das regiões Norte e Nordeste, é um eleitor grato. Ele é grato às políticas sociais do Lula, como Bolsa Família e Luz para Todos, que melhoraram diretamente a vida das pessoas mais pobres", afirma o cientista político André Rosa, especialista em relações governamentais pelo Ibmec. "O presidente Bolsonaro está tentando buscar esse eleitor com os programas sociais como o Auxílio Brasil", acrescenta. Nessa disputa pela gratidão dos desassistidos, os candidatos ao Palácio do Planalto têm recorrido a muito palavrório inócuo e a pouca proposta consistente *(veja o quadro na pág. 26).*

Bolsonaro, que aumentou o valor do Auxílio Brasil para 600 reais até dezembro, agora fala em prorrogá-lo se conquistar a reeleição. "Ele percebeu a bobagem e agora está dizendo que vai continuar. Se quisesse continuar, fazia sem colocar o fim em dezembro", provocou Lula. Já o ex-presidente prometeu que tornará permanente o valor de 600 reais e que incluirá novos beneficiários no programa, como mães-solo. Em terceiro lugar nas pesquisas, Ciro Gomes anunciou um programa de renda mínima de 1000 reais para 60 milhões de pessoas. Na quarta colocação, Simone Tebet também prometeu instituir um benefício de renda mínima para eliminar a pobreza extrema. Como se sabe, medidas emergenciais são necessárias para atenuar a fome e a pobreza no curto prazo, mas não são capazes de resolver esses dois problemas estruturais. É aí que está o nó da questão: os candidatos estão mais preocupados em ganhar a eleição através da empulhação do que com a elaboração de propostas capazes de mudar realmente a realidade dos mais necessitados. Pelos programas de governo apresentados até aqui, a família de Maria e a de dona Domingas vão para mais

MICHEL SETBOUN/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

VERGONHA Miséria: O Brasil medieval ainda tem 23 milhões de pessoas que vivem com menos de 7 reais por dia

uma geração na condição de beneficiárias de programas assistencialistas.

Como destaca a Carta ao Leitor desta edição de VEJA, há décadas fome e miséria servem de combustível para a demagogia — e não há no horizonte perspectiva de mudança. Esse quadro não mudou na campanha presidencial de 2022. "A gente foi incapaz enquanto país de criar um sistema, especialmente para a Região Nordeste, que pudesse tirar as pessoas da pobreza. A China tirou 700 milhões de pessoas da pobreza entre 1978 e 2022, três Brasis e meio. Eles fizeram isso com planejamento, políticas públicas estruturadas e, principalmente, mantidas a longo prazo", diz o economista William Baghdassarian, professor do Ibmec. "O problema do Brasil é que as políticas públicas nem sempre são mantidas com a troca de governantes, e as decisões políticas não são feitas com o objetivo de tirar as pessoas da pobreza." A prioridade é ganhar a eleição, com ou sem propostas concretas, tanto faz para os candidatos. Outra prova disso foi o primeiro dia oficial de campanha, na terça-feira 16, quando Lula e Bolsonaro também travaram o primeiro duelo. Foi uma demonstração desalentadora do baixíssimo nível que infelizmente tende a ser a marca registrada da disputa presidencial.

Em diferentes atos públicos, o petista afirmou que o rival está "possuído pelo demônio" depois de criticar a postura negacionista de Bolsonaro em relação à pandemia de Covid-19. Já o presidente — mantendo o sarrafo do debate no chão — insinuou que, se Lula for eleito, o povo será proibido de acreditar em Deus. Em busca de apoio entre os religiosos, os candidatos começaram muito mal, agredindo a inteligência alheia, para dizer o mínimo. Há décadas se fala da necessidade premente de acabar com o abismo que gerou dois países diferentes: o Brasil rico e desenvolvido e Brasil pobre e medieval. O primeiro se orgulha de produzir alimentos suficientes para abastecer os maiores mercados do mundo. O segundo tem 23 milhões de pessoas vivendo com menos de 7 reais por dia. O número revela o agravamento de uma chaga secular, para a qual os candidatos a presidente não estão dedicando a devida atenção. No Brasil real, a maioria miserável permanece quase sempre invisível, com exceção, talvez, do período eleitoral, quando é alvo de disputa renhida e lugares como Serrano do Maranhão, mesmo a 2000 quilômetros de Brasília, passam a merecer alguma atenção. ■

Colaborou Leonardo Caldas

UM DIA HISTÓRICO

Como a posse de Alexandre de Moraes no TSE se tornou uma memorável demonstração de força das instituições contra qualquer tentativa de retrocesso **REYNALDO TUROLLO JR.** E **DIOGO MAGRI**

NO PASSADO, o Tribunal Superior Eleitoral já tomou decisões importantes que tiveram grande impacto nas eleições presidenciais que se avizinhavam. São exemplos disso a decisão que negou o registro de candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com base na Lei da Ficha Limpa, em 2018, a que impediu o apresentador Silvio Santos de concorrer por ocupar cargo de direção em emissora de TV, em 1989, e a que rejeitou a cassação da chapa Dilma Rousseff-Michel Temer, em 2017, preservando o mandato do emedebista. Nada se compara, porém, à noite histórica da última terça-feira, 16, por ocasião da posse do ministro Alexandre de Moraes na presidência da Corte. Em um contexto de ataques frequentes à credibilidade das urnas eletrônicas e aos juízes responsáveis pelo

ANTONIO AUGUSTO/SECOM/TSE

CENA INÉDITA
Ex-presidentes e o atual, ministros do Supremo, PGR e líder do Congresso: a noite da legalidade

processo eleitoral, o evento se tornou uma eloquente demonstração de força das instituições da República.

Autoridades como quatro ex-presidentes (José Sarney, Lula, Dilma Rousseff e Michel Temer, em reunião inédita no TSE), 22 governadores, deputados e senadores, além dos outros dez membros do Supremo Tribunal Federal e vários ministros aposentados, aplaudiram de pé trechos do contundente discurso de Moraes — que, mais do que defender os equipamentos, enalteceu valores democráticos universais. "Somos a única democracia do mundo que apura e divulga os resultados eleitorais no mesmo dia, com agilidade, segurança, competência e transparência. Isso é motivo de orgulho nacional", disse o magistrado, tendo ao seu lado um visivelmente constrangido Jair Bolsonaro (PL). Moraes também prometeu que a Corte será implacável com a disseminação de *fake news*. "A Justiça Eleitoral não autoriza que se propaguem mentiras que atentem contra a lisura, a normalidade e a legitimidade das eleições. Liberdade de expressão não é liberdade de agressão, de destruição da democracia, das instituições, da dignidade e da honra alheias. Liberdade de expressão não é liberdade de propagação de discursos de ódio e preconceituosos", afirmou.

Um dos pontos mais marcantes do evento foi que até inimigos se juntaram para prestigiar a posse. Dilma e Temer, por exemplo, sentaram-se na primeira fileira da plateia, a duas cadeiras de distância um do outro (cuidado adotado pelo cerimonial para evitar saia justa). Eles não se falaram e continuam a não

se gostar, mas estavam ali próximos, simbolizando que há limites que não devem ser ultrapassados — e o respeito às instituições é um deles. A robusta reunião de autoridades, aliás, reforçou o isolamento político de Bolsonaro. Ele e seu filho Zero Dois, o vereador carioca Carlos Bolsonaro (Republicanos), foram os únicos que não acompanharam a graduadíssima plateia na reação entusiasmada ao discurso.

Bolsonaro sabia que passaria por embaraços na cerimônia e, por isso, segundo interlocutores do governo, cogitou faltar e discutiu o assunto com ministros como Ciro Nogueira (Casa Civil) e Fábio Faria (Comunicações), que também compareceram ao evento. A avaliação foi que, deixando de ir, o presidente reforçaria a ideia de que tem índole golpista. Para alguns bolsonaristas que permaneceram no convescote oferecido a Moraes após a cerimônia de posse, houve até um lado positivo na imagem de Bolsonaro paralisado e com a cara fechada enquanto seu inimigo número 1 no STF era aplaudido por toda a elite política e jurídica: assim, ele poderia reforçar a fama de outsider, muito bem utilizada na campanha de 2018 — apesar de ele ter sido deputado por quase trinta anos. Mas em reuniões internas, políticos envolvidos com a campanha admitiram que Moraes demonstrou prestígio e força política com a realização do evento.

A presença de Bolsonaro no TSE representou o capítulo mais recente de uma articulação política que tenta aliviar o clima de tensão criado pelo próprio presidente e seus seguidores mais radicais. Integrantes de sua campanha destacam que naquele mesmo dia Bolsonaro esteve em um ato eleitoral em Juiz de Fora (MG), local onde foi alvo de uma facada em 2018, e se absteve de atacar as urnas e o Judiciário. Mirou sua artilharia no PT e reiterou sua pauta conservadora. Considerando-se o comportamento errático do capitão, há sempre a dúvida a respeito do comportamento dele daqui por diante. Pelo menos até a última quinta, 18, Bolsonaro não havia voltado a dizer que as urnas são fraudáveis — algo inverídico — ou que os ministros do Judiciário estão atuando para eleger Lula, outra mentira. Políticos do Centrão respiraram aliviados, dentro da avaliação de que os ataques de Bolsonaro não ajudam em nada a sua própria performance. Na opinião deles, que por ora parece estar prevalecendo, é melhor centrar fogo agora em Lula e enaltecer medidas recentes do governo, como o pacote de bondades que aumentou o valor do Auxílio Brasil para 600 reais.

Na quarta 17, o dia seguinte à solenidade no TSE, as palavras de Moraes continuavam ecoando. Conforme informação publicada pela coluna Radar, de VEJA, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), disse a empresários do setor de comunicação que "a posse do novo presidente do TSE foi uma data histórica para o país, com densidade política e institucional". A primeira agenda de Moraes à frente da Corte foi uma reunião com os presidentes dos TREs (Tribunais Regionais Eleitorais), responsáveis pelas eleições nos estados. Segundo relato de um dos presentes, o ministro ouviu ali vários elogios pela potência de seu discurso na véspera.

Nada na cerimônia ocorreu por acaso. Um exemplo de algo inédito em comparação com solenidades anteriores foi a presença de embaixadores de cerca de quarenta países. A partir de uma ideia do próprio Moraes, a assessoria internacional do TSE se empenhou pela confirmação de presença das autoridades estrangeiras. Tratou-se de uma resposta clara à iniciativa de Bolsonaro de convocar, no mês passado, os representantes das missões diplomáticas em Brasília para uma reunião na qual o chefe do Estado brasileiro falou

ANTONIO AUGUSTO/SECOM/TSE

CHEGA DE CONFUSÃO Pacheco, Moraes e Bolsonaro: recado claro de que ataques às urnas não serão aceitos

ANTONIO AUGUSTO/SECOM/TSE

PILAR DEMOCRÁTICO Ministros do

REPRODUÇÃO

CLIMA DE PAZ Carlos Bolsonaro: cumprimento a Alckmin, vice de Lula

STF: o tribunal saiu ainda mais fortalecido contra as investidas dos radicais bolsonaristas

ANTONIO AUGUSTO/SECOM/TSE

mal do próprio processo eleitoral do país. Do mesmo modo, também foi simbólica a participação massiva de governadores de estado, incluindo nomes de aliados de Bolsonaro, como Cláudio Castro (PSC-RJ), Ratinho Junior (PSD-PR) e Wilson Lima (União Brasil-AM). Afinal, uma eventual contestação das urnas não atrapalharia somente a eleição para presidente, mas também os pleitos estaduais, o que, por motivos óbvios, ninguém deseja que aconteça.

O evento ocorreu em um momento em que as ameaças à democracia, às instituições e ao processo eleitoral têm passado por uma escalada nas redes sociais. Um levantamento da cientista política Ana Julia Bonzanini Bernardi, do Núcleo de Pesquisa em América Latina da UFRGS, apontou mais de 17 000 publicações nas plataformas YouTube, TikTok, Facebook, Instagram, Twitter e Gettr entre os dias 1º e 14 de agosto que fazem menção ao TSE, ao STF e a ministros como Moraes, Edson Fachin e Luís Roberto Barroso. É uma quantidade 25% maior que nas duas semanas anteriores. A grande maioria (cerca de 80%) dos posts está concentrada no Facebook e no Twitter, as duas redes sociais mais populares, e tem origem em perfis de extrema direita, que buscam desmoralizar o processo de votação.

Além de não trazer votos novos a Bolsonaro, a tática de colocar sob suspeita a eleição, muitas vezes à base de informações falsas, certamente ficará mais arriscada com Moraes no TSE. No Supremo, ele já tem sob sua guarda os inquéritos das *fake news* e das milícias digitais, grupos organizados que têm atacado as instituições. Daqui para a frente, o ministro promete ser ainda mais implacável contra qualquer ameaça, sobretudo a menos de dois meses para as eleições. É uma postura que só pode merecer aplausos dos brasileiros que confiam em nossa democracia. ■

QUÓRUM MÁXIMO Ciro Gomes: políticos foram em peso ao evento

A TURMA REUNIDA Max Bolsonaro, Jair Bolsonaro, Fabrício Queiroz e Hélio Bolsonaro: reclamações, intrigas, maledicências e até ameaças veladas

ATÉ QUE A ELEIÇÃO OS SEPARE

Quatro amigos íntimos de Jair Bolsonaro decidem concorrer nas eleições de outubro e se desentendem ao buscar o apoio do presidente da República **RICARDO CHAPOLA**

DEPOIS DE TENTAR se eleger duas vezes sem êxito, em 2018 o subtenente do Exército Hélio Lopes decidiu fundir sua imagem à do então candidato à Presidência Jair Bolsonaro. Com a autorização do amigo de longa data, trocou o sobrenome eleitoral. Nas urnas eletrônicas, Hélio Lopes virou Hélio Bolsonaro, investiu 45 000 reais em sua campanha e galgou o posto de deputado federal mais votado do Rio de Janeiro, arregimentando surpreendentes 345 000 votos, superando políticos tradicionais como Marcelo Freixo (PSB) e Alessandro Molon (PSB). Nos últimos anos, ele vinha se preparando para voar ainda mais alto. A presença constante em solenidades oficiais ao lado do presidente lhe garantiu uma exposição suficiente, em tese, para uma reeleição ainda mais tranquila. Mas, ao que tudo indica, não será simples assim — a tarefa pode, inclusive, acabar sendo bastante complicada. Hélio Negão, como é conhecido no Congresso, ou Hélio Bolsonaro, como ele se registrou na Jus-

tiça Eleitoral mais uma vez, terá pela frente adversários de peso disputando o mesmo espaço, os mesmos eleitores e lançando mão do mesmo estratagema: a proximidade com o presidente. Há mais um detalhe: os concorrentes são amigos entre si.

Um deles é Max Bolsonaro — na verdade Max Guilherme Machado de Moura, ex-sargento do Bope. Ele é a aposta número 1 para aumentar a bancada bolsonarista do Rio de Janeiro no Congresso. Ao contrário de Hélio Negão, que convive com Jair desde os tempos da caserna, o policial é o amigo mais recente. Ele e o presidente se conhecem há quase uma década, mas se aproximaram muito na campanha de 2018, quando o militar integrou a equipe de segurança do então candidato. Depois da eleição, Max foi nomeado para um cargo de assessor no Palácio do Planalto, onde era encarregado de missões variadas que iam da coleta de informações de interesse da família Bolsonaro à produção de conteúdo para as redes sociais. Consta que o policial cumpriu as tarefas de maneira tão diligente que conquistou definitivamente a confiança do chefe. Em retribuição, o presidente se comprometeu a atuar pessoalmente na campanha do sargento, pedindo votos para ele, o que gerou ciumeira e certo desconforto junto a outros amigos de Bolsonaro que também vão disputar as eleições em outubro.

Max Bolsonaro se filou ao PL, o mesmo partido de Hélio Bolsonaro, legenda que também acolheu outro grande amigo do presidente que almeja estrear em breve na política: o ex-subtenente da Marinha Waldir Ferraz. Jacaré, como é conhecido, assessorou Bolsonaro na Câmara Municipal do Rio de Janeiro e no Congresso Nacional. Ele se apresenta como o amigo 00 do presidente. Em 2020, tentou, sem sucesso, uma vaga de vereador. Agora filiado à mesma legenda de Jair, aposta na proximidade com

REBAIXADO Fabrício Queiroz: pressão para abandonar candidatura e dossiê

o presidente como principal ativo eleitoral para conquistar um gabinete na Câmara dos Deputados. Ferraz, no entanto, ainda não obteve a garantia de que contará realmente com essa ajuda do mandatário. Os dois andaram se estranhando no início deste ano, depois de o ex-subtenente confirmar a VEJA a existência do notório esquema de rachadinhas no gabinete do então deputado estadual Flávio Bolsonaro. Na entrevista, o militar isentou Jair Bolsonaro e o filho de responsabilidade no caso, mas acabou comprometendo indiretamente o ex-PM Fabrício Queiroz, outro parceiro do presidente que vai concorrer a um cargo eletivo em outubro.

O escândalo da rachadinha fez de Fabrício Queiroz o amigo mais conhecido do presidente da República. Até dias atrás, o policial tinha a cer-

CIUMEIRA O “novo amigo” Max: o presidente vai pedir votos para o ex-segurança

"TEM VOTO PARA TODO MUNDO"

Deputado de primeiro mandato e recordista de votos em 2018 no Rio ao colar sua imagem à do presidente, Hélio Negão disputará em outubro não só um novo mandato no Congresso, mas também espaço cativo entre bolsonaristas pelo posto de quem empenha mais fidelidade ao ex-capitão.

O senhor foi eleito com o nome do presidente Bolsonaro, que agora anunciou apoio a outros candidatos. Se sente abandonado? Tenho uma amizade de mais de vinte anos com o presidente. Somos irmãos. Estou torcendo para que outras pessoas próximas dele, como o Max Guilherme, também vençam. Tem voto para todo mundo. Se eu tiver de ganhar, vou ganhar, inclusive vou colocar o nome do presidente novamente junto ao meu na campanha.

Essa união entre os apoiadores de Bolsonaro inclui também o ex-PM Fabrício Queiroz? Só tenho contato com o Queiroz pelas matérias que saem na imprensa. Ele está vivendo a vida dele e eu, a minha. A gente se afasta naturalmente de algumas pessoas, sem uma razão ou outra. A vida tem suas consequências.

A razão desse afastamento é o caso das rachadinhas? Eu não tenho o que falar sobre rachadinha. Não entendo por que focaram tanto em Flávio, Flávio, Flávio. A gente sabe que houve rachadinha com outros parlamentares na Alerj, mas no que eu conheço do Flávio ele não ia fazer isso. Flávio é um cara leal, muito correto e acredito nele. Sei que ele não fez coisa errada.

Sem a onda que elegeu Bolsonaro em 2018 é mais difícil para um bolsonarista como o senhor ser reeleito? A eleição vai ser diferente e tem de ser. Voto e carona só ganha quem pede. As pessoas falam assim: "Eu votei no deputado Hélio porque ele andava com o presidente, defende os princípios dele, pátria e família". Dentro desses princípios eu fui leal ao presidente e sempre estive próximo. Acho que eu cumpri esse papel. Espero esse retorno.

MARCOS CORRÊA/PR

AMIGÃO Hélio Bolsonaro: "Na minha infância e juventude não tinha racismo"

Bolsonaro já foi processado por racismo por comparar negros a bois, e o senhor foi utilizado como exemplo de que o presidente não seria racista. Eu mesmo nunca sofri racismo. Na minha infância e juventude não tinha esse negócio de racismo. Era negão, gordão, orelhudo, cabeçudo, leite azedo e se levava tudo na esportiva. Existem muito menos casos de racismo do que os que aparecem. Os poucos casos de racismo que ocorrem devem ser punidos com severidade, mas é preciso colocar no contexto. Não se pode pegar o tema e simplesmente banalizar.

Para o senhor, o que seria um caso de racismo? Uma atitude racista é aquela que promove discriminação com uso de violência física, moral ou psicológica, como ocorreu recentemente com um médico francês que simplesmente agrediu um porteiro no Rio pelo fato de ele ser preto, chamando-o de macaco. Isso tem de ser punido. Também é racismo, e nesse caso aceito por muitos, quando pardos são discriminados em universidades pelo fato de não se encaixarem nas cotas de pretos. Eu já fui chamado de capitão do mato e de negro da Casa Grande, mas não considero racismo. Já estou acostumado. Se eu fosse um cara de esquerda, só pela palavra "negão" eu já estava processando.

Por que o senhor é contra as cotas raciais? O Estatuto da Igualdade Racial foi um erro. O termo já causa espanto e sugere que igualar as raças só favorece a raça negra. Por que só negro tem cota em concurso público? Eu conheço a pobreza e ela não tem cor nem raça de estimação. A pessoa é pobre não porque seja preta, parda ou branca. Por isso defendo o Estatuto da Oportunidade Social, que permitirá melhores oportunidades para quem realmente precisa.

Leonardo Caldas

teza de que contaria com o apoio do clã Bolsonaro para disputar uma vaga na Câmara dos Deputados pelo PTB, apesar de seu passado conturbado. Segundo o Ministério Público, Queiroz, durante quatro anos, confiscava parte dos salários dos funcionários do gabinete de Flávio Bolsonaro na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) e repassava o dinheiro arrecadado ao parlamentar. Chegou a ser preso por isso. O processo, porém, acabou anulado por questões técnicas, e ele, livre, decidiu tentar a sorte na política. O ex-PM planejava, como os outros amigos, explorar politicamente a proximidade que tem até hoje com a família. A eleição, acreditava, seria uma barbada. Mas não deu certo. Pouco antes do registro das candidaturas, Queiroz foi convencido a desistir do plano original e concorrer a uma vaga na Alerj, onde, teoricamente, teria mais chances de sucesso. Ele aceitou o conselho, mas não ficou nem um pouco satisfeito com o desfecho da situação. Sabe que foi preterido, sabe por que e em benefício de quem.

Na pré-campanha, Queiroz já havia percebido que enfrentaria resistências. Ao perceber que Max estava se apresentando como o predileto do presidente, ele postou um vídeo em que chamava o amigo de "mentiroso". A gravação era um comentário irônico sobre uma mensagem publicada por Max, na qual ele explicava como havia chegado ao Planalto. "Tem que agradecer a Deus mesmo, Max. Por ter me conhecido, por eu ter te ajudado a ser policial, ter te pegado pelo braço e dado esse emprego junto ao presidente", escreveu. Queiroz já havia reclamado também de Hélio Negão e Waldir Ferraz. No ano passado, o ex-PM publicou a seguinte mensagem ao lado da imagem que abre esta reportagem: "Faz tempo que eu não existo para esses três papagaios aí! Águas de salsicha literalmente! Vida segue", escreveu. Há duas semanas, ele confidenciou a uma pessoa próxima que estava passando por dificuldades financeiras, se sentia pressionado e abandonado pelos amigos. Disse, inclusive, que tinha medo de sofrer alguma retaliação mais grave diante de segredos que sempre guardou para proteger a família do presidente. Por questão de segurança, contou que teria feito um relato escrito de tudo que considerava importante registrar sobre seu passado, tirou algumas cópias do material e as enviou a Brasília. Alguns interpretaram a notícia sobre a existência desse dossiê como uma ameaça velada. Outros, como uma chantagem explícita.

ESCANTEADO Waldir Ferraz: rusgas com Bolsonaro por causa da rachadinha

Havia, desde janeiro, um esforço muito grande de uma ala bolsonarista para tentar convencer Fabrício Queiroz a desistir de ingressar na política. Como não foi possível, especialmente depois dos tais documentos enviados a Brasília, empurrá-lo para a disputa estadual foi a melhor opção encontrada para manter o ex-policial afastado do debate nacional. Bolsonaro, em sua campanha, pretende desgastar seu principal adversário, o ex-presidente Lula, pelo flanco mais vulnerável do petista — o da ética. O presidente sabe, porém, que haverá contra-ataque, e que esse contra-ataque, se acontecer, deve mirar exatamente as relações dele, Bolsonaro, com Fabrício Queiroz, o filho hoje senador e o escândalo da rachadinha. Antes de trabalhar no gabinete de Flávio, Queiroz, como se sabe, assessorou o próprio Jair. Os dois são amigos há mais de trinta anos. Mas o fato é que a política já disseminou desconfianças e abalou a camaradagem do grupo. A campanha eleitoral que está começando pode comprometer de vez esses laços fraternos. ■

TÃO PERTO, TÃO LONGE

Na dianteira da corrida ao governo de São Paulo, Fernando Haddad tenta levar o PT a uma vitória inédita no estado, mas tem pela frente uma longa lista de obstáculos **JOÃO PEDROSO DE CAMPOS**

DERROTADO no segundo turno da eleição presidencial de 2018 por Jair Bolsonaro, o ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad mantém, quatro anos depois, tons nacionais em sua retórica como candidato do PT, agora ao governo de São Paulo. Haddad iniciou a campanha na terça 16, com uma caminhada pelo centro da capital paulista e, em seguida, um comício ao lado do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em frente à fábrica da Volkswagen em São Bernardo do Campo. No primeiro compromisso, rebateu os ataques que Jair Bolsonaro e a primeira-dama, Michelle, têm feito a Lula no campo da religião. Na cidade do ABC, berço político do ex-presidente, previu uma "jornada dura" contra "quem mente sete vezes por dia". Maior colégio eleitoral do Brasil, com 34,6 milhões de eleitores (22% do país), São Paulo tem de fato um imenso peso na disputa presidencial. Mas a missão de Haddad vai além de ajudar Lula, a quem aceitou substituir 26 dias antes da votação de 2018. Ele encarna agora a maior chance que o PT já teve de comandar o estado onde a legenda nasceu. Segundo as pesquisas Ipec e Quaest, larga com um pé no segundo turno, coisa que o partido só conseguiu uma vez em dez eleições que disputou no estado, a última delas há vinte anos.

Os adversários olham com desdém o atual favoritismo e, nos bastidores, adoram contar que, além da chegada certa de Haddad ao segundo turno, é certo também que acabará sendo derrotado na reta final. Ironias à parte, até entre os petistas há a percepção de que, apesar da ótima largada, há sérios

SUAMY BEYDOUN/AGIF/AFP

DESAFIO ELEITORAL

Liderança nas pesquisas não garante uma vida tranquila ao candidato, que tem a maior rejeição

* Pesquisa Ipec

** Pesquisa Genial/Quaest

obstáculos a serem superados no caminho. Para começar, isso passa por derrotar duas grandes forças políticas em São Paulo: o bolsonarismo e o tucanismo. Segundo as sondagens eleitorais, o governador Rodrigo Garcia (PSDB) e o ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos) travam uma briga equilibrada pela segunda posição. Garcia comanda o maior orçamento estadual do país, sentado na cadeira que o PSDB ocupa desde a vitória de Mario Covas em 1994. Já Tarcísio foi escolhido pessoalmente por Bolsonaro, que recebeu dois de cada três votos dos paulistas (67%) no segundo turno de 2018 contra o mesmo Haddad. O presidente perdeu popularidade no estado, onde Lula lidera na maioria das pesquisas, mas tem recuperado terreno recentemente e empatou tecnicamente com o petista no último levantamento da Quaest (37% para Lula e 35% para Bolsonaro).

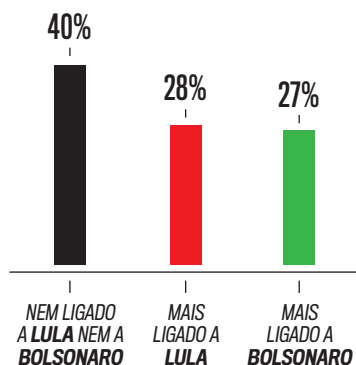
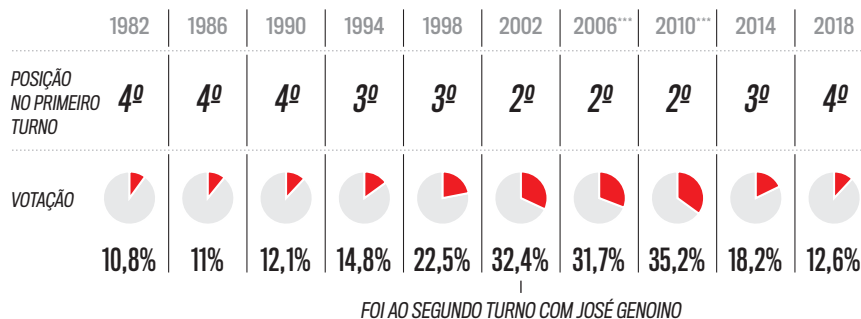
Além desses adversários, o PT enfrenta forte resistência ao partido, principalmente no eleitorado do interior, de perfil mais conservador. Outro complicador é a rejeição ao próprio Haddad: segundo a Quaest, 49% dizem que não votariam no petista de jeito nenhum, número que cai para 32% no Ipec — nos dois casos, ele é disparado o mais rejeitado *(veja o quadro abaixo)*. Se não bastasse o an-

TABU À PAULISTA Haddad em campanha no centro paulistano: o ex-prefeito larga com um pé no segundo turno, aonde o petismo não chega há vinte anos

O GOVERNADOR DEVE SER**

HISTÓRICO DO PT EM SP

	1982	1986	1990	1994	1998	2002	2006***	2010***	2014	2018
POSIÇÃO NO PRIMEIRO TURNO	4º	4º	4º	3º	3º	2º	2º	2º	3º	4º
VOTAÇÃO	10,8%	11%	12,1%	14,8%	22,5%	32,4%	31,7%	35,2%	18,2%	12,6%

FOI AO SEGUNDO TURNO COM JOSÉ GENOINO (2002)

*** O partido ficou em segundo, mas a eleição foi decidida no primeiro turno

tipetismo, Haddad carrega o fardo de ter saído da prefeitura paulistana com uma péssima avaliação, sendo derrotado na tentativa de reeleição em 2016 pelo tucano João Doria, em primeiro turno. "Haddad tem rejeição na capital por ter sido um péssimo prefeito e, no interior, por representar o PT", resume o presidente do PSDB no estado, Marco Vinholi. O antipetismo paulista é uma verdade das urnas: apenas em 2002, um candidato do partido venceu a eleição presidencial (com Lula), não por coincidência também o ano em que foi pela primeira e única vez ao segundo turno estadual, com José Genoino, derrotado por Geraldo Alckmin, então no PSDB e hoje no PSB, na votação final.

Por ironia, o "carrasco" de 2002 é agora uma das esperanças do petismo no estado. Haddad tem a seu lado tanto Alckmin, que administrou São Paulo por quatro mandatos e agora é candidato a vice de Lula, quanto Márcio França (PSB), que também foi governador de São Paulo e disputará uma cadeira de senador em sua chapa — a mulher do pessebista, Lúcia França, é a vice de Haddad. "Alckmin governou por catorze anos, é muito respeitado, um grande aliado no diálogo com o interior, um grande fiador", diz o coordenador do plano de governo de Haddad, o deputado estadual Emidio de Souza, para quem as agendas com o ex-tucano serão "decisivas". A fama de ser um "petista com cara de tucano", como brincam aliados, e o perfil mais moderado que o de Lula também são citados como elementos para torná-lo mais simpático a um eleitorado tradicionalmente distante do PT. A ideia é atrair paulistas com "perfil Mario Covas". "Aquele eleitor com dificuldade de votar em Garcia, por considerá-lo mais conservador e liberal, e que não vota em Tarcísio", resume Márcio França.

A campanha já mira o eleitorado mais conservador. Aparições de Haddad ao lado da esposa, Ana Estela, assim como Alckmin e França com suas respectivas mulheres, são vistas como estratégia de imagem a ser usada — os três aliados costumam brincar entre si que eles, somados, já têm mais de 100 anos de casados. Para o agro e os pequenos produtores, cogita-se um programa para dobrar as safras em quatro anos, além de propostas para expandir ferrovias que barateiem o escoamento da produção. Na capital, a ideia é defender marcas da gestão de Haddad como prefeito, em tópicos da mobilidade urbana, como corredores de ônibus, ciclovias, bilhete único mensal e passe livre a estudantes, e, na saúde, a Rede Hora Certa.

Se os ex-adversários, de perfil mais centrista, podem ajudar a atrair o eleitorado conservador do interior, o petista, por outro lado, conta com a maior aliança de esquerda já fechada no estado, com o apoio do PSB de França e Alckmin, do PSOL de Guilherme Boulos e da Rede de Marina Silva, entre outros. Do outro lado do espectro, à direita, Tarcísio tentará colar sua imagem à de Bolsonaro, ainda mais se o Auxílio Brasil turbinado e a melhora dos indicadores

RONALDO SILVA/FUTURA PRESS

FÉ NO PADRINHO Tarcísio: o candidato vai colar em Bolsonaro em São Paulo

WILLIAM MOREIRA/FUTURA PRESS

TRUNFOS Rodrigo Garcia: exército de prefeitos e distância da polarização

econômicos alavancarem ainda mais a popularidade do presidente entre os paulistas, como já vem ocorrendo. "O objetivo é fazer com que a população saiba que Tarcísio é o candidato de Bolsonaro. A prioridade número 1 é acompanhar a agenda do presidente em São Paulo", sintetiza Felicio Ramuth (PSD), vice na chapa bolsonarista.

Uma das estratégias definidas para Haddad nesta fase da disputa é tentar fugir o máximo possível de confrontos, deixando Tarcísio e Garcia sozinhos numa luta para tentar ver qual deles chegará ao segundo turno. Enquanto o bolsonarista estagnou depois de uma boa largada, o tucano vem crescendo à medida que seu nome se torna mais conhecido: dobrou as intenções de votos de março a julho e, segundo as últimas pesquisas, encontra-se empatado com o adversário dentro da margem de erro. Além do retrospecto positivo do PSDB, conta com a máquina do governo, com o apoio de 572 prefeitos (de um total de 645 municípios) e com 50 bilhões de reais em caixa para inaugurar obras neste ano. Tem ainda a seu favor o fato de que, segundo a Quaest, 40% querem um governador que não seja ligado nem a Lula nem a Bolsonaro. Na propaganda eleitoral, o tucano tentará reforçar a posição de centro dizendo que é "um pouco de esquerda", por ter preocupação com as desigualdades sociais, e de direita, por defender um Estado enxuto. Não por acaso, ele é visto pela campanha petista como um adversário muito mais perigoso num segundo turno — caso se confirme essa hipótese, ela engordará a considerável lista de obstáculos a serem vencidos por Haddad na corrida ao Palácio dos Bandeirantes. ■

MURILLO DE ARAGÃO

ATÉ AGORA, TUDO BEM

Em política, porém, tudo pode acontecer. Até mesmo nada de mais

PASSAMOS do meio de agosto e, até agora, tudo bem. Os ventos não ultrapassaram intensidade razoável, parte expressiva da sociedade civil se manifestou a favor da democracia e os polos de atrito entre Executivo e Judiciário parecem ter acalmado as suas narrativas. Como o Brasil é imprevisível, a trégua pode durar pouco ou apenas o suficiente para chegarmos ao 7 de Setembro em bom estado institucional.

No entanto, é difícil crer que o ambiente eleitoral seguirá sem turbulências, dado o nível de polarização da disputa entre o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O saldo acumulado de energias políticas é negativo, e o desejo de cada um de vencer é exacerbado. Para piorar, as escolhas são negativas, baseadas na rejeição aos candidatos que lideram por ora as pesquisas eleitorais

Basicamente, o que mais preocupa nas próximas semanas envolve as comemorações do Bicentenário da Independência, em 7 de setembro. Nesse caso, o pior cenário seria a ocorrência de algum tipo de insurreição pontual nas ruas, com violência contra instituições públicas. O melhor cenário seria tudo correr dentro de uma necessária e desejada tranquilidade.

> "A prudência indica que todos devemos trabalhar para o melhor, mas estar preparados para o indesejável"

As possibilidades, porém, estão apontando para algum tipo de cenário intermediário, com manifestações que poderão lançar mão de narrativas anti-institucionais, mas sem protestos violentos. Por que esse cenário intermediário é o cenário básico?

Primeiro, porque tumultos prejudicariam Bolsonaro, que poderá vir a se aproveitar eleitoralmente de amplas e pacíficas manifestações a seu favor. Segundo, porque Lula e seus militantes não parecem ter o poder de mobilização para enfrentar os militantes bolsonaristas, o que, a princípio, afasta o cenário de grandes confrontos.

O terceiro aspecto é que governadores que disputam a reeleição não querem ser acusados de omissos, caso ocorram graves desordens em seus estados. Isso vale para São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, os principais colégios eleitorais do Brasil.

O quarto aspecto é que o comando do Supremo Tribunal Federal, nas mãos do ministro Luiz Fux até 12 de setembro, está atento e atuando para mediar o diálogo institucional, de forma a manter a paz entre os poderes.

O quinto aspecto é que as Forças Armadas, em sua esmagadora maioria, estão comprometidas com a constitucionalidade e o respeito às leis.

A combinação desses cinco vetores aponta para perspectivas moderadamente positivas. O que trabalha contra, como mencionei, é o saldo de energias negativas acumulado por embates políticos e jurídicos, narrativas agressivas e anti-institucionais e agressões verbais inadequadas ao ambiente democrático, no qual a maioria dos brasileiros deseja viver.

Em política, porém, tudo pode acontecer. Até mesmo nada de mais. A prudência indica que todos devemos trabalhar pelo melhor, mas estar preparados para o indesejável. Sobretudo devemos valorizar o que construímos em termos de avanços sociais e econômicos e enfrentar os desafios que nos atrasam.

O mundo anda estranho. Desde a pandemia de Covid-19, tivemos a guerra na Ucrânia, os surtos inflacionários, a crise dos combustíveis e a varíola dos macacos. Não queremos que o Brasil engrosse a lista global de episódios exóticos e repudiáveis. Os brasileiros devem cuidar do Brasil com responsabilidade. Principalmente os formadores de opinião e os eleitores. ■

CÍCERO RODRIGUES/TRT-RJ

CENA RARA Solenidade do TRT1, no Rio: ações represadas e dificuldade para encontrar os magistrados nos gabinetes

O HOME OFFICE *SUB JUDICE*

Na contramão da sociedade, que tenta retomar a vida normal após a tragédia da pandemia, parte do Judiciário resiste à volta das audiências presenciais **TULIO KRUSE**

A NECESSIDADE de proteção contra a pandemia da Covid-19 impactou o mundo de forma radical, há mais de dois anos. O Brasil, de modo geral, adotou a correta política do "fique em casa", uma recomendação científica para evitar que o vírus circulasse, e viu popularizar no país o termo home office, usado para designar os postos avançados de trabalho que cada cidadão criou em seu lar. Hoje, a maior parte da sociedade faz (ou já fez) o caminho de volta à normalidade após a queda no número de mortes e infecções, mas há casos em que o retorno ocorre com dificuldade, como infelizmente tem sido verificado em boa parte dos tribunais brasileiros. A resistência à volta à rotina pré-pandemia não é incomum — tem ocorrido no serviço público, na iniciativa privada ou nas instituições de ensino —, mas, quando envolve um setor importante, há risco de agravar situações já delicadas e comprometer um direito que o cidadão precisa ver garantido: o acesso à Justiça.

Um caso que ilustra bem o problema ocorreu no Rio de Janeiro, com o Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região (TRT1), um dos principais fóruns trabalhistas do país. Lá, foi preciso que a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) fosse à Justiça com um pedido de providências para que os magistrados retomassem as audiências presenciais, como determina uma orientação do Conselho Superior da Justiça do Trabalho. Na ação, a OAB narra ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ) um rosário de problemas, com represamento de ações e dificuldade para encontrar os juízes nos locais de trabalho. O CNJ determinou a retomada imediata de audiências e a adoção das sessões presenciais como regra. Em audiência de conciliação ficou acertado que a videoconferência será uma exceção, reservada aos casos em que as partes estejam de acordo. "Os advogados não são contra a audiência telepresencial, e sim que as audiências sejam feitas apenas dessa forma", afirma o presidente da OAB-RJ, Luciano Bandeira.

O caso está longe de ser exceção. No Tribunal Regional Federal da 2ª Re-

FACEBOOK @LUCIANOBANDEIRAOAB

RECLAMAÇÃO Bandeira: o presidente da OAB-RJ foi à Justiça contra tribunal

SYLVIO SIRANGELO/TRF4

DE CASA Ferreira Neves: o desembargador não vai mais a sessões no TRF2

gião (TRF2), também no Rio, cinco das oito turmas de desembargadores não fazem audiências presenciais desde que começou a pandemia. Na 8ª Turma, especializada em direito administrativo, por exemplo, os desembargadores Marcelo Pereira Silva, Ferreira Neves, Guilherme Diefenthaeler e Marcelo Guerreiro só se encontraram uma vez, e em 2021. Em razão da baixíssima frequência há, inclusive, uma apuração em curso para verificar se os magistrados dos tribunais com sede no Rio estão residindo fora da cidade, bem como a regularidade de licenças médicas concedidas há muito tempo, com renovações sucessivas.

A postura é tão generalizada que obrigou a cúpula do Judiciário a fazer uma reprimenda recentemente. Em maio, o presidente do Conselho da Justiça Federal, ministro Humberto Martins, e o corregedor-geral, Jorge Mussi, fizeram circular um ofício no qual lembravam a "fundamental importância da presença física das autoridades representativas do Poder Judiciário Federal em suas unidades de lotação". "A contingência do teletrabalho estabelecida por força da pandemia de coronavírus não afasta a obrigatoriedade de ser mantido o serviço presencial nas seções e subseções judiciárias", diz o documento, no qual também pedem que os próprios TRFs e as corregedorias regionais fiscalizem o cumprimento da medida.

Mais do que uma recusa ao retorno da normalidade, pode estar havendo uma infração à lei. A Constituição e a Lei Orgânica da Magistratura determinam que os juízes devem morar em sua própria comarca. Há suspeitas de que isso não está acontecendo. No Ceará, a OAB enviou um ofício aos tribunais pedindo que eles cumpram essa regra. Em Rondônia, o presidente da OAB regional, Márcio Nogueira, conta que praticamente não encontra os magistrados da Justiça do Trabalho sediados em Porto Velho. Após ouvir relatos de que nem a presidente do TRT14, Maria Cesarineide de Souza Lima, mora na comarca, as OABs de Rondônia e do Acre questionaram formalmente se algum juiz mora fora da área de jurisdição. Em resposta por ofício, a desembargadora Lima recusou-se a fornecer os endereços e disse que esse tipo de informação só interessa ao órgão disciplinar do TRT, não à OAB. "Em alguns casos, temos sérias dúvidas se o magistrado de algum modo tocou naquele processo ou se foi tudo feito por assessores", afirma Nogueira, que há sete meses tenta marcar uma audiência com a presidente do TRT14. O TRT14 afirma que a presidente mora na comarca e que a informação é inverídica.

A retomada das audiências presenciais não é uma questão menor. Advogados reclamam que não encontram os magistrados em seus gabinetes e não podem discutir os casos ou tratar de qualquer assunto urgente — precisam agendar essas reuniões com atendentes por meio de um sistema digital, enfrentando uma morosidade que não existia antes da pandemia. As dificuldades para tratar alguns tipos de crime e ouvir populações mais vulneráveis é óbvia: há milhões no país com difícil acesso à internet, vítimas de violência doméstica que dividem o teto com seus agressores, testemunhas que podem ler depoimentos escritos que nunca serão mostrados às câmeras e uma miríade de situações que dificultam a confiabilidade dos depoimentos. O uso dos sistemas virtuais é um avanço para a Justiça e abre a possibilidade de vários ganhos, mas não pode substituir totalmente o encontro físico entre o juiz e as partes. No momento em que a sociedade, mesmo que com dificuldade, tenta retomar a vida normal, o Judiciário — poder que usufrui dos maiores salários da máquina pública — não pode deixar de fazer a sua parte. ■

Colaboraram José Benedito da Silva e Sérgio Quintella

LICENÇA PARA GA

ASTAR

Âncora fiscal que limita as despesas públicas entra na mira de Lula e Bolsonaro e pode deixar de existir no próximo governo, o que é prejudicial para a economia do país

FELIPE MENDES E **LARISSA QUINTINO**

DRIBLE FISCAL Aprovação da PEC das bondades: rompimento no teto de gastos

ELAINE MENKE/CÂMARA DOS DEPUTADOS

Em uma de suas bem-humoradas tiradas, o satirista político e jornalista americano P.J. O'Rourke resumiu um dos grandes problemas de governos. "Existe uma ilusão de que o governo desperdiça dinheiro por ineficiência e preguiça. Na verdade, é preciso muito esforço e planejamento para gastar tanto dinheiro." A piada serve perfeitamente para os políticos brasileiros. Basta observar os estratagemas montados nos últimos meses para o Congresso aprovar, em conjunto com o governo federal, novos dispêndios que escapassem dos limites impostos pela lei do teto de gastos, criada em 2016. O governo de Jair Bolsonaro despendeu considerável energia para burlar as restrições, uma vez que o teto só pode ser rompido com mudanças constitucionais. É o caso da recente PEC das bondades, que no mês passado criou um estado de emergência para permitir um furo de 41 bilhões de reais no teto, e da PEC dos Precatórios, que, em 2021, abriu um espaço de 106 bilhões de reais no Orçamento para que políticos pudessem usar mais verbas durante o ano eleitoral. Obviamente, o mercado financeiro perdeu a confiança na capacidade da regra fiscal proteger o caixa do apetite de políticos.

Pior do que isso é a situação que se desenha para 2023. As principais candidaturas para a Presidência têm deixado claro que não se interessam em manter a lei atual. O candidato Luiz Inácio Lula da Silva defende enfaticamente a revogação do teto de gastos. A proposta, aliás, está literalmente escrita no plano de governo da chapa Lula-Alckmin entregue ao TSE. "Nós vamos recolocar os pobres e os trabalhadores no Orçamento. Para isso, é preciso revogar o teto de gastos e rever o atual regime fiscal brasileiro, atualmente disfuncional e sem credibilidade", diz o texto. Em evento com empresários na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Lula foi peremptório. "Quem tem responsabilidade na sua origem não precisa de lei para fazer teto de gastos", disse.

Segundo colocado nas pesquisas de intenção de voto, Bolsonaro, além de ter patrocinado a quebra na regra, não traz em seu novo plano de governo nenhuma menção expressa ao teto de gastos e ou a uma nova política de responsabilidade fiscal. Até mesmo o ministro da Economia, Paulo Guedes, então incansável defensor da austeridade, passou a autorizar os furos no teto com a "licença para gastar", frase que usou para defender a PEC dos Precatórios. Em um evento no começo de agosto, Guedes admitiu os furos no teto, mas justificou que foi pelos "motivos certos". Seja como for, tudo isso cria incertezas. Levantamento do Bank of

ANTONIO MOLINA/FOTOARENA

MUDANÇA DE LADO Paulo Guedes: defesa agora de regra mais flexível

SUAMY BEYDOUN/AGIF/AFP

O PAI DO TETO O ex-presidente Temer: a legislação restritiva com relação às contas públicas recolocou o país nos trilhos

America com gestores de fundos mostrou que 60% deles estão preocupados com a política fiscal no pós-eleição. Em julho, eram 40%.

O teto de gastos foi criado como uma âncora fiscal no governo do ex-presidente Michel Temer para limitar o crescimento das despesas públicas até 2036. O objetivo era recuperar a credibilidade das contas públicas do Brasil junto aos investidores. "O teto de gastos significa que ninguém pode gastar mais daquilo que arrecada e foi uma das reformas que recolocaram o país nos trilhos", defende Temer a VEJA. A comprovação de que funciona pode ser verificada nas taxas de títulos conhecidos como Tesouro IPCA+, referência do humor do mercado em relação à política fiscal. Antes da lei do teto, elas estavam em 7% de rendimento real. Caíram para 3,5% ao ano, e recentemente voltaram a ficar acima dos 6%, demonstrando a preocupação dos investidores.

O conceito básico do teto de gastos está em obrigar o governo a fazer escolhas. Se desejar gastar mais em algo, precisará buscar cortes em outro ponto menos necessário, algo que políticos odeiam fazer. "A ideia de um limite para as despesas públicas é pedagógica para o sistema político e para a sociedade", afirma o economista Fabio Giambiagi, pesquisador associado do Instituto Brasileiro de Economia, da FGV. "A tese de que o teto não funciona é um equívoco. O próprio governo atual, de certa forma, desmoralizou o instrumento com a sucessão de PECs tratando do assunto."

Se o fim do teto parece certo para a próxima gestão, as duas candidaturas concordam que alguma nova regra precisa tomar o seu lugar. Da mesma forma, é inevitável que o governo eleito, seja ele qual for, proponha uma nova PEC para custear as promessas de campanha. Muitas delas, como manter permanente o Auxílio Brasil em 600 reais mensais, dar aumentos de salário aos servidores federais e reajustar a tabela do imposto de renda, não caberão no teto. No Ministério da Economia, a equipe de Guedes trabalha numa proposta de que exista, além do limite do teto de gastos ajustado anualmente pela inflação, um valor a mais que possa ser utilizado a partir de uma meta de endividamento público em relação ao produto interno bruto (PIB). Na campanha de Lula, há conversas sobre a melhor alternativa a ser adotada. Um dos planos seria outra regra baseada no gasto, mas que, em vez de ser ajustado pelo crescimento do IPCA, seja pelo do PIB, e mire metas mais longas. Ou retirar os investimentos em capital do arcabouço. Independentemente das soluções que venham a ser propostas, o fim do teto não parece boa ideia. ■

Colaborou Victor Irajá

EM POSIÇÃO DE COMBATE

"SÓ COMIGO"
O ex: investigações diversas são atribuídas a uma caça às bruxas

Alvo de vários inquéritos e de olho na eleição de 2024, Donald Trump aposta em duas cartas para se fortalecer até lá: a da perseguição política e a da fraude anunciada

AMANDA PÉCHY

Os moradores do exclusivo recanto da Flórida onde se localiza Mar-a-Lago, luxuoso misto de condomínio e clube de golfe que serve de moradia de Donald Trump e família, nunca tinham visto coisa igual. De manhã cedo, agentes do FBI, a polícia federal americana, exibiram mandados de busca e reviraram a mansão de cima a baixo, abrindo cofres e revistando até o closet de Melania (onde devem ter demorado um bom tempo). Saíram carregando pacotes de documentos, supostamente ligados à suspeita de que o ex-presidente tirou da Casa Branca e levou para a sua própria residência diversos papéis sigilosos que deveriam ter sido depositados nos arquivos oficiais.

Trump, como era de esperar, subiu nas tamancas. Aproveitou a deixa para reforçar a lamúria, muito repetida, de que "a perseguição política do presidente Donald J. Trump acontece há anos". A tecla da caça ao bruxo — ele, no caso — é das mais batidas na pré-campanha não declarada à Presidência em 2024, cruzada movida a emoção, fúria e provocações na medida para levar seus apoiadores ao êxtase. Mais reprisada do que ela, só mesmo a crônica da fraude anunciada: Trump insiste na estapafúrdia tese, sem prova, de que houve falcatruas na votação que elegeu Joe Biden e que elas vão se repetir.

Em comunicado após a batida do FBI, realizada quando a família estava em Nova York, o ex-presidente contou que sua "bela casa" foi "sitiada, invadida e ocupada". Trumpistas se postaram durante dias no portão de Mar-a-Lago, vociferando contra a operação e prestando seu apoio, enquanto radicais cobriam de ameaças violentas (e, em alguns casos, de tentativas de invasão) as agências da polícia federal. Dois dias depois, Trump teve de depor — e optou por ficar em silêncio — em uma investigação sobre supostas negociatas em sua empresa, um dos inúmeros inquéritos de que é alvo *(veja no quadro da pág. 50)*.

Tudo isso, acontecendo em curto espaço de tempo, reforça a aura de vítima de perseguição política, que pode não convencer a maioria, mas azeita a lealdade dos seguidores. Em um comício em Wisconsin, no início do mês, ele já afirmara que as investigações e suspeitas que o têm na mira "só poderiam acontecer comigo". Nos dias que se seguiram à operação na casa do ex-presidente, ganhou 10 pontos na disputa com o governador da Flórida, Ron DeSantis, pupilo que se voltou contra o mestre, pela indicação do partido à Casa Branca. "Trump acredita que se fazer de vítima é a melhor estratégia para mobilizar sua base", diz Robert Shapiro, professor de ciência política da Universidade de Stanford. A expressão "caça às bruxas" aparece em 54 tuítes antes de ser banido da plataforma e é fator decisivo na simpatia que 51% dos eleitores republicanos manifestam por ele — porcentual que sobe para 84% quando o cenário é de disputa contra qualquer democrata.

Um efeito da perseguição, no manual do trumpismo, é justamente a manipulação de votos e de apuração na eleição de 2020, uma inverdade que, de tão repetida, virou mantra nas hostes da direita e requisito no currículo dos candidatos a candidatos do Partido Republicano na votação de novembro. Na briga pela disputa de todas as 435 cadeiras da Câmara, 35 do Senado, 39 governos estaduais e uma infinidade de cargos menos importantes, só ganha o cobiçadíssimo aval de Trump quem abaixa a cabeça e levanta a bandeira da fraude que nunca existiu.

JULIA NIKHINSON/AP/IMAGEPLUS

GIORGIO VIERA/AFP

INDIGNAÇÃO Apoiadores protestam contra a batida em Mar-a-Lago: ameaças

DREW ANGERER/GETTY IMAGES

EM FAMÍLIA Ivanka depõe na comissão do Congresso: revelações sobre o papel de Trump na invasão de janeiro

NA MIRA DA JUSTIÇA

Não faltam alegações de fraude, abuso sexual e irregularidades financeiras no currículo de Donald Trump, mas ele, até agora, conseguiu arrastar indefinidamente ou engavetar as denúncias e nunca foi a julgamento. Os inquéritos em andamento, no entanto, por serem mais públicos e envolverem questões políticas, podem ter desfechos mais sérios. O secretário da Justiça, Merrick Garland, aprovou pessoalmente o mandado de busca em Mar-a-Lago justamente devido à gravidade dos indícios de que Trump levou documentos presidenciais secretos quando deixou a Casa Branca — alguns, segundo a imprensa americana, relacionados a arsenais nucleares, o que configuraria violação da Lei de Espionagem, punível com até vinte anos de prisão. A manipulação irregular de documentos oficiais impede ainda o responsável de exercer cargos públicos, o que seria um golpe para o pré-candidato à Presidência.

No estado de Nova York, dois inquéritos separados — um civil e um criminal — varrem os registros financeiros das Organizações Trump, acusadas de manobras fiscais. Os filhos de Trump já prestaram depoimento. Ele mesmo, convocado, ficou em silêncio. Mas é nos enroscos da Presidência que os adversários sonham com uma condenação. Uma comissão do Congresso vem conduzindo audiências públicas, algumas transmitidas ao vivo em horário nobre, para determinar se Trump incitou a baderna que resultou na invasão do Capitólio — acusação que pode desembocar em inquérito no Departamento de Justiça.

Uma das surpresas foi o testemunho de Ivanka Trump, filha e assessora do ex-presidente, que procurou manter distância das denúncias infundadas de fraude eleitoral que impulsionam a insurreição. O ex-presidente é investigado ainda por tentativa de manipular as eleições no estado da Geórgia: em um célebre telefonema, ele diz ao republicano Brad Raffensperger, que monitorava a votação e vazou a conversa, para "achar" votos a seu favor. "Há poucos obstáculos aí para um processo e uma sentença", avalia William Banks, professor de direito da Universidade de Syracuse. A torcida é grande.

Com caixa de 120 milhões de dólares em doações, mais do que o comitê central do partido arrecadou até agora, e comícios que arrastam multidões, Trump cravou 92% dos nomes que endossou nas eleições primárias até agora. Além da perspectiva de um Congresso possivelmente dominado pelo bonde da fraude eleitoral, essa estratégia pode acabar pondo no crucial comando do monitoramento da votação, em 2024, secretários estaduais que jogam no mesmo time — receita para entornar o caldo da apuração e manter a torcida agitada.

Outra tática em andamento no exército trumpista é a de convocar militantes para fiscalizar por conta própria os locais de votação nas eleições primárias, uma espécie de ensaio para novembro. Em julho, um grupo liderado por Seth Keshel, que trabalhou na Inteligência do Exército americano e se autointitula Capitão K, montou guarda em um ponto de coleta de votos antecipados no Arizona, à espreita de pessoas que pudessem estar usando cédulas falsas. Grupos semelhantes já surgiram em pelo menos nove estados (sem achar nenhuma irregularidade, diga-se), acompanhados de ameaças de violência e de identificação e assédio de pessoas que consideram "suspeitas". Além disso, com os resultados do Censo nas mãos após o atraso da pandemia, os limites distritais que determinam quais políticos representam cada região foram redesenhados e os aliados de Trump nas legislaturas estaduais montaram um mapa mais favorável ao ex-presidente. Em campanha permanente, Trump, venham de onde vierem os ataques, ainda é o cacique incontestável do Partido Republicano. ■

O MUNDO QUE RUSHDIE CRIOU

Como condiz a um poeta-profeta, o escritor antecipou o que viria

NAS LINHAS de abertura de *Versos Satânicos,* "dois homens vivos, reais e adultos caíram de uma grande altitude, 29 mil e dois pés, sem a ajuda de paraquedas ou asas". A descrição que Salman Rushdie faz dos dois personagens, um atravessando o ar de cabeça para baixo, com o paletó do terno cinza abotoado e os braços junto ao corpo, é assustadoramente parecida com as cenas terríveis de vítimas que saltariam para a morte fugindo do incêndio provocado pelos aviões sequestrados que vararam o World Trade Center. Os personagens são atores indianos, um famosíssimo de Bollywood recém-recuperado da Doença Fantasma, outro radicado na Inglaterra, que se cruzaram por acaso no 747 sequestrado por militantes da religião sikh. A mais radical é a belíssima mulher do quarteto. É ela quem escolhe o refém que será executado, um sikh que abandonou exigências religiosas como usar sempre um turbante e não cortar o cabelo. "Apóstata traidor bastardo", diz ela, antecipando os rótulos que seriam colados no escritor pela fatwa, a sentença de morte lavrada pelo grão-aiatolá Khomeini, o líder da revolução fundamentalista do Irã, que finalmente levou à gravíssimas punhaladas infligidas a Rushdie por um xiita de origem libanesa. O livro foi lançado em 1988, a fatwa decretada em 1989 e os atentados do 11 de Setembro, culminação ainda não ultrapassada do fanatismo fundamentalista, foram em 2001.

> "Diz Mario Vargas Llosa: 'Escrever romances é um ato de rebelião contra a realidade, contra Deus' "

O escritor como criador — ou Criador — de mundos, um antecipador da realidade que virá, um avatar do Divino, é um dos fundamentos mais conhecidos da literatura. Martim Vasques da Cunha reproduziu na *Folha de S.Paulo* um trecho da tese de doutorado de Mario Vargas Llosa, intitulada García Márquez: História de um Deicídio. Diz o seguinte: "Escrever romances é um ato de rebelião contra a realidade, contra Deus, contra essa criação de Deus que é o real. É uma tentativa de correção, mudança ou abolição da realidade real, da sua substituição por uma realidade ficcional criada pelo romancista".

Na realidade ficcional de Rushdie, a sequestradora explode o avião sobre o Canal da Mancha e os dois personagens chegam intactos ao chão, um como um recalcitrante e insone arcanjo Gabriel, outro como seu oposto de chifres. Entre os muitos recursos do arsenal do realismo mágico, o escritor indiano cria uma vivíssima Jahilia, a cidade de areia construída em torno da Rocha Negra, a pedra divina junto à qual Adão viu quatro pilares de esmeraldas encimados por um rubi gigantesco. Nessa Meca ficcional, circula um comerciante chamado Mahound, com "fronte alta, ombros largos e cílios compridos como os de uma garota", que prega uma estranha religião na qual existe apenas um Deus, não os 360 cujas imagens circundam a Rocha. Seus seguidores são um carregador de água, um imigrante persa e um escravo. Brevemente, para ajudar a propagar sua mensagem, Mahound aceitará a existência de três das mais poderosas deusas veneradas em Jahilia. São esses os versículos satânicos.

Rushdie em nenhum momento menospreza o profeta de uma das grandes religiões do mundo, mas outro dos personagens da cidade, o satirista Baal, avisa: "O trabalho do poeta é nomear o inominável, apontar fraudes, tomar partido, comprar brigas, dar forma ao mundo e impedi-lo de dormir". Voltar um dia a impedir o mundo de dormir é a obra-prima que torcemos para que Salman Rushdie produza. ■

FABIO BRAGA/BIÔNICA FILMES/BURITI FILMES

O REI NU

Embalado pelo Bicentenário da Independência, **CAUÃ REYMOND,** 42 anos, vai dar vida nas telas a dom Pedro I, cuja fama de mulherengo e a lista de amantes ingressaram nos livros de história. Em *A Viagem de Pedro,* filme com estreia em 1º de setembro, ele é um ex-imperador mergulhado em uma aguda crise, distante da mitológica figura que se postou firme às margens do Ipiranga para proclamar a independência. O monarca de Cauã, na verdade, revela inseguranças e até problemas de impotência sexual. O ator aprova a abordagem. “Temos de falar da fragilidade masculina”, empunha a bandeira, mas faz a ressalva: “Graças a Deus ainda não aconteceu comigo”, diz o galã.

INSTAGRAM @INTERVIEWMAG

ROB VERHORST/REDFERNS/GETTY IMAGES

EMBALOS DE UMA ERA

As gravações da película que vai remontar a trajetória de Whitney Houston, da glória à trágica morte numa banheira de hotel em Beverly Hills, em 2012, começaram, e as primeiras cenas já caíram na rede. Nelas, a ascendente atriz britânica **NAOMI ACKIE,** 29 anos, conhecida por sua participação na saga *Star Wars*, coloca o rosto e o vozeirão que lembram os de Whitney para protagonizar cenas como a que a cantora dá um pulo na marina de Los Angeles, onde flutua seu milionário iate, ou embarca em seu Porsche. E dá-lhe figurino anos 1980, com muito meião e tênis All Star. Isso tudo nos tempos de cofres cheios, antes das dívidas e da depressão que consumia a sofrida cantora.

UM PULINHO ALI E JÁ VOLTO

CARL COURT/GETTY IMAGES

Verão é época de férias para primeiros-ministros britânicos, que costumam viajar para o exterior com a família. **BORIS JOHNSON,** no entanto, extrapolou. Nem bem voltou "cheio de energia" de uma semana em um spa da Eslovênia, qualificada de lua de mel por ele ter embarcado após a segunda festa de casamento com Carrie (a primeira, na pandemia, foi só para íntimos), e lá foi o casal para mais uma semaninha relax na Grécia. Visto que seu governo tapa-buraco acaba em 5 de setembro, dia em que será anunciado o novo líder do Partido Conservador, a pergunta que não quer calar nas redes sociais é: não dava para frear por ora o ímpeto aventureiro?

ANDAR COM FÉ EU VOU

FACEBOOK @MARIA RITA

Assolada pela reclusão pandêmica e mergulhada em reflexões, **MARIA RITA,** 44 anos, católica não praticamente, acabou virando nestes últimos tempos frequentadora dos terreiros de candomblé. Ela já nutria admiração pela religião, dada sua proximidade musical com o samba. Agora, a cantora garante que não se sente mais sozinha, mas amparada pelos orixás, aos quais presta homenagem em seu novo trabalho, *Desse Jeito*, que acaba de lançar nas plataformas digitais. Com a certeza de estar sendo cuidada "por uma coisa maior", a filha de Elis Regina faz questão de esclarecer: "Não se trata de amparo carnal, nisso eu continuo independente". ■

A NOVA CORRIDA DA VACINA

A rápida disseminação da varíola dos macacos põe a ciência mais uma vez à prova. Agora, o desafio é descobrir o verdadeiro impacto do único imunizante disponível contra a doença

CILENE PEREIRA

Em menos de doze meses, desde o início da pandemia, em março de 2020, a ciência empreendeu uma das mais fabulosas jornadas da história ao criar, testar e oferecer uma vacina contra a Covid-19. Foi um feito sem precedentes, a ser celebrado pelo resto dos tempos. Até então, o desenvolvimento mais rápido de um imunizante ocorrera ao longo de mais de vinte anos, entre as décadas de 40 e 60, período necessário para a preparação da proteção contra o sarampo. As vacinas, nem é preciso sublinhar, são vitais para a sobrevivência humana. Elas nos livram de catástrofes sanitárias que poderiam dizimar populações, como aconteceu com as crises causadas pela varíola, especialmente antes de o inglês Edward Jenner elaborar um método preventivo seguro e escalável, em 1796. Graças à invenção do médico britânico e a uma bem-sucedida estratégia global, a enfermidade foi erradicada em 1980. Agora, o mundo está novamente envolvido na corrida por uma vacina.

Nesse caso, não se trata de conceber algo novo, ou pelo menos não apenas isso, mas de descobrir com urgência o exato potencial de um imunizante existente que, nesse momento, representa a única esperança de controle de uma doença que se espalha rapidamente. A tarefa em questão diz respeito à vacina contra a varíola dos macacos, ou *monkeypox*, cujos casos chegaram a 35 000 na quarta-feira 17, em 92 países, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Causada pelo vírus *monkeypox*, que dá nome à doença, a enfermidade é endêmica na África e já provocou surtos fora daquele continente, todos celeremente contidos. Neste ano, porém, o vírus adquiriu características diferentes. Chamam atenção a velocidade de transmissão e a alta incidência de contágio por contato durante o ato sexual, majoritariamente os realizados por homens que fazem sexo com outros homens.

As alterações no comportamento do vírus acenderam um alerta entre a comunidade científica. Quando surgiram os casos iniciais, até foi possível respirar com certo alívio já que, ao contrário do coronavírus, o *monkeypox* era um vírus conhecido e, o melhor de tudo, havia uma vaci-

EM BUSCA DE RESPOSTAS

O que a ciência ainda precisa saber sobre o poder do imunizante no surto atual

1. EFICÁCIA COM UMA E DUAS DOSES NA PREVENÇÃO DA INFECÇÃO PELO VÍRUS OU AGRAVAMENTO DA DOENÇA
2. TEMPO PARA PRODUÇÃO DE ANTICORPOS APÓS APLICAÇÃO
3. DURAÇÃO DA IMUNIDADE GERADA
4. GRAU DE PROTEÇÃO NAS DIFERENTES SITUAÇÕES DE CONTÁGIO
5. EFEITO SOBRE IMUNIDADE DE REBANHO
6. EM CASO POSITIVO, QUAL O NÍVEL DE COBERTURA VACINAL NECESSÁRIO

Fonte: *Organização Mundial da Saúde*

ERIK S. LESSER/EPA/EFE

UMA OU DUAS DOSES? Aplicação do produto: dúvida sobre os efeitos quando dado apenas uma vez

EMMANUELE CONTINI/NURPHOTO/GETTY IMAGES

na. Criada pela empresa dinamarquesa Bavarian Nordic, ela estava licenciada desde 2013 na Europa e no Canadá para uso contra a varíola e, havia três anos, aprovada nos Estados Unidos contra a varíola e a *monkeypox*. No Canadá, houve liberação para a *monkeypox* um ano depois e, na Europa, o sinal verde foi dado agora, em 2022. A criação de um imunizante único contra as duas enfermidades foi possível porque os vírus são da mesma família.

Contudo, a progressão acelerada dos casos e as manifestações distintas do vírus obrigaram a OMS a fazer um apelo aos países solicitando que iniciem urgentemente estudos para descobrir as respostas às perguntas que surgiram sobre o imunizante. É ponto pacífico que ele protege, mas o problema é que não se conhece a força dessa proteção. "A verdade é que não sabemos sua eficácia", diz Ira Longini, da Universidade da Flórida. Também não há informações sobre quanto tempo depois da aplicação há a geração de anticorpos, quanto dura a imunidade ou qual seu efeito quando ministrado em uma ou duas doses *(leia mais no quadro da pág. 54).*

A falta de conhecimento é resultado da inexistência de pesquisas robustas realizadas antes do surto deste ano. Existem somente trabalhos feitos em animais e poucos ensaios clínicos. Para complicar, as evidências disponíveis tiveram como base investigações realizadas com um vírus diferen-

DEMANDA Protesto na Alemanha: pedidos por mais vacinas se espalham pelo mundo, mas as doses são escassas

RUNGROJ YONGRIT/EPA/EFE

TESTE Análise de amostra no Japão: necessidade de conhecer o vírus atual

PRIMEIROS COLOCADOS

Os países que saíram na frente nos estudos

 ESTADOS UNIDOS

 JAPÃO

 FRANÇA

 INGLATERRA

 ALEMANHA

 ESPANHA

  CANADÁ

Fonte: *Organização Mundial da Saúde*

te daquele que circula hoje. "Pedimos às nações que estão vacinando seus cidadãos para levantar e compartilhar com urgência informações sobre a eficácia do imunizante", clamou Tedros Adhanom, diretor-geral da OMS.

Responderam ao chamamento Estados Unidos, Canadá, França, Alemanha, Japão, Inglaterra, Espanha e Canadá. Nesse momento, alguns dos principais centros de pesquisas desses países deslocaram forças-tarefas para estudar a vacina, como o que foi feito no desenvolvimento dos imunizantes contra a Covid-19. Da mesma forma, os grupos terão de superar desafios na condução das pesquisas. Um dos principais é a escassez de doses. Até o surto atual, a produção da vacina seguia em ritmo lento. Com a varíola felizmente erradicada e os casos de *monkeypox* restritos à África, não era interessante aos países desenvolvidos ampliar a compra do produto.

As reservas tinham papel estratégico para o caso de ataques de bioterrorismo usando o vírus da varíola e da necessidade de contenção de raros episódios de *monkeypox*. O cenário mudou e exige mais transparência. No entanto, muitos países relutam em informar o tamanho exato de seus estoques, apesar do apelo da OMS, e tampouco se propõem a dividir parte do que têm armazenado. A situação é desafiadora. "A certeza é a de que a vacina é a única forma de reduzir a expansão da doença", diz Alberto Chebabo, presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia.

Os problemas existem, mas há evidente otimismo. A ciência já provou que a informação correta, associada a cuidado com a disseminação, além de empenho e investimento nos medicamentos, supera obstáculos. Muito em breve, uma série de conquistas brotarão dos laboratórios, como aconteceu na luta contra a Covid-19. Primeiro veio o isolamento, depois os imunizantes e então, com o contágio controlado, deu-se a suspensão do uso de máscaras em recintos fechados, especificamente em voos e aeroportos. É o que acaba de acontecer no Brasil. Tudo conduzido à luz do conhecimento, apesar da praga do negacionismo. Assim será contra a *monkeypox*. ■

O PODER DO NATURAL

Embaladas pelos movimentos em defesa da ruptura com padrões estéticos, cada vez mais mulheres retiram as próteses de silicone. Elas querem fazer as pazes com o corpo **PAULA FELIX**

INSTAGRAM @FIORELLAMATTHEIS

NO SEMINAL *O Segundo Sexo*, livro de 1949, a filósofa francesa Simone de Beauvoir redefiniu o feminismo — ou talvez tenha ajudado a inaugurá-lo — ao afirmar que os símbolos sociais conferidos ao corpo da mulher determinam sua relação com o mundo. “O corpo não é uma coisa, é uma situação”, escreveu. “Sendo o corpo o instrumento de nosso domínio do mundo, este se apresenta de modo inteiramente diferente segundo seja apreendido de uma maneira ou de outra”, argumentou. A ideia se desdobra em reflexões sobre o domínio patriarcal ao longo da história, sustentado na maneira pela qual as formas femininas foram e são apreendidas, para usar o raciocínio de Simone, sempre condicionadas a estereótipos e à pressão para que as mulheres a eles se encaixem.

As ideias de Simone, ruidosas a seu tempo, iluminaram pela primeira vez o processo por meio do qual a opressão masculina se ampara no significado atribuído à silhueta feminina. Mais

INSTAGRAM @FIORELLAMATTHEIS

DEPOIS E ANTES Fiorella optou pelo conforto: o implante trouxera complicações

INSTAGRAM @GIOVANNAANTONELLI

FABIO ROCHA/TV GLOBO

ESCOLHA A atriz Giovanna Antonelli sem prótese: seios discretos, sob a blusa, diferentes dos anteriores

de setenta anos depois daquele trovão, ainda há muito o que avançar para quebrar a corrente que aprisiona a existência da mulher ao que representa seu corpo. Contudo, há bons sinais no horizonte. Um deles é o movimento crescente de jovens que decidem retirar próteses de silicone implantadas quando eram obrigatórias — sim, obrigatórias — para que se alcançasse o padrão de beleza imposto, de celebração de formas mais volumosas. A nova atitude tem valor excepcional e merece ser comemorada. De maneira inédita, as mulheres dizem não a padrões. É a suprema aceitação do corpo como ele é, e não como deveria ser para que o trânsito no mundo seja mais suave. A esse fenômeno pode-se dar o nome de poder.

DEPOIS DE TIRAR

Dependendo do tamanho da prótese retirada, pode ser necessário reajustar pele e tecidos da mama

ATÉ 200 ML

Perderá volume, mas não ficará caída

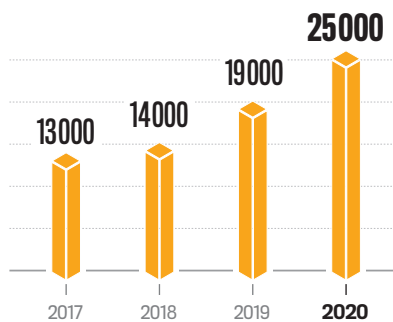
ACIMA DE 200 ML

Se ficar com a aparência "vazia", é possível fazer o preenchimento com gordura tirada do abdome, braço ou coxa da paciente

Fonte: *Fernando Amato, cirurgião plástico e membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica e da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética*

O movimento é mundial. De acordo com a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (Isaps), os procedimentos para retirada de próteses de silicone subiram de 169 000, em 2017, para 206 000, em 2020, último dado disponível. Os Estados Unidos continuam com números expressivos de implantes, porém, experimentam o aumento de remoções. Enquanto há cinco anos foram contabilizadas 44 000 extrações, em 2020 elas chegaram a cerca de 50 000. No Brasil, a retirada teve aumento de 92% em 2020, em comparação a 2017. Há dois anos, houve 25 000 operações. Em 2017, 13 000.

O que se observa nessa virada é a solidez do propósito. Não se trata de uma onda do estilo daquelas que varrem a moda e depois desaparecem, como a dos vestidos *naked dress* *(leia mais na pág. 78)*. As mulheres que agora procuram as clínicas para tirar o silicone mostram-se seguras do que desejam, diferentemente do que aconteceu até agora, quando as modificações eram mais resultado de pressão cultural do que outra coisa. Os seios, particularmente, sempre estiveram na linha de atenção. Sagrados e profanos, é deles que jorra o leite que alimenta os bebês e é sobre eles que se concentra parte das fantasias masculinas.

Durante séculos, tudo isso se misturou, ora pendendo para um lado, ora para outro. As musas do Renascimento, movimento ocorrido entre os séculos XIV e XVI que resgatou a figura do ser humano como expressão da perfeição, por exemplo, são retratadas com seus seios pequenos, como pode ser apreciado no magnífico *A Bela Jardineira*, de Rafael. Três séculos depois, na era Vitoriana, como ficou conhecido o período do reinado da rainha Vitória, na Inglaterra, no século XIX, o belo, para uma mulher, era ter pele branca, pálida e seios volumosos. Buscava-se o retorno ao ideal romântico. Os peitos fartos lembravam a nobreza da amamentação, a mais alta função à qual as mulheres estariam destinadas, além de gerar, parir e criar filhos. Foi a partir do século XX que as mudanças passaram a ser mais frequentes. Na década de 40, enquanto parte das mulheres saía de casa para trabalhar em substituição aos maridos que combatiam na II Guerra, aquelas que serviam como referência estética ganhavam projeção ao desfilar pelo mundo lembrando os soldados que, após o horror dos combates, a sensualidade estaria logo ali, simbolizada pelos seios fartos, dessa vez transformados em pontos de pura sedução.

O primeiro implante de silicone foi feito em 1962, nos Estados Unidos, ainda no rastro da conceituação de que os seios deveriam ser imponentes para agradar aos olhos masculinos. Foi nos anos 1990, contudo, que a pressão se intensificou de tal forma que mulheres com menos de 200 mililitros de silicone no peito estavam fora do arquétipo. No entanto, o fortalecimento dos movimentos femininos dos últimos vinte anos mudou tudo. A ascensão da geração Z, nascida da metade dos anos 90 para cá, e seu compromisso com a autenticidade de corpos e gêneros, está abrindo às mulheres a janela pela qual cada uma pode encontrar a liberdade de mexer — ou não — no corpo. Muitas, como se depreende dos números da Isaps, estão entendendo ser mais prazeroso viver com as formas naturais.

AO SABOR DA MODA

Até hoje, o tamanho dos seios era em boa parte determinado pelas pressões sociais

Anos 50
Marilyn Monroe Seios volumosos eram símbolo de sedução no pós-guerra

DONALDSON COLLECTION/MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES

Anos 80
Luiza Brunet
Ícone da onda de peitos pequenos como fonte de atração

ANTONIO MILENA

Anos 90
Pamela Anderson
A loira abriu a era da linha quanto maior, melhor

COLLECTION CHRISTOPHEL/AFP

Entre elas estão a atriz Giovanna Antonelli, que retirou sua prótese também porque causara desconfortos físicos, e a modelo Fiorella Mattheis. “Há um movimento de assumir o corpo, mesmo com a maior exposição nas redes sociais”, diz Carolina Ambrogini, da Universidade Federal de São Paulo. As mulheres, enfim, querem fugir da padronização. “Uma paciente que pôs a prótese com 20 anos não é a mesma pessoa aos 35, ela pode querer mudar”, diz o cirurgião plástico Fernando Amato, membro da Isaps. Há, é claro, razões médicas para a retirada. Existem problemas como a síndrome autoimune induzida por adjuvantes, responsável por episódios de dores articulares e queda de cabelo. Mas são as razões comportamentais, inegavelmente, o grande motor que estimula as mulheres a experimentar a liberdade de viver com os seios que têm. ■

INSTAGRAM @KIMKARDASHIAN

Anos 2010

Kim Kardashian Consumidora de tudo o que for moda, a *influencer* ainda exibe as próteses

LUCILIA DINIZ

A MESA E AS URNAS

Quando a política entrar na conversa erga um brinde à harmonia

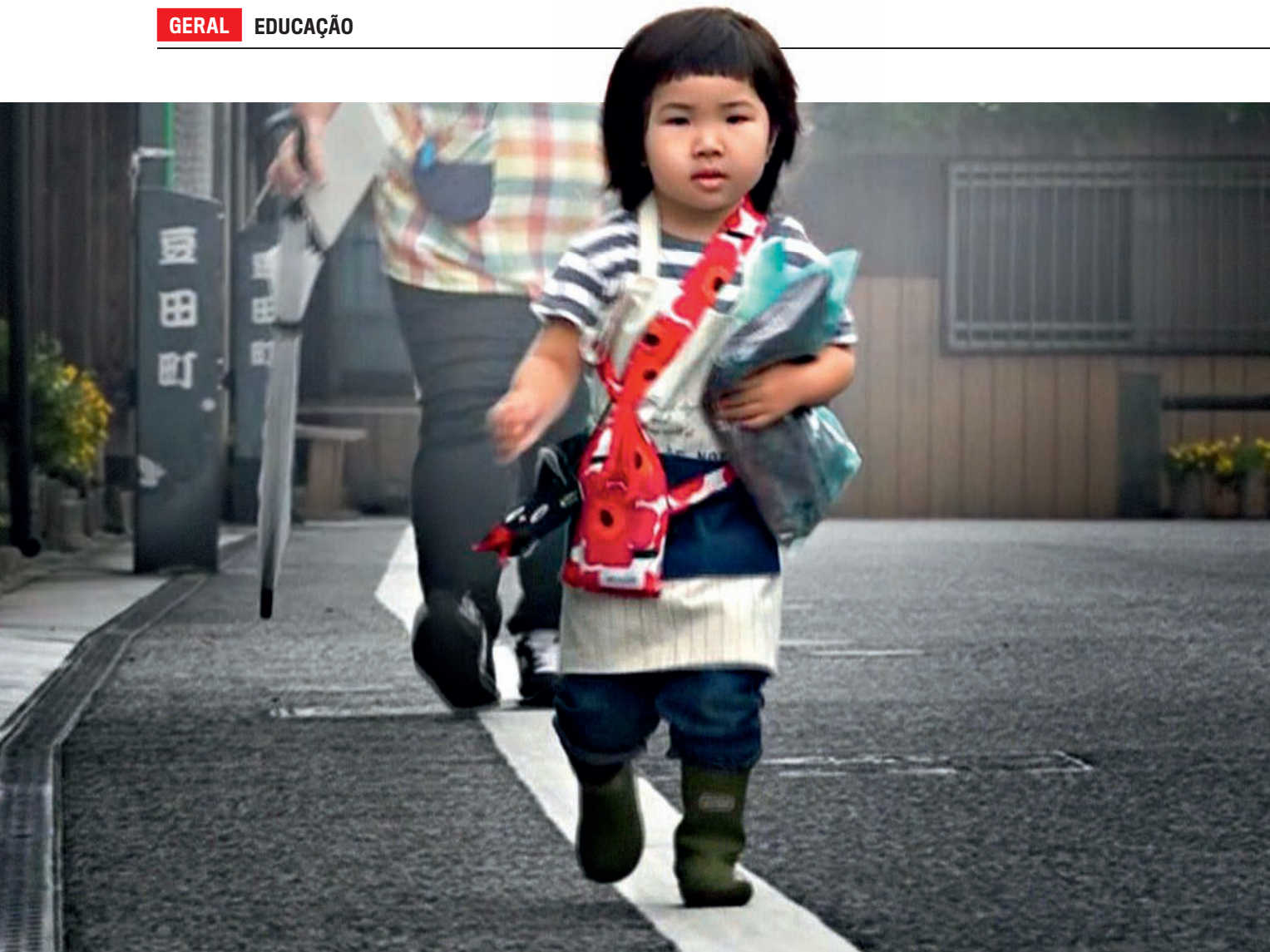
“ALGUÉM PASSA O SAL?”, pede a filha. “Tá na mão”, responde o irmão, e emenda: “Então, vamos passar o fim de semana na praia?”. A mãe retruca: “Mas vocês não têm prova na segunda?”. Um elogio ao molho vindo da caçula corta a resposta. A conversa corre solta até que o genro solta: “E a eleição, hein?”. O tradicional almoço em família é oportunidade única para reforçarmos os vínculos afetivos com as pessoas que queremos bem. Claro que há muitos outros momentos para estreitarmos essas ligações, como celebrações de aniversários, passeios em turma e visitas sociais. Nada disso, no entanto, substitui a rotina gostosa do almoço com pais, mães, tios, avós, netos, sobrinhos e quem mais estiver por perto, como aqueles amigos de quem nos sentimos irmãos. A macarronada de domingo é agregadora por natureza.

É fundamental preservarmos esse patrimônio imaterial da vida em família. Não que ele esteja correndo risco iminente, mas o fato é que nos próximos fins de semana o sucesso dessa refeição coletiva será posto à prova pelo clima eleitoral. O ideal é manter o assunto indigesto longe da mesa. Muitos têm conseguido fazer isso. Uma pesquisa recente mostrou que metade das pessoas deixou de falar sobre política com amigos e familiares para evitar discussões tão inúteis quanto acaloradas. Respeito isso. A atitude, com a qual se pretende resguardar relações pessoais, está em sintonia com a antiga sabedoria popular, que recomenda não discutir religião, futebol e política.

Às vezes, porém, o silêncio pode não ser uma opção, ou pelo menos não a melhor opção. De um lado, ao não falar sobre determinado tópico, corre-se o risco de transformá-lo em tabu, o que acaba afastando pessoas que se gostam. Palavras engolidas em nome de uma sintonia forçada costumam instalar certo constrangimento, porque o silêncio também grita. De outro lado, o tema pode surgir do nada, como no comentário do genro, e alterar o rumo de uma conversa até então amena. Nesses casos, o que fazer?

O mais importante é mantermos, na eventual discordância, uma atmosfera de paz, o que tem a ver com a maneira com que nos expressamos. Com frequência, a forma é mais relevante do que o conteúdo. Pode reparar. Na maioria das vezes em que não aceitamos determinada opinião, isso acontece por causa do tom em que ela foi manifestada. Quando se diz “não sei como alguém pode gostar de coentro na moqueca!” (com ponto de exclamação indignado), compra-se uma briga com quem aprecia o tempero. Mas a frase “acho que eu prefiro o meu peixe sem coentro...” (com serenas reticências) é um convite à conciliação.

> **“Fico com Montaigne: ‘As palavras pertencem metade a quem fala, metade a quem ouve’ ”**

É por isso que fico com Montaigne: “As palavras pertencem metade a quem fala, metade a quem ouve”. Sim, temos de escolhê-las com cuidado, sobretudo quando o debate é delicado. Um truquezinho eficiente é deixar que o seu interlocutor pense ter vencido a discussão. Não se trata de condescendência, o que seria reprovável, mas de uma iniciativa em prol do entendimento entre os convivas. Ninguém muda a convicção — nem o time ou a fé — só porque o outro falou mais alto. Os argumentos só melhoram se emitidos com suavidade respeitosa. Por isso, quando alguém à sua mesa der sinais de que vai se exaltar, se apresse em levantar um brinde à harmonia. ■

SIM, ELA PODE Menina sai às ruas de Tóquio na série *Crescidinhos:* a criançada vai às compras e faz o próprio prato

QUERO SER GRANDE

Ao exibir crianças pequenas dando cabo de tarefas do dia a dia, um bem-sucedido reality show acende a polêmica: até que ponto elas podem ser independentes tão cedo? **CAMILLE MELLO**

UMA MENININHA perambula sozinha entre as gôndolas de um supermercado enquanto seus atentos olhos percorrem os produtos buscando o que lhe foi pedido pela mãe. Ela tem apenas 2 anos e impressiona os mais velhos, que a observam cumprir com agilidade a missão de pegar, um a um, os itens nas prateleiras. E tem mais: crianças de até 4 anos também vão à feira, levam roupas à lavanderia e preparam refeições sem a ajuda dos pais. Essas são cenas de um bem-sucedido reality show japonês de três décadas, *Crescidinhos,* recém-lançado em formato de série pela Netflix, em que uma turma ultramirim é filmada realizando tarefas que, à primeira vista, soam impossíveis de ser executadas em tão tenra idade. Pois são todas situações verdadeiras (acompanhadas a distância pelos mais crescidos da equipe do programa), que vêm levantando um acalorado debate sobre um escaninho vital na criação dos filhos: até que ponto a criançada pode desfrutar tamanha independência?

Evidentemente, fatores da vida em sociedade, como a segurança, pesam

na decisão dos japoneses de darem asas à prole desde cedo. As ruas de Tóquio estão repletas de gente miúda sozinha, carregando suas generosas mochilas rumo à escola. Observadas as diferenças, a questão central recai sobre o caldo cultural, sobretudo o do Ocidente, onde prevalece uma forte tendência dos adultos à superproteção. Muitos subestimam, segundo apontam relevantes estudos, a capacidade infantil de já se virar em alguns departamentos — e assim brecam oportunidades de voos em um momento crucial da existência humana. "Esse afã de proteger os filhos e evitar que passem por dificuldades e sofrimento freia seu desenvolvimento pleno", alerta a neuropsicóloga Lívia de Freitas.

Substituindo visões mais antigas, que passavam ao largo das potencialidades da mente infantil, pesquisas recentes mostram que até mesmo bebês apresentam habilidades de memória, atenção e controle sobre suas ações, pedras fundamentais para um princípio de independência. O cérebro em seus primórdios é um caldeirão em ebulição — calcula-se que mais de 1 milhão de novas conexões neurais se estabeleçam a cada segundo durante os primeiros anos, quando se constitui o córtex pré-frontal, a região que comanda raciocínio e comportamento. "Na chamada primeira infância, até os 5 anos, a aquisição da autonomia se dá da forma mais acelerada possível, uma chance única para a evolução do indivíduo e do que ele será capaz no futuro", enfatiza a pediatra Sandra Grisi, coordenadora do Centro de Desenvolvimento Infantil da USP.

ARQUIVO PESSOAL

VIVENDO E APRENDENDO
Em sua segunda jornada na maternidade, **Monique Lima,** 39 anos, reconhece que aprendeu lições com a primogênita, **Manuela,** 8, que agora aplica em **Vicente,** 4. "Deixei a superproteção de lado e os incentivo a se virarem", diz ela

É justamente essa janela de altos aprendizados que os adultos devem aproveitar para semear noções de responsabilidade e independência na prole. E não é preciso nem que as crianças saiam de casa para receber bons incentivos. Delegar tarefas simples mesmo no ambiente doméstico é o suficiente para dar o pontapé inicial nesse trabalhoso porém rico processo de impulsionar a iniciativa própria. "Há atividades que podem ser feitas por crianças de qualquer idade, mas, para que deem cabo delas, necessitam de um empurrão dos pais", explica o neurologista Marco Antônio Arruda, especializado em infância e adolescência.

Nesse trajeto para a formação de seres autônomos, a recomendação é implantar um conjunto de ações simples, começando por atribuir aos pequenos missões elementares, como guardar brinquedos e organizar o material escolar, além de exercitar seu poder de escolha, cultivando neles o hábito de palpitar sobre o que comem ou vestem. "Comecei a deixar o Vicente comer e trocar de roupa sozinho, um processo gradativo, trabalhoso, mas de ótimo resultado", avalia a mãe, Monique Lima, satisfeita com o progresso do caçula, de 4 anos.

Um novo estudo da Universidade Harvard atesta que os benefícios de dar estímulos precoces à autonomia se desdobram por toda a vida, influenciando positivamente na saúde, no desempenho escolar e, mais adiante, até no lado profissional. "A criança ganha autoestima a cada função que realiza e sua base vai se sedimentando", diz Ioana Yacalos, doutora em desenvolvimento humano. Mas atenção: os primeiros miúdos gritos de independência devem ser cercados de olhares vigilantes. "Do contrário, podem ter efeito oposto, gerando estresse e ansiedade", explica a médica Maria Beatriz Linhares, professora de medicina da USP. Quando o reality japonês mostrou os pequeninos desbravadores desenrolando tarefas do dia a dia, as redes ecoaram a preocupação de pais e mães mundo afora, que diziam: "Isso é loucura". Outra ala ponderou. "As crianças têm um bom poder de aprendizado e não são tão frágeis assim", acredita Beatriz Silva, 22 anos, mãe do travesso Miguel, de 2, um crescidinho ao depositar a fralda na lata de lixo e dar suas colheradas sozinho. É só o começo. ■

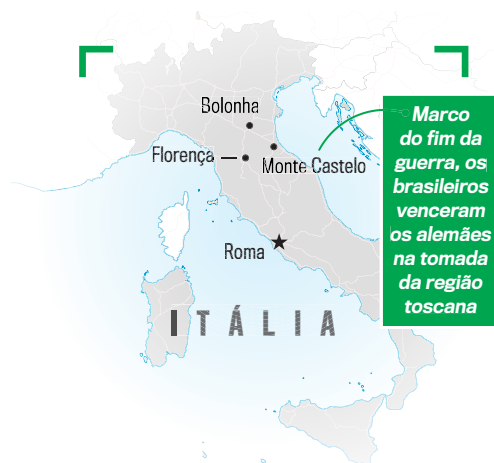
DIVULGAÇÃO

RESILIÊNCIA Tropas da Força Expedicionária Brasileira em Castel Nuovo, próximo a Nápoles: a preparação foi frágil

O LEGADO DA GUERRA

A entrada brasileira no segundo conflito mundial faz oitenta anos, com muitas conquistas e perdas na política, na economia, na cultura e até no aprimoramento militar **ALESSANDRO GIANNINI**

AS EFEMÉRIDES têm utilidade — iluminam o passado de modo a entender o presente e abrir caminhos para o futuro. Os oitenta anos da entrada do Brasil na II Guerra Mundial, em agosto de 1942, ajudam a pavimentar a trajetória histórica do país em suas relações internacionais, a postura das Forças Armadas e, inclusive, a nação que somos hoje. Cabe recordar: o submarino alemão U-507, comandado pelo nazista Harro Schacht, torpedeou cinco navios brasileiros, que foram a pique nas águas do Nordeste, entre os estados de Sergipe e Bahia. Os ataques mataram mais de 600 pessoas, entre tripulantes e passageiros, até mulheres e crianças. Houve comoção instantânea. Pela dimensão e covardia, o evento galvanizou a opinião pública e alimentou grande manifestação no Rio de Janeiro, a capital federal na época. Pressionado, o então presidente Getúlio Vargas, que parecia paralisado e alheio, enfim declarou guerra à Alemanha e à Itália.

O decreto de estado de guerra tinha efeito imediato. Havia, porém, outras providências a ser tomadas antes da entrada no teatro de operações. A Força Expedicionária Brasileira (FEB), grupamento militar que representaria o país na Europa, só seria criada um ano depois, em agosto de 1943. Como símbolo, adotou-se a imagem de uma cobra fumando cachimbo, em resposta aos críticos que desdenhavam da capacidade brasileira de participar de um conflito armado —

A FEB NO CONFLITO

Criada em agosto de 1943, a Força Expedicionária Brasileira se incorporou ao Exército americano na Itália

Em **239 dias,**
participaram da campanha

25 334 soldados,
dos quais

+
443 foram mortos
+
2 713 ficaram feridos

Fonte: *FEB*

FPG/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

MARINHA DO BRASIL

BAIXAS Corveta Camaquã: afundada em julho de 1944, ela teve 33 mortos

isso só aconteceria se uma cobra fumasse, diziam eles. O ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, destacou o general Mascarenhas de Morais para o comando, embora as tropas nacionais fossem atuar sob as ordens dos exércitos aliados. Os primeiros dos mais de 25 000 pracinhas — como eram chamados os soldados de baixa patente — destacados para a missão começaram a ser enviados para a Itália em julho de 1944.

O primeiro escalão da FEB desembarcou em Nápoles e seguiu em direção ao norte, para as regiões montanhosas da Toscana. As tropas permaneceriam por ali entre o fim de 1944 e o início de 1945. A principal batalha travada foi a de Monte Castelo *(veja no mapa acima)*, marco no fim da guerra que praticamente selou o destino alemão. Como saldo, houve mais de 440 mortos na ação, taxa de letalidade baixa dado o treinamento precário recebido pelos soldados brasileiros e as situações de combate enfrentadas nas montanhas, debaixo de temperaturas muito frias nos meses de inverno. Dos cinco escalões enviados, só o primeiro recebeu treinamento adequado dos americanos antes de entrar em combate. Os restantes foram engajados diretamente. “É comum na literatura sobre a FEB desdenharem dos soldados brasileiros”, diz Francisco César Ferraz, professor de história da Universidade Estadual de Londrina e autor de dois livros sobre o assunto. “Mas eles tiveram de combater em situações para as quais não estavam adequadamente preparados.”

Para além do tardio — e merecido — reconhecimento da resiliência das tropas brasileiras em combate, a participação da FEB na II Guerra deixou legados na política, na economia, na cultura e até no aprimoramento das tropas armadas do Brasil. Antes influenciado em todos esses campos por países europeus como França e Alemanha, o país passou a se aproximar dos Estados Unidos. A chamada “política de boa vizinhança”, usada para ganhar influência sobre o bloco continental, foi atalho para fortalecer o bloqueio aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

A aliança Brasil-EUA proporcionou a revitalização das Forças Armadas brasileiras, com investimentos por parte dos americanos e trocas de conhecimento e tecnologia, em movimento que ainda se mantém. Na economia, significou a aceleração da industrialização. Na política, acabou por incentivar a participação militar na vida pública — com resultados muitas vezes desastrosos, como no Golpe de 1964. Um dos maiores impactos se fez sentir na cultura nacional. “Houve um forte processo de americanização, diz o professor Ferraz. “Deveria ser uma via de mão dupla: nós ofereceríamos o que tínhamos de melhor e os americanos ofereceriam o que tinham de melhor. No fim, prevaleceu uma outra fórmula: eles trazem a cultura e a sofisticação, e a gente oferece o exotismo. Isso perdura até hoje”. Nunca é tarde, no entanto, para mudar. ■

MALDIVES FLOATING CITY

À PROVA DE ÁGUA Nos atóis das Maldivas: com tecnologia holandesa, projeto de cidade para 20 000 habitantes tem toda a estrutura boiando no mar cristalino

OCEANIX/BIG-BJARKE INGELS GROUP

O JEITO É FLUTUAR

Ameaçadas de afundar, as Maldivas tocam pioneiro projeto de cidade sobre boias, uma possível saída para a elevação do nível do mar, que assola outros cantos do planeta **VITÓRIA BARRETO**

VISTA DE CIMA, parece um gigantesco coral que desponta na superfície do mar. De perto, revela-se uma construção humana sobre a lagoa de água azul-turquesa a cinco minutos de barco de Malé, a capital das Maldivas. Sem nenhum alicerce fincado no fundo do mar, a estrutura flutua como uma boia. Trata-se do primeiro protótipo de uma cidade de características inéditas que, até 2027, poderá ser habitada por 20 000 pessoas espalhadas em 5 000 unidades flutuantes com casas, restaurantes, lojas, escolas e mesquita (a população é majoritariamente muçulmana). O projeto é tido como tábua de salvação para o país, um arquipélago de 1 190 ilhas, boa parte das quais com menos de 1 metro acima do nível do mar — o que faz das Ilhas Maldivas o primeiro candidato a ser engolido pela elevação dos oceanos em consequência do aquecimento global.

As Maldivas não estão sozinhas nessa sombria ameaça. A subida do nível dos mares, entre 3 e 4 milímetros por ano atualmente, deve alcançar 1 metro nos próximos oitenta anos, o que põe em risco a maioria das cidades erguidas em ilhas assentadas sobre cordilheiras vulcânicas submersas e pode forçar o movimento de populações em núcleos urbanos costeiros. Para chamar a atenção para o problema, o ministro de Relações Exteriores de Tuvalu, outro país afetado, discursou por vídeo na Conferência do Clima da ONU, em 2021, dentro do mar, com água pelo joelho. O drama das Maldivas, no entanto, é o mais premente: prevê-se que 80% de suas ilhas afundem até 2050. Daí a importância do projeto encomendado pelo então presidente Mohamed Nasheed — outro militante da causa, que chegou a convocar uma reunião ministerial no fundo do oceano, com todo o gabinete de roupa de mergulho — durante uma visita a Amsterdã.

A Holanda, onde um terço do território está abaixo do nível do mar, concentra os maiores especialistas em estruturas que boiam — casas e hotéis conectados a um pilar que flutua conforme a maré, como as noventa moradias aboletadas em torno da ilha artificial de Steigereiland, a leste da capital. O domínio dessa tecnologia é arma essencial para as ilhas e cidades passíveis de serem tragadas, um drama que até algum tempo atrás só angustiava Veneza, a preciosidade italiana em luta eterna contra a fúria das águas. "Já vimos países desaparecerem do mapa geopolítico após guerras, mas a humanidade nunca passou pela experiência de uma nação ser fisicamente varrida do mapa. As Maldivas podem ser as primeiras, se não tomarem medidas drásticas", diz Daniel Scott, diretor do programa de mudança climática da Universidade de Waterloo, no Canadá.

A construção da cidade flutuante das Maldivas está a cargo de duas

E ASSIM NASCE UMA CIDADE Coreia do Sul: ilhas interligadas por pontes brotarão no mar próximo a Busan

empresas holandesas, uma responsável pelo design arquitetônico e a outra, a Waterstudio, à frente da obra em si, em parceria com o governo. "Nosso foco é a população local", falou a VEJA Koen Olthuis, fundador da Waterstudio. "Moradias flutuantes como se vê em Miami, de 5 milhões de dólares, não solucionam o problema na grande escala." No paraíso turístico situado no Oceano Índico, quase metade da população de 400 000 habitantes vive na capital, o que faz de Malé uma das cidades mais densamente populosas no mundo, com até três gerações de uma mesma família residindo em um apartamento. Os locais terão prioridade e preços mais acessíveis (150 000 dólares um apartamento e 250 000 uma casa) na compra de moradias na cidade flutuante, embora estrangeiros possam arrendar propriedades.

Tentando também se prevenir contra inundações desastrosas, a cidade de Busan, no sudeste da Coreia do Sul, a segunda maior do país e um dos portos mais movimentados do planeta, está desenvolvendo um projeto de construções capazes de flutuar e interconectadas por pontes, que abrigarão 12 000 habitantes. Um protótipo foi criado pela empresa Oceanix, em colaboração com a ONU-Habitat, e a expectativa é que a experiência se expanda para outros países, como forma de contornar a tragédia não só do avanço do mar, mas também das tempestades torrenciais, que só tende a se agravar com o aquecimento global. "Essas construções podem reduzir ou eliminar o terrível trauma de ver a água entrando na casa e levando tudo embora", diz a especialista Elizabeth English, professora de arquitetura da Universidade de Waterloo. Na corrida para se defender das mudanças climáticas, sairá ganhando quem aprender a flutuar primeiro. ■

ERHAN DEMIRTAS/NURPHOTO/GETTY IMAGES

TECNOLOGIA Casas flutuantes na Holanda: especialidade do país que tem um terço do território abaixo do nível do mar

VICTOR ELEUTÉRIO

ADRENALINA Sertanejo acompanha a disputa em Bom Jesus (PI) no ano passado: tesouros turísticos Brasil afora

A AVENTURA CRESCEU

Em sua trigésima edição, o Rali dos Sertões amplia seu roteiro com a meta de ser a maior prova de sua família no mundo, ao transportar pelo país diversão, saúde e educação **LUIZ FELIPE CASTRO**

O RALI DOS SERTÕES, o maior evento de sua família na América Latina, tem planos ainda mais ambiciosos em 2022. De 26 de agosto a 10 de setembro, carros, motos, quadriciclos e utilitários multitarefas (UTVs, na sigla em inglês) atravessarão esplêndidas paisagens, de sul a norte do país, em edição comemorativa de trinta anos do evento e do bicentenário da independência. A festança vem sendo planejada há três anos com um objetivo: ser a maior referência mundial de esportes de aventura — e seguir promovendo a cultura e o turismo do Brasil.

YVES FORESTIER/SYGMA/GETTY IMAGES

REFERÊNCIA O Dakar, na Arábia Saudita: a prova é realizada no deserto

O Sertões, como é oficial e carinhosamente chamado, dobrou o tamanho de seu percurso, que vai de Foz do Iguaçu (PR) a Salinópolis (PA), e também os dias de duração do evento. Será uma inédita viagem por todas as regiões e biomas do país, numa aventura grandiosa e realmente comparável ao rali mais famoso do planeta, o Dakar. Criada em 1979, ainda sob o nome de Paris-Dakar, pois ia desde a capital francesa até a senegalesa, a prova atualmente é disputada na Arábia Saudita, com 8 300 quilômetros de extensão. São 1000 quilômetros a mais em relação ao Sertões. Contudo, levando em conta apenas os trechos cronometrados da travessia, conhecidos como “especiais”, os 4 811 quilômetros da competição brasileira já a credenciam à incontestável condição de número 1.

FESTA SERTANEJA

O percurso ampliado entre belas paisagens do Brasil

ROTEIRO

CÂNION DO VIANA (PI)

JOSÉ MÁRIO DIAS

JALAPÃO (TO)

E+/GETTY IMAGES

ILHA DO BANANAL (TO)

DIVULGAÇÃO

A EDIÇÃO HISTÓRICA EM NÚMEROS

7202 quilômetros
de percurso

8 estados
(PR, SP, MS, MT, TO, PI, MA e PA), passando por todas as regiões do país

308 competidores,
sendo 12 mulheres e 14 estrangeiros

184 veículos inscritos
(59 motos, 84 UTVs, 40 carros e 1 quadriciclo)

5 aeronaves de monitoramento
(2 aviões e 3 helicópteros)

Não seria exagero dizer que, também nos aspectos técnicos, o Sertões cresce e aparece. "É mais desafiador pelo alto nível dos competidores e pela variedade de piso", explica Leandro Torres, campeão do Dakar em 2017 na categoria UTVs. "Passamos por areia, terra batida, estrada e pedra, e não somente deserto." Um outro modo de medir a singularidade da disputa é sua relevância cultural ao atravessar paisagens tão distintas não só do ponto de vista ambiental como sociológico. Seria o caso, talvez, de estabelecer comparação com o Tour de France de ciclismo. Diz o motociclista francês Adrien Metge: "Além de ser um rali completo, é realmente uma festa incrível em cada cidade pela qual passamos".

É inquestionável: o Sertões vai muito além da disputa por troféus e medalhas. O turismo nacional é o maior beneficiado, já que locais exuberantes como o Jalapão (TO) ou o Cânion do Viana (PI) só se tornaram conhecidos depois de aparecerem em reportagens sobre o rali. Neste ano, há mais de 300 expedicionários, como são chamados aqueles que acompanham o trajeto meramente por lazer. "Injetamos cerca de 1 milhão de reais na economia das cidades sertanejas com nossas caravanas de até 2 000 pessoas", afirma Leonora Guedes Vieira, diretora-executiva da corrida. "Em alguns casos, ocupamos toda a rede hoteleira local." As ações sociais são motivo de orgulho ainda maior. A startup Saúde, Alegria e Sustentabilidade (SAS), criada em 2013, transporta 200 voluntários cuja meta é realizar 16 000 atendimentos em cinco cidades e zerar a fila do SUS em determinadas especialidades. A cada parada há ações educativas e culturais, como um concurso de artes para crianças e uma competição gastronômica para promover os restaurantes locais. O renomado chef Olivier Anquier competirá nas motos e também ajudará a avaliar os pratos regionais, como o peixe com açaí típico do Pará ou a carne de bode do Piauí. A sustentabilidade é outra prioridade. O evento já tem UTVs híbridas (movidas a etanol e baterias elétricas), desenvolvidas pela equipe Giaffone Racing, e uma série de outras iniciativas para reduzir a poluição. "Queremos promover a brasilidade e o meio ambiente, além de levar alegria, saúde, educação e cultura", diz Leonora. "O Sertões é uma agenda positiva do país e indutor de desenvolvimento." Ela tem razão. A poeira vai subir, trazendo bons ventos. ■

UM MISTÉRIO REVELADO?

O culto ao monstro do Lago Ness ganha força com a descoberta sobre o plesiossauro, dinossauro aquático que inspirou a lenda escocesa **ALESSANDRO GIANNINI**

ISTOCK/GETTY IMAGES

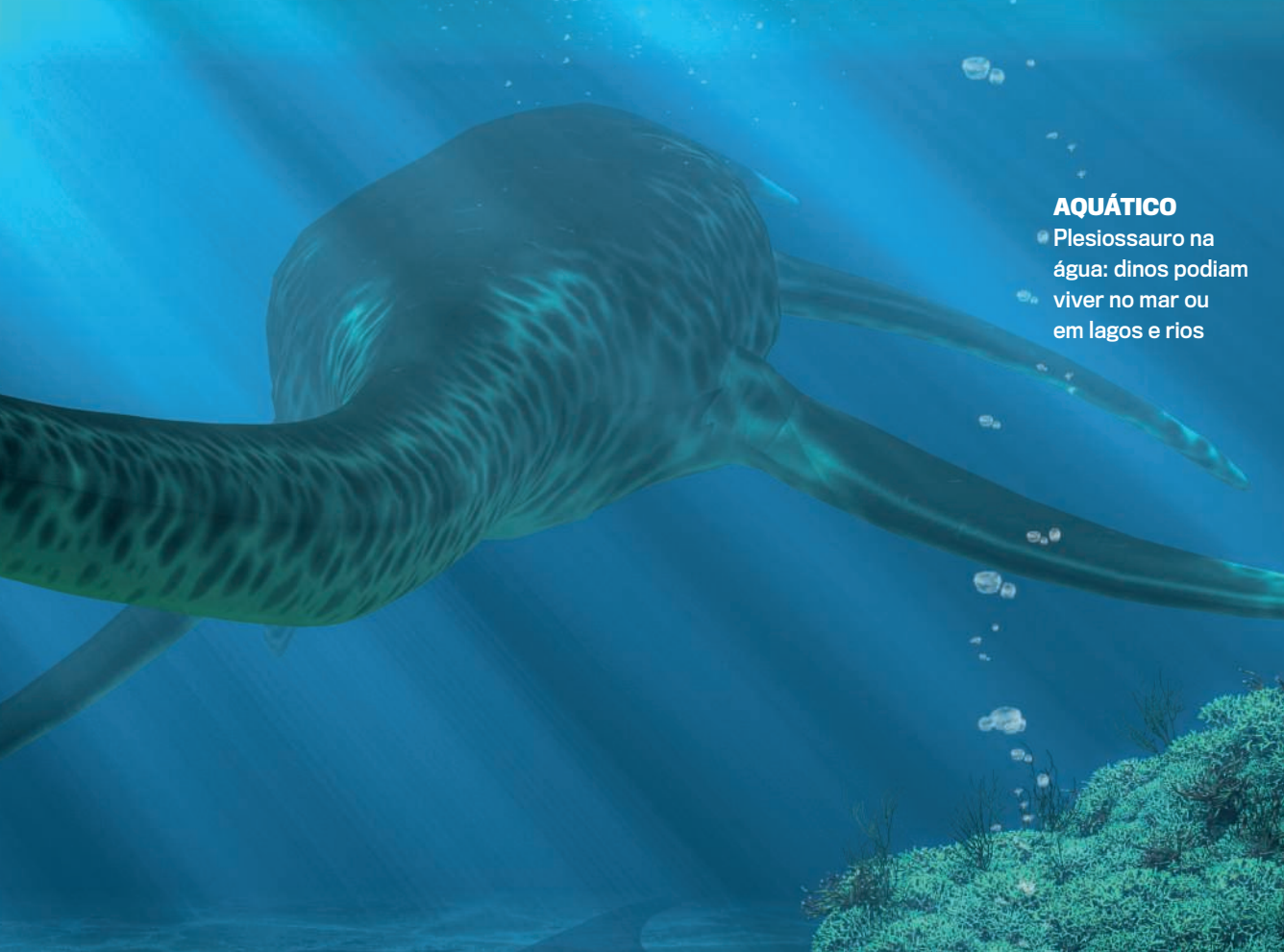
RÉPTEIS MARINHOS pré-históricos com cabeças pequenas, pescoços longos e quatro grandes nadadeiras, os plesiossauros viveram entre 200 e 66 milhões de anos atrás, entre os períodos Jurássico e Cretáceo, e se espalharam por todos os oceanos da Terra. Encontrados pela primeira vez em 1823, pela paleontóloga britânica Mary Anning, os fósseis dessas criaturas podem atingir de 1,5 metro até 14 metros de comprimento. Acreditava-se que seu habitat era principalmente a água salgada. Embora haja estudos mostrando a presença ocasional desses animais em ambientes de água doce, uma descoberta recente mudou completamente essa visão. Mais do que isso: alimentou uma teoria que os aproxima ainda mais do mítico monstro do Lago Ness, uma lenda popular nas Terras Altas da Escócia, no Reino Unido. Os caçadores de Nessie, como é conhecida carinhosamente na região a elusiva e fascinante besta, ficaram animados.

No fim de julho, pesquisadores de universidades britânicas e marroquinas publicaram um estudo na revista *Cretaceous Research* no qual descrevem descobertas feitas na formação geológica Kem Kem, ao sul do Marrocos, no Deserto do Saara. No sítio paleontológico onde há mais de 100 milhões de anos se encontrava um sistema fluvial, os cientistas dizem ter localizado fósseis de plesiossauros de pequeno porte, em grande parte ossos e dentes de adultos de 3 metros de comprimento e um osso da nadadeira de um indivíduo jovem de 1,5 metro de comprimento. São indícios de que essas criaturas viviam e se alimentavam em rios e lagos, ao lado de sapos, crocodilos, tartarugas, peixes e do espinossauro, outro dino aquático. Provavelmente, eles foram se adaptando para tolerar água doce, e alguns talvez tenham passado a existência nela — como acontece com espécies de golfinhos. Um deles poderia ser, portanto, o querido personagem escocês.

A notícia repercutiu no mundo da paleontologia, claro, por lançar luz em uma questão sobre a qual ainda pairavam muitas dúvidas. Nas Terras Altas da Escócia, insista-se, os fanáticos pela lenda de Nessie se encheram de alegria ao ver se abrir uma imensa possibilidade de sobrevida para a criatura, mito que alimenta o turismo na região e do qual muita gente tira o seu sustento. O impacto pode ser medido pelas manchetes de jornais locais

MITO E REALIDADE

Como é o plesiossauro, que teria inspirado o monstro do Lago Ness

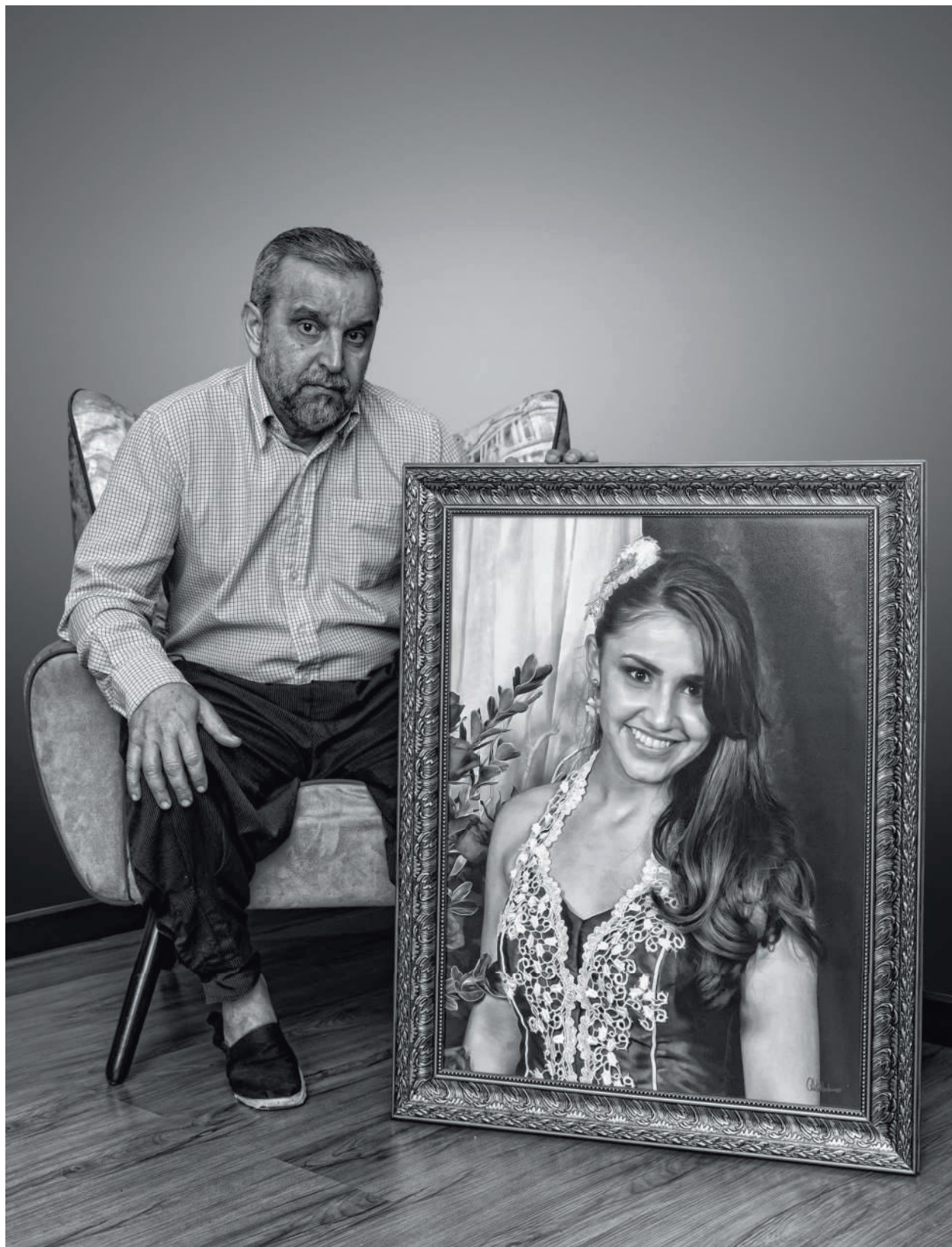
Fonte: *Universidade de Bath*

AQUÁTICO Plesiossauro na água: dinos podiam viver no mar ou em lagos e rios

e de alguns respeitáveis veículos britânicos. “A teoria do monstro do Lago Ness ganha credibilidade com as novas descobertas de fósseis da Universidade de Bath no Deserto do Saara, no Marrocos”, diz o título de uma reportagem sobre o estudo no pequeno *The Inverness Courier*, jornal bissemanal distribuído na área. “Existência do monstro do Lago Ness é ‘plausível’”, repetem as manchetes de *The Scotsman* e do vetusto *The Telegraph*.

Para frustração dos apaixonados, no entanto, a relação entre o dinossauro aquático e Nessie é frágil. A ciência explica o porquê. Primeiro, os plesiossauros sumiram do mapa há 66 milhões de anos, com o restante dos dinossauros, quando o asteroide Chicxulub atingiu a Península de Yucatán, no México, provocando a extinção em massa do fim do período Cretáceo. Há exceções, como o caso do chamado “fóssil vivo”, o peixe celacanto, que parecia ter desaparecido há milhões de anos, quando, para surpresa geral, um espécime foi encontrado vivo em 1938, na África do Sul. “Portanto, não é impossível, mas muito, muito improvável que tenhamos chegado à origem do monstro do lago”, disse a VEJA Nick Longrich, paleontólogo da Universidade de Bath e coautor do estudo sobre os fósseis do Marrocos.

AP/IMAGEPLUS

FAKE NEWS Nessie clicado nos anos 1930: fotografia revelou-se falsa

Não é só. Mesmo com 37 quilômetros de extensão e mais de 250 metros de profundidade, o Lago Ness é muito pequeno para sustentar uma população viável de grandes animais. Além disso, o local foi formado apenas cerca de 10 000 anos atrás, e antes disso era gelo. O interessante, na verdade, é que o mito se tornou popular nos anos 1930, quando um médico militar, o coronel Robert Wilson, tirou a primeira e mais famosa foto de Nessie — décadas mais tarde, revelou-se que era uma imagem produzida, uma autêntica *fake news*. A contrafação, porém, não matou o fascínio. “Em vez de ser um mito antigo, o monstro do Lago Ness é um mito moderno influenciado por descobertas científicas, assim como a corrida espacial inspirou a mania dos óvnis”, afirma Longrich. Dado o fôlego científico da paleontologia — renovado e forte —, o monstro do Lago Ness terá vida longa. Quem não acreditar que conte outra história. ■

JULIANO MENDES

“SINTO MUITA DECEPÇÃO”

Pai de jovem morta no incêndio da boate Kiss, Jorge Malheiros lamenta a anulação do julgamento

DURANTE praticamente dez anos, a minha missão, em nome da minha filha, Fernanda, foi tentar construir um caminho que nos levasse a um avanço como sociedade, de forma coletiva, para tratarmos melhor uns aos outros. É preciso que a gente lide com o que houve na boate Kiss, em Santa Maria, em 2013, com mais razão do que com emoção, mas é impossível não sentir revolta. Quem deveria ter fiscalizado as instalações daquela casa não agiu com correção. Foram 242 mortes. Agora, anulam o julgamento, oito meses depois, não por erro de mérito do que foi julgado, mas por meros ritos judiciais. Eu me pergunto como se sentem os meninos e meninas que, lá em 2013, tinham 10 anos e hoje são jovens, que viram o descaso com o processo? Como se sentem os que perderam amigos ao saber que o Estado não está nem aí para a juventude?

No julgamento, em dezembro do ano passado, foram dez dias de muito sofrimento emocional. Houve mentiras em relação ao inquérito e, infelizmente, o crime que envolve as autoridades públicas está prescrito. No momento da condenação dos quatro réus, já não tive nenhum sentimento de justiça nem de prazer. Aquilo não foi a justiça plena. Foi seletiva, porque escolheram quatro para pagar a conta e outros ficaram de fora. O que aconteceu na Kiss foi um crime horrendo. Se não fossem a negligência, o descaso e a vaidade falando mais alto, meninos inocentes não teriam morrido. Jovens morreram por terem respirado o cianeto da queima da espuma que eles colocaram depois das reclamações por barulho e porque os extintores de incêndio estavam guardados em armários. Os acusados foram determinantes naquela tragédia.

Um fim de semana antes daquela terrível noite fui a Santa Maria para levar uma televisão para a Fernanda. Ela estava bem faceira, feliz, tinha completado 18 anos e estudava agronomia. Fomos ao supermercado e eu vi uma boate. Era a Kiss. Perguntei se ela ia àquele local. Fernanda falou que todo mundo na faculdade ia. E do nada, nem sei por que, disse que aquele lugar parecia uma caixa de matar gente. Só tinha uma portinha e um paredão. Disse a ela, então, para ficar em um espaço seguro. Eu tinha razão: 46 segundos depois do começo do fogo, os jovens perderam a capacidade de locomoção. Alguns se queimaram porque não conseguiam se movimentar. Minha filha, insisto, não saiu de casa para morrer — ela queria se divertir.

No domingo, eu e minha mulher fomos acordados por uma amiga às 5 horas. Ela tinha visto as notícias. Fomos para Santa Maria e estava uma confusão aterrorizante. Os corpos foram levados para um ginásio e, conforme iam sendo identificados, eram colocados em caixões. Circundei o ginásio, que já tinha mais de 200 corpos. Peço a Deus que apague da minha cabeça um dia os rostos de desespero. Por volta das 17 horas, tinha entrado três vezes e não havia encontrado a Fernanda. Um policial, que havia conversado comigo, apareceu e me olhou nos olhos. Naquele momento, o mundo desabou. Fui ver e, a 5 ou 6 metros, reconheci a roupa que ela estava vestida. Cheguei perto e Fernanda estava com a correntinha que meu pai havia dado a ela. Prometi a ela, diante de seu corpo, que encontraria os responsáveis por aquilo e tentaria construir algo, como Fernanda tinha o sonho de poder fazer no futuro. Mas não vi evolução alguma, por mais que a gente tenha lutado. Sinto muita frustração e decepção com o ser humano. As tragédias continuaram, como as que aconteceram em Mariana e Brumadinho. As feridas abertas na Kiss deveriam servir para discutir formas de evitarmos erros, mas não. Nem é possível dizer que as pessoas estão seguras para tocar a vida com a leveza e diversão que merecem. ■

Depoimento dado a Paula Felix

SEGURA FIRME Mantendo a disciplina: os exercícios fortalecem os músculos, que protegem os ossos

O REMÉDIO É PUXAR PESO

Por causa das dietas restritivas, veganos e vegetarianos têm maior chance de sofrer fraturas. Uma saída para reduzir o risco é praticar atividades de força e resistência **ANDRÉ SOLLITTO**

ABANDONAR de vez o consumo de carnes e, em casos mais extremos, de leite e seus derivados, ou mesmo de qualquer alimento de origem animal, é uma escolha de vida que lentamente tem ganhado adeptos. Existem no Brasil cerca de 30 milhões de vegetarianos e outros 7 milhões de veganos, fatia que deve crescer nos próximos anos. Há alguns fatores envolvidos nessa decisão, incluindo o zelo com o meio ambiente e as mudanças climáticas e uma opção por um estilo de vida mais saudável. No entanto, é preciso cuidado e bom senso.

Uma dieta sem carne nem leite pode ter consequências para o organismo. Um estudo feito pela Universidade de Leeds, na Inglaterra, aponta que mulheres vegetarianas e veganas têm maior chance de sofrer fraturas no quadril quando entram em idade avançada. Foram analisados dados de mais de 26 000 participantes ao longo de 22 anos, e a pesquisa mostra que o risco de ruptura óssea é um terço maior entre o grupo. Isso se deve, principalmente, a algumas deficiências na alimentação. “Para ter um osso saudável é preciso cálcio, vitamina D e proteína”, diz a nutricionista Rosana Perim Costa. O cálcio é encontrado, sobretudo, em leite e seus subprodutos, como queijo e coalhada. Dietas mais restritivas, porém, proíbem o consumo desse tipo de comida. É possível buscar compensações nas versões à base de soja ou amêndoas e em diversos suplementos e proteínas de origem vegetal. As opções são fartas em um mercado tremendamente pujante. O segmento de alimentos à base de plantas cresceu de 5 bilhões de dólares em 2018 para 7 bilhões em 2021 nos Estados Unidos.

O SEGREDO ESTÁ NOS MÚSCULOS

Modalidades esportivas que privilegiam o impacto são as mais indicadas

CROSSFIT

Devido aos exercícios de grande intensidade, melhora muito a resistência muscular

BOXE

O esporte exige rapidez de movimentos, explosão e força

FUNCIONAL

Por meio de treinos específicos, incluindo levantamento de peso, é possível deixar os músculos fortes o bastante para proteger os ossos

E+/GETTY IMAGES

Nem sempre, contudo, basta ter empenho com o que se leva à boca. Uma pesquisa recente realizada na Universidade de Viena, na Áustria, aponta outro caminho para preservar a saúde óssea daqueles que optam pelo veganismo e vegetarianismo. O trabalho revelou que a adesão firme desses indivíduos aos exercícios de força e resistência lhes confere ossos e músculos bem mais fortes em comparação aos que praticam atividades aeróbicas, como natação ou caminhada. Trata-se de uma ótima notícia. Ao optar por modalidades do gênero, essa população consegue se proteger de uma eventual fragilidade no sistema músculo-esquelético que pode desaguar em dores e sucessivas internações para tratar fraturas no final da vida.

Os estudiosos não sugerem, claro, que a prática de atividades aeróbicas seja abandonada. Elas são fundamentais para deixar bem azeitado o sistema cardiovascular, permitindo que coração e cérebro funcionem como o programado. Os pesquisadores enfatizam, contudo, que adeptos de dietas cujas restrições podem impactar a saúde óssea deem ênfase também aos treinos musculares mais pesados. Modalidades como crossfit, com seus movimentos explosivos, e artes marciais *(leia mais no quadro ao lado)* são indicadas para quem precisa fortalecer ossos e músculos sem abrir mão das escolhas alimentares.

INSTAGRAM @LEWISHAMILTON

POTÊNCIA O vegano Hamilton: treinos fortes e alta performance nas pistas

A constatação de que é possível adotar uma dieta vegana e ainda assim competir em alto nível é a quantidade de atletas de elite que se tornaram garotos-propaganda da subtração de carne, leite etc. O piloto de Fórmula 1 Lewis Hamilton é um deles. O britânico se tornou vegano em 2017 e desde então se sagrou campeão nas pistas quatro vezes. Mantém uma rotina de exercícios em que equilibra resistência e força com a necessidade de manter o peso sob controle para não prejudicar a velocidade do carro. Hamilton não é o único. O ultramaratonista americano Scott Jurek, que venceu provas no mundo inteiro, o fisiculturista alemão Patrik Baboumian e o jogador de basquete da NBA DeAndre Jordan são alguns dos atletas veganos que encantam pela impressionante potência. Adotar uma dieta vegetariana ou vegana tem benefícios, como a redução nas inflamações sistêmicas e a manutenção do peso corporal. Mas envolve um acompanhamento para garantir que não haja deficiência na ingestão de micronutrientes e o compromisso firmado com os exercícios certos. ■

TAÇA CHEIA

Impulsionado pelos rótulos nacionais, o consumo de espumantes supera o de vinhos finos e mostra a preferência do brasileiro pelo frescor das borbulhas **ANDRÉ SOLLITTO**

NA RECENTE HISTÓRIA de sucesso do mercado brasileiro de vinhos, o ano de 2021, em plena pandemia, será tratado como ponto de inflexão, o início de uma nova era. Pela primeira vez, os consumidores preferiram rótulos de melhor qualidade: foram comprados 217 milhões de litros de produtos finos, de uvas europeias, ante 205 milhões de litros de garrafas de mesa, majoritariamente de cepas americanas. Outro ineditismo, agora revelado: a expansão dos espumantes entre os exemplares de qualidade. Foram 40,4 milhões de garrafas de borbulhantes, mais do que os 36 milhões dos chamados vinhos "tranquilos", sem gás. Diante desse cenário, o Brasil torna-se simultaneamente um respeitável produtor e também admirador dessa família de bebida.

Trata-se de um processo que ganha força há quase vinte anos, desde que as vinícolas nacionais perceberam o potencial que as uvas tradicionais usadas na fabricação dos espumantes, a pinot noir e a chardonnay, demonstraram em nosso solo, especialmente no Sul do país. Em 2021, 303 das 414 medalhas obtidas por vinhos brasileiros foram para espumantes. Um deles, o 130 Blanc de Blanc, da Casa Valduga, de Bento Gonçalves (RS), venceu um dos mais importantes concursos: o Vinalies Internationales, em Paris. Houve empolgação no país com a láurea inédita, e muitos ousaram acreditar que fora eleito "o melhor do mundo".

Hoje, há uma enorme variedade de estilos à disposição. O espumante — que pode ser feito com esse nome em qualquer lugar do mundo, e não tem a exclusividade territorial do champanhe francês — é um vinho de dupla fermentação natural. Esmagam-se as uvas na primeira etapa para seu mosto se transformar em bebida alcoólica. A segunda forma o gás carbônico, ou melhor, as borbulhas. Existem dois métodos principais para a segunda fermentação. No Charmat, ela ocorre em grandes tanques de inox, chamados de autoclaves. No Champenoise, conhecido como tradicional ou clássico, a segunda fermentação acontece na garrafa. Há também o método Asti, que no Brasil é usado na fabricação de moscatel, que se diferencia dos anteriores porque a segunda fermentação não é feita com o vinho pronto, mas com o mosto guardado da primeira etapa. Os três métodos são aplicados aqui, embora predomine o Charmat. Tais processos proporcionam, evidentemente, bebidas diferentes. Conforme o nível de açúcar, os espumantes Charmat e Champenoise podem ser classificados como nature, extra-brut, brut, seco, meio seco e doce.

Tamanha diversidade, associada à qualidade, é atalho para a conquista de novos espaços, em uma clara mudança de comportamento. "Deixou de ser algo para celebrar um aniversário ou estourar no réveillon e virou bebida do dia a dia, para tomar em um churrasco, em um jantar, ou deixar na porta da geladeira como aperitivo", diz o sommelier Tiago Locatelli, da importadora Decanter. Acrescente-se o preço: é possível encontrar boas opções nacionais por apenas 50 reais, enquanto os rótulos importados mais atrativos, como o clássico Freixenet espanhol, o prosecco e o lambrusco italianos, custam pelo menos o dobro.

E+/GETTY IMAGES

TRADIÇÃO Vinhedo da Casa Valduga, em Bento Gonçalves: a região produz marcas premiadas

VARIEDADE
Diferentes sabores: o mercado nacional tem do brut ao moscatel

CASA VALDUGA/DIVULGAÇÃO

BORBULHAS EM ALTA

Consumo e qualidade da bebida se expandem

40 MILHÕES DE GARRAFAS VENDIDAS EM 2021

32% DE CRESCIMENTO EM RELAÇÃO A 2020

303 DAS 414 MEDALHAS CONQUISTADAS PELOS VINHOS BRASILEIROS NO ANO PASSADO

Fontes: *Uvibra e Ideal Consulting*

Lembre-se, contudo, que nomes míticos como Veuve Clicquot, Moët & Chandon e Taittinger mantém seu apelo, apesar de poder alcançar 400 reais por garrafa. E então, para quem não abandona o que vem de fora e adora as pérolas de um espumante, a onda são os chamados Champagne de Vigneron, de pequenos produtores franceses. “Há entre eles uma liberdade de maior de técnicas e de uso de uvas variadas”, diz Alaor Lino, da importadora Anima Vinum. Seja buscando o desconhecido, seja procurando o melhor custo-benefício, lá fora ou nas terras de cá, o brasileiro tem erguido brindes com taças mais alongadas. É uma saborosa novidade. ■

A PELE QUE HABITO

O interesse por vestidos que simulam o corpo nu e peças que abusam das transparências dispara. Na era dos nudes, o velho jogo de mostrar sem revelar ainda fascina **ANDRÉ SOLLITTO**

TAYLOR HILL/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

ÍCONE A linda atriz Megan Fox é fã dos modelos: virou a rainha das transparências

O NOME *naked dress,* ou vestido nu, não é à toa. Quem olha de relance para essas ousadas peças de roupa pode pensar que a modelo, de fato, não está vestindo nada. Na semana passada, a grife do estilista francês Jean Paul Gaultier causou frisson ao apresentar uma coleção em parceria com a influenciadora Lotta Volkova. Os vestidos, disponíveis em versões para pele branca e negra, são desenhados com uma técnica artística conhecida como *trompe l'oeil* para causar uma ilusão de óptica. A ideia: dar a impressão de não haver nada, a não ser carne e osso, como se veio ao mundo. E, aparentemente, dado o sucesso, andar por aí pelado, só que não, está em alta — e crescendo em interesse.

O longo desenhado por Gaultier, estrela da coleção, entrou em terceiro lugar no último relatório da The Lyst Index, plataforma que avalia o mercado e divulga a popularidade de grifes e produtos. O *naked dress* do renomado estilista ficou atrás apenas de uma bolsa da Diesel e do tênis feito pela Gucci em parceria com a Adidas. Vendido por 590 euros, está esgotado, assim como as outras peças da série, que inclui biquínis e camisas. As pesquisas no Google por peças "nuas", com as partes íntimas simuladas, aumentaram 430% nos últimos três meses.

Cabe lembrar que a moda é território infinito da máxima de Lavoisier (1743-1794): "Nada se cria, tudo de transforma". A transparência dos tecidos, prima-irmã do que brotou agora, está em eterno vaivém. No fim da década de 50, a atriz e cantora alemã Marlene Dietrich chocou a sociedade ao aparecer em performances no estilo cabaré em teatros de Las Vegas usando

SEAN ZANNI/PATRICK MCMULLAN/GETTY IMAGES

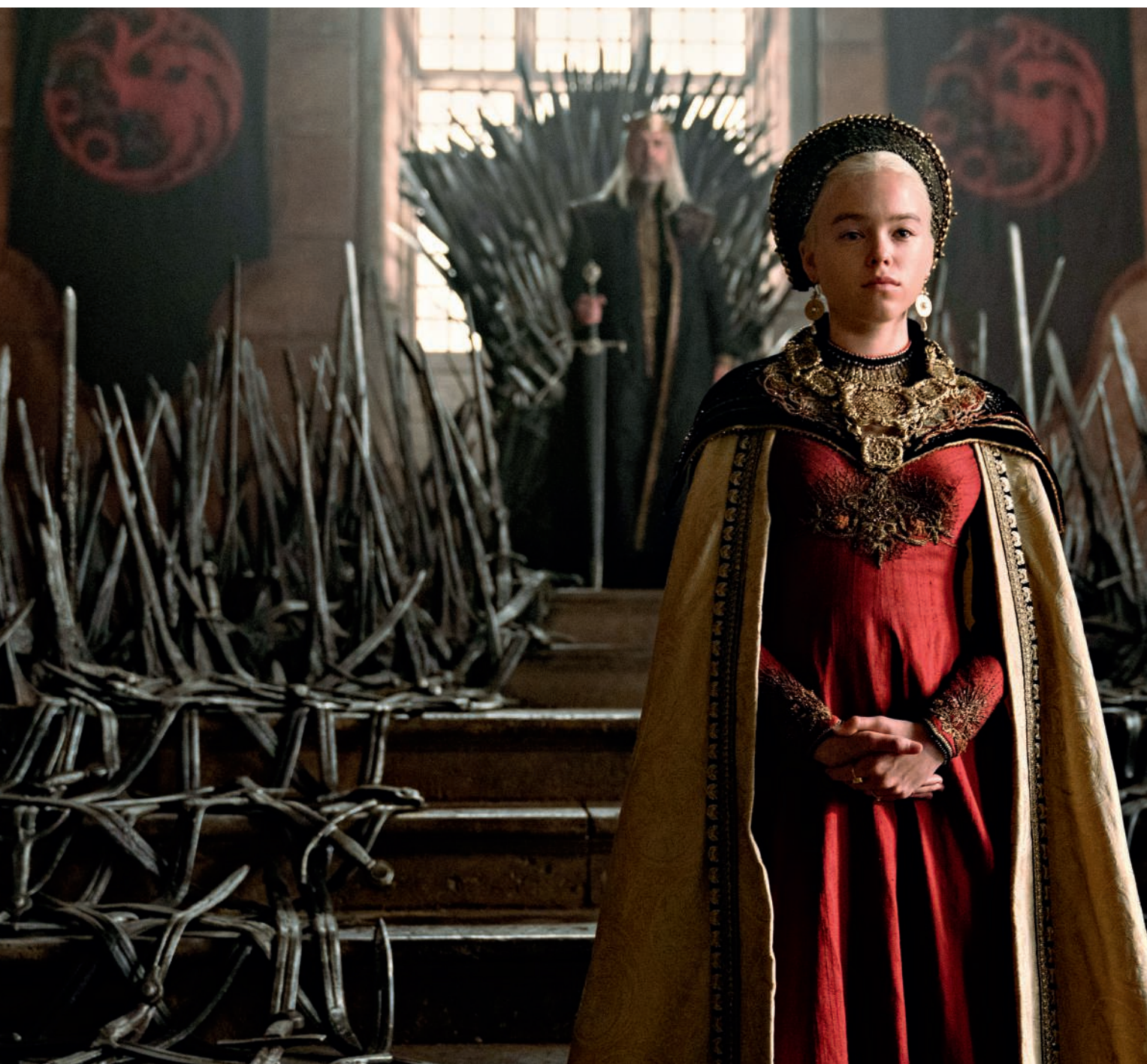
RELEITURA Kendall e seu Givenchy: levemente inspirada em Audrey Hepburn

JEAN PAUL GAULTIER

SUCESSO O vestido do francês Jean Paul Gaultier: a peça, uma das mais procuradas do momento, está esgotada

um modelo que dava a ilusão de transparência. O corte, assinado por Jean Louis, inspirou um dos vestidos mais famosos da história: o look, também do estilista francês, usado por Marilyn Monroe em 1962 na celebração de aniversário do então presidente dos Estados Unidos, John Kennedy. E não deu outra: agora em 2022, a socialite Kim Kardashian usou o mesmo vestido no Met Gala, tradicional evento de moda realizado em Nova York. Anote-se que a própria criação de Gaultier não é exatamente novidade. Uma versão do *naked dress* foi exibida nas passarelas para a temporada outono/inverno de 2014, há quase uma década. E mais: a atual versão bebe de outra coleção, ainda mais antiga, de 1996.

Na Semana de Moda de Paris, ficou claro que a nova velha ideia pegou tração e fisgou o universo da alta-costura. Grifes como Schiaparelli e Balmain apresentaram coleções com tecidos que se ajustam ao corpo ou que reproduzem as formas femininas. Fora das passarelas, celebridades desfilam criações de alguns dos maiores nomes da moda. A socialite Kendall Jenner — também no Met Gala — usou um vestido da Givenchy inspirado em um modelo que Audrey Hepburn vestiu em *My Fair Lady*, mas totalmente transparente e ainda mais sexy. Megan Fox foi no mesmo caminho. A cantora Anitta (e quem mais seria?) foi outra a ostentar panos fingindo estar pelada. É movimento interessante, pode ser visto como gesto de ousadia e coragem, e inevitavelmente magnetiza quem está ao redor, por motivos óbvios. Mas tem um quê de marketing, muito barulho por nada na era dos nudes. Talvez falte transparência a quem se veste para fingir flanar pelo mundo habitado pela nudez. É onda que vai passar, até que renasça. ■

BATALHA PELO T

TRONO

Derivada de *Game of Thrones*, a série *A Casa do Dragão* chega ao canal HBO com a difícil missão de preencher a lacuna de sua antecessora — enquanto disputa o favoritismo entre os vários títulos de fantasia que estão tomando a TV

RAQUEL CARNEIRO

ESTOPIM Rhaenyra Targaryen (Milly Alcock): a princesa eleita sucessora desencadeia conflito familiar

HBO MAX

Diz a lenda que o imponente Trono de Ferro foi forjado com fogo de dragão e mais de 1 000 espadas dos inimigos que sucumbiram perante Aegon Targaryen, o primeiro rei a assumir o assento mais cobiçado de Westeros. O mesmo trono suscitou batalhas ferozes no mundo fantástico criado pelo americano George R.R. Martin. Entre elas, o embate retratado nas oito temporadas de *Game of Thrones*, exibidas pela HBO entre 2011 e 2019. Curiosamente, o modelo do trono, que virou ícone da série, não era exatamente como o autor tinha imaginado. “O Trono de Ferro deve ser assustador e desconfortável”, escreveu Martin, sincerão, em seu blog. Esses adjetivos se manifestam de forma explícita, enfim, no trono ocupado pelo rei Viserys Targaryen em ***A Casa do Dragão,*** série que estreia na HBO no domingo, 21, às 22h, e entra em seguida na plataforma HBO Max. Na trama ambientada quase 200 anos antes da saga de Daenerys Targaryen e Jon Snow, o Trono de Ferro é grande, desalinhado e cercado por espadas pontiagudas. Mais um fardo que privilégio, exige submissão não só de quem o observa de longe, mas até do próprio rei — em movimentos bruscos, o soberano é cortado pelas lâminas a seu redor.

A liberdade para incrementar a aparência do símbolo de poder foi possível graças ao período histórico da nova história. *A Casa do Dragão* testemunha o apogeu da dinastia Targaryen — casa conhecida por seus expoentes de cabelo platinado, temperamento instável e habilidade de transitar por aí com dragões. Se a Daenerys (Emilia Clarke) de *Game of Thrones* criava sozinha três adoráveis dragõezinhos, nesse passado glorioso os Targaryen ostentam dezessete monstros adultos, que garantem à família um poder inquestionável. Isso até uma desavença sobre a hereditariedade da

HBO MAX

LEGADO Daenerys (Emilia Clarke): *Game of Thrones* consagrou fantasia adulta

HBO MAX

GUERRA DOS SEXOS O príncipe Daemon (Matt Smith): a disputa pela coroa colocará o patriarcado de Westeros em xeque

coroa provocar uma guerra entre eles, colocando em tela uma questão familiar: a luta da mulher por igualdade.

Fora da ficção, os Targaryen enfrentarão outro tipo de embate: uma acirrada competição entre várias séries que almejam o posto de "nova *Game of Thrones*". O momento expõe a força conquistada pela fantasia no coração dos espectadores. Pouco antes de *A Casa do Dragão*, desembarcou na Netflix a superprodução baseada em *The Sandman*, HQ célebre do inglês Neil Gaiman — e o resultado foi uma explosão de audiência, batendo 70 milhões de horas de visualizações em três dias. Em 2 de setembro, o Prime Video, da Amazon, lança a talvez mais esperada aspirante a reinar no setor: a série *O Senhor dos Anéis: os Anéis do Poder*, baseada no universo de J.R.R. Tolkien (1892-1973).

A fantasia é um gênero que nunca perdeu seu charme — mas, inegavelmente, ganhou uma proeminência inédita no entretenimento do século XXI. Os filmes do diretor Peter Jackson que transportaram para o cinema a narrativa mítica de *O Senhor dos Anéis* certamente têm sua culpa nisso, por elevar a aposta em superproduções desse tipo. E o êxito global de *Game of Thrones* não só cimentou a nova era de ouro da fantasia, como mostrou que ela poderia ser adulta. E como: de sexo a bata-

"O PATRIARCADO É TÓXICO"

Showrunner de *A Casa do Dragão*, o inglês de origem argentina Miguel Sapochnik fala a VEJA sobre as expectativas em torno da nova série.

***Game of Thrones* foi um marco na TV como fantasia para adultos, e desde então outros vêm tentando copiar a fórmula. Como *A Casa do Dragão* entra nessa disputa?** Nossa vantagem é que, de fato, somos o "novo *Game of Thrones*". Criar uma série de fantasia é um desafio enorme – e poucas vingaram após a produção da HBO. Temos também a nosso favor o fato de que as demais séries precisam se diferenciar de *Game of Thrones*, e nós podemos nos aproximar ao máximo.

Em breve *Os Anéis do Poder*, série derivada de *O Senhor dos*

PRIME VIDEO

AGUARDADA *Os Anéis do Poder:* Amazon gastou 1 bilhão de dólares na adaptação

LIAM DANIEL/NETFLIX

DIFERENTÃO *The Sandman:* a produção é sucesso de audiência na Netflix

lhas sangrentas, passando por traições e intrigas, nada ali é tabu. "*Game of Thrones* é sobre disputas de poder. Nossos dragões são basicamente cavalos enormes de guerra", disse o showrunner Miguel Sapochnik a VEJA *(leia abaixo).*

O desejo de se equiparar ao fenômeno original turbinou o investimento da HBO na franquia — outros cinco projetos derivados estão em desenvolvimento. Mas a concorrente Amazon não fará por menos — na verdade, pretende gastar bem mais para impor seu domínio no gênero com a franquia *O Senhor dos Anéis*. Ambientada milhares de anos antes dos eventos da trilogia de Peter Jackson no cinema, a série *Os Anéis do Poder*, primeira de um ambicioso pacote, custou 1 bilhão de dólares — sim, você leu certo — aos cofres de Jeff Bezos.

Para qualquer das partes em disputa, reproduzir um fenômeno cultural é tarefa inglória. Quando chegou à TV, em 2011, *Game of Thrones* foi um estouro pelo ineditismo e qualidade. A HBO cogitou inúmeros sucessores antes de optar por *A Casa do Dragão* — e o fez com o intuito de surfar na popularidade de Daenerys. A nova série explora com competência a autoestima elevada dos Targaryen, suas relações incestuosas e a ruína autoimposta pelo patriarcado quando as mulheres se aproximam da coroa. A princesa Rhaenyra Targaryen (Milly Alcock e Emma D'Arcy na vida adulta) e sua amiga Alicent Hightower (Emily Carey/Olivia Cooke) se convertem em peças do xadrez político em Westeros. Rhaenyra é escolhida pelo pai, o rei Viserys (Paddy Considine), sua herdeira; já Alicent reivindica o título a seu filho, fruto de uma relação com o soberano. À espreita estão o irmão do rei, Daemon (Matt Smith), e a tia distante Rhaenys (Eve Best). Sem dúvida, a batalha pelo trono será animada. ■

***Anéis*, chega ao Prime Video. Prevê uma guerra com o novo adversário?** Vejo *O Senhor dos Anéis* como um tipo específico de fantasia, com uma mitologia particular. *Game of Thrones* tem seres fantásticos, mas é um mundo, eu diria, mais pé no chão. O tema é a disputa de poder – e os dragões funcionam como cavalos gigantes. Há espaço para as duas séries coexistirem e acho até que podem atingir públicos diferentes.

***A Casa do Dragão* é protagonizada por mulheres. Será uma série feminista?** O rico universo criado por George R.R. Martin não pode ser reduzido a uma coisa só. A ideia central é o patriarcado destruindo a si próprio, só para evitar que mulheres assumam o poder. Sabemos que o patriarcado é tóxico e causa problemas à nossa sociedade. Mas a intenção não é fazer uma versão feminista de *Game of Thrones*.

HBO MAX

BASTIDORES Miguel no set com Emily e Milly: *hermano* em Westeros

MACHO EM DESCONSTRUÇÃO

Um "cara sensível" assumido, João Vicente de Castro vai de humorista do Porta dos Fundos a galã de novela — e agora estreia programa com histórias caninas fofinhas **KELLY MIYASHIRO**

AMANTE dos cães, João Vicente de Castro ostenta uma mania bem estranha: adora morder a orelha de sua vira-lata, Chica, quando ambos estão vendo TV juntinhos. "Tenho uma crise de amor e mordo a pontinha da orelha dela, que não gosta nada. Talvez a Luisa Mell bata na minha porta quando ler isso", brincou ele em entrevista a VEJA, citando a radical ativista pelos direitos dos animais que repercute na internet ao fazer resgates polêmicos. "Tenho minhas ressalvas com a Luisa, mas admiro quem dedica sua vida a cuidar de animais", diz. Assim, em apenas dois comentários sobre um assunto prosaico, é possível captar traços que resumem esse carioca de 39 anos. Ao desferir petardos ácidos, Castro não nega seu DNA de comediante da trupe Porta dos Fundos. Mas é também um poço de bom-mocismo — bem ao estilo que faz sucesso na era da correção política.

ESTEVAM AVELLAR/TV GLOBO

GALÃ DE NOVELA João Vicente e Vitória Strada: par em *Espelho da Vida*

O ator, cofundador do Porta dos Fundos e apresentador do *Papo de Segunda*, do GNT, vai expor toda a sua paixão pelos bichos a partir desta sexta-feira, 19, no comando de *Quem Salva Quem?*. No novo programa do mesmo GNT, ele contará histórias de superação em que cachorros mudaram a vida de seus tutores, e vice-versa — como um pit bull resgatado de um lar abusivo. Gostar de animais não é o único lado amável de Castro. Boa-pinta, dono de ideias progressistas e assumidamente sensível, ele cumpre os requisitos daquilo que hoje se convenciona chamar de "esquerdomacho". O termo designa o homem hétero liberal que saca de discursos bonitos para conquistar as mulheres. Ainda que negue o rótulo, Castro se considera um macho em constante estado de aperfeiçoamento. "Eu me vejo mais como um homem em desconstrução, e disso tenho muito orgulho", afirma.

No aspecto politicamente correto, é certo que ele não puxou o pai, o jornalista Tarso de Castro (1941-1991), que foi um dos fundadores do irreverente *O Pasquim* e ficou famoso também pelas polêmicas em que se metia, pelos hábitos boêmios e pela impressionante fileira de conquistas amorosas, algo que não é bem-visto hoje por um "homem em desconstrução" que se preze. Após a morte do pai, João foi criado pelos padrinhos, o cantor Caetano Veloso e sua esposa, a empresária Paula Lavigne. Outro detalhe da vida pessoal do artista ganhou destaque nas redes sociais. Em vídeo gravado num evento musical, sua mãe, a estilista Gilda Midani, surge beijando a cantora Maria Bethânia, de quem é companheira. Apesar da descoberta do público só agora, ser enteado da estrela da MPB jamais foi novidade para João, que prefere ser discreto sobre como funciona essa dinâmica familiar — mas lamenta ter visto ataques de ódio contra o casal. "As pessoas terem ficado chocadas é um termômetro triste da sociedade", diz. "Não costumo ler comentários de internet, mas chegaram mensagens criminosas, homofóbicas. Uma pena, acho tão bonita essa liberdade de se amar quem quiser", defende Castro.

Ele é ex de famosas como Sabrina Sato e Cleo Pires e mantém uma boa relação com ambas, com direito a posts com declaração de amor em aniversários. Mas esse tipo de homena-

PAI DE PET João apresenta *Quem Salva Quem?*: cachorros e histórias de superação

ERNANI D'ALMEIDA

DEBOCHADOS Com o Porta *(na frente, à dir.):* petardos ácidos

gem se estende a qualquer pessoa próxima, principalmente seus amigos homens. "O João é um cara conciliador, que agrega", resume Fabio Porchat. Solteiro, Castro deseja encontrar um novo amor e construir uma família, com filhos humanos — e de quatro patas. "Esto`u aberto como não estive em muito tempo. Quero dar uma sossegada", anuncia.

Mas sua obsessão, de fato, tem sido o trabalho. Galã da novela da Globo *Espelho da Vida*, em 2018, Castro planeja voltar à atuação quanto antes. Está no elenco de *Segundas Intenções*, primeira novela da HBO Max, mas o projeto foi adiado em razão da complicada fusão da empresa com a Discovery. Por enquanto, ele se mantém firme nos vídeos do Porta dos Fundos, em que faz rir com sua verve afiada — e aposta alto no programa canino. Longe das telas, claro, ele continua um amor de pessoa. ■

DIVULGAÇÃO

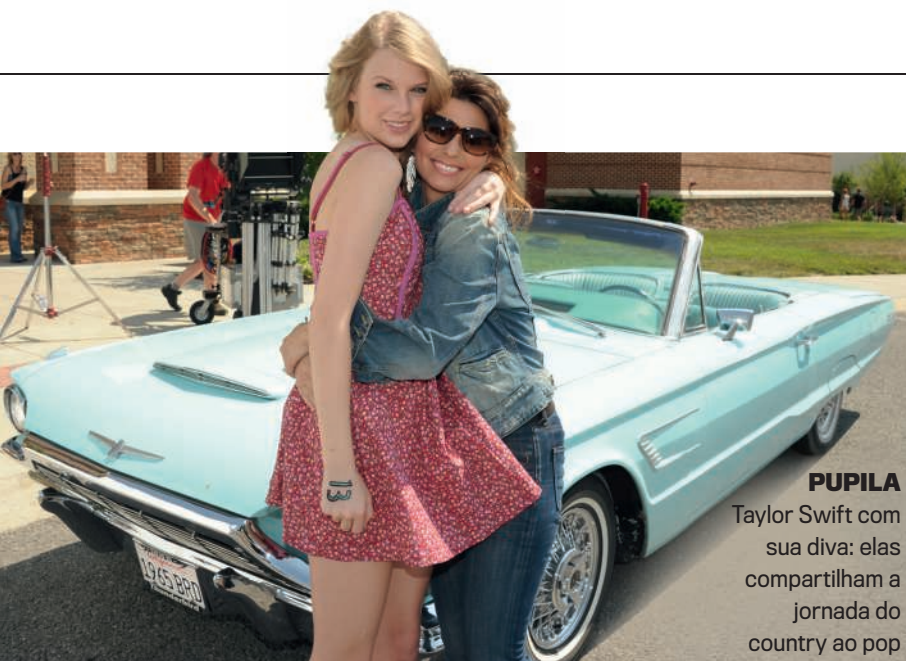
A LEOA ESTÁ DE VOLTA

Depois de alguns anos sumida, Shania Twain conquista a nova geração com um documentário de sucesso na Netflix e a ajuda de fãs famosos como Taylor Swift e Harry Styles **AMANDA CAPUANO**

CHRISTOPHER SMITH/INVISION/AP/IMAGEPLUS

SHANIA TWAIN nunca foi discreta. Adepta de uma extravagância calculada, foi eternizada com visuais portentosos como o do clipe de *That Don't Impress Me Much*, em que surge vestida com estampa de leopardo da cabeça aos pés, enquanto faz pouco-caso de caras que se acham bons demais. A combinação da postura de mulher fatal com hits de letras empoderadas, de quem sabe se impor diante dos homens, rendeu a ela mais de 90 milhões de discos vendidos, 40 milhões só com *Come on Over* — trabalho de 1997 que é, até hoje, o álbum de estúdio de uma artista feminina mais vendido da história. Duas décadas depois, longe daqueles tempos de ouro, Shania tem a vida e a carreira revisitadas no documentário *Not Just a Girl*, lançado recentemente na Netflix e acompanhado de uma coletânea de seus sucessos já disponível nas plataformas de streaming.

Com entrevistas com nomes como Lionel Richie, Diplo e Avril Lavigne, a produção mostra como Shania, que se lançou na música country no início da década de 90, rompeu com as barreiras de gênero e se estabeleceu como inspiração para artistas que, agora, com seu sexto álbum de estúdio no forno, dão o empurrãozinho que faltava para trazer a musa de volta aos holofotes e apresentá-la à nova geração. O exemplo mais recente dessa empreitada aconteceu no Coachella, em abril, quando Harry Styles a levou ao palco do festival para cantar hits que marcaram sua carreira, como *Still the One* e *Man, I Feel Like a Woman*. En-

MUSA VERSÁTIL A cantora hoje: ela rompeu barreiras ao apostar em baladas pop e clipes de visual ousado

PUPILA Taylor Swift com sua diva: elas compartilham a jornada do country ao pop

RICK DIAMOND/GETTY IMAGES

INSTAGRAM @SHANIATWAIN

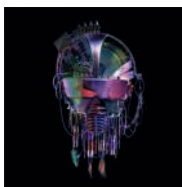
ADORADA Shania e as celebridades que a tietam: no camarim de Anitta *(acima)* e no Coachella com Harry Styles

KEVIN MAZUR/GETTY IMAGES

tre uma canção e outra, Styles, que tem na artista sua maior influência fashion, confessou que aprendeu a cantar ouvindo Shania no carro com a mãe. "Ela também me ensinou que homens são um lixo", brincou ele. Até Anitta tirou uma casquinha. "Você passa a vida ouvindo a pessoa e de repente ela está dançando no seu show", comentou sobre a presença de Shania em uma apresentação na Suíça.

Nascida em Ontário, no Canadá, como Eilleen Regina Edwards, Shania foi criada pela mãe e pelo padrasto, que deu a ela o sobrenome hoje famoso. Com dificuldades para colocar comida na mesa, a mãe levava a pequena Eileen, então com 8 anos, para cantar em bares e ajudar no sustento da casa. Mais tarde, aos 22, ela assumiu a criação dos irmãos depois que os pais morreram em um acidente de carro. Pensou em desistir da carreira, mas o emprego como cantora em um resort alimentava as crianças e dava a ela a chance de seguir na música.

Logo a persistência mostrou seu valor. O primeiro álbum da cantora não fez barulho, mas foi seguido por *The Woman in Me,* que consolidou Shania como um fenômeno country com o hit *Any Man of Mine,* que rompeu o conservadorismo do gênero com versos como "Qualquer homem que seja meu / É melhor que ande na linha". Determinada a ser uma atração global, adicionou altas doses de pop ao sucessor *Come on Over,* o mais bem-sucedido da carreira. Anos depois, a estrada sinuosa do country ao pop seria percorrida também por Taylor Swift — que, recentemente, compartilhou no TikTok um vídeo em que atribui a Shania a importância de ter revelado a ela que "garotas do country" podem, sim, fazer pop.

A jornada, porém, teve seus pontos baixos. Em 2004, durante a turnê do álbum *Up!,* Shania contraiu a doença de Lyme, infecção grave causada pela picada de carrapatos e temida no interior americano. A moléstia afetou suas cordas vocais e a afastou da música por anos. "Achei que tinha perdido minha voz para sempre", proclamou ela, que voltou aos palcos em 2012, com uma residência em Las Vegas. O álbum inédito mais recente, *Now,* foi lançado em 2017, longos quinze anos após o antecessor. Em 2018, ela veio ao Brasil para a Festa do Peão de Barretos, no interior de São Paulo. O show, que custou 4,3 milhões de reais, foi o mais caro da história do evento. Agora, aos 56 e prestes a lançar um novo álbum, Shania viu a procura pelo seu catálogo nos Estados Unidos crescer 47% no streaming depois do lançamento do documentário. Com o feminismo em alta, a leoa do country nunca esteve tão empoderada em cena. ■

DISCO

THE ALCHEMIST'S EUPHORIA, **de Kasabian (disponível nas plataformas de streaming)**

Há 25 anos na estrada, a banda inglesa Kasabian se viu numa sinuca de bico em 2020. O vocalista Tom Meighan foi condenado na Justiça por violência doméstica contra a esposa. O cantor foi desligado do grupo e substituído pelo colega e principal compositor Serge Pizzorno. Nesse primeiro disco após as mudanças, os vocais de Meighan não fazem falta. Sob a batuta de Pizzorno, a banda manteve a qualidade de seu rock eletrônico ácido e, por vezes, debochado que a colocou em evidência, como atestam as novas faixas *Alygatyr, Chemicals* e *Rocket Fuel*.

MIKE LEWIS PHOTOGRAPHY/REDFERNS/GETTY IMAGES

MUDANÇA RADICAL Kasabian: primeiro disco após a demissão do vocalista

TELEVISÃO

BAD SISTERS
(disponível na Apple TV+)

Em certa noite de Natal, John (Claes Bang) destila todo o seu veneno contra a família da esposa, Grace (Anne-Marie Duff), que tem laços fortes com suas quatro irmãs, uma vez que as mulheres do clã Garvey perderam os pais muito cedo. O marido é um tipo absolutamente desprezível. Pergunta se Eva (Sharon Horgan), que ele sabe ser infértil, está grávida; faz comentários gordofóbicos, racistas e nojentos. Para coroar, é um sujeito abusivo. Não à toa, ninguém sofre quando John morre misteriosamente. Um agente de seguros investiga, contudo, se houve crime para alguém na família amealhar o seguro de vida do crápula. Na corrosiva *Bad Sisters*, os lances cômicos se entrelaçam ao drama de um casamento tóxico, provocando riso indigesto — mas, no fundo, reconfortante.

APPLE TV+

VINGATIVAS As irmãs Garvey em *Bad Sisters:* unidas contra um monstro

LIVRO

A ESTRADA LINCOLN, **de Amor Towles (tradução de Regina Lyra; Intrínseca; 576 páginas; R$ 99,90 e R$ 69,90 em e-book)**

Na década de 50, Emmett Watson, de 18 anos, recém-saído de um programa para jovens infratores, volta para casa em Nebraska e descobre que sua família perdeu tudo. Recomeçar é o plano: ao lado do irmão e de dois amigos, ele embarca em uma aventura ao longo da Rodovia Lincoln (percurso que atravessa os Estados Unidos, unindo São Francisco a Nova York). Com mais de 1 milhão de cópias vendidas, o romance é guiado pelo espírito da liberdade e autodescoberta — e Towles expõe com sagacidade o mito do sonho americano e as agruras das quais a vida é feita. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **É ASSIM QUE ACABA** Colleen Hoover [1 | 53#] GALERA RECORD
2. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO** Taylor Jenkins Reid [2 | 69#] PARALELA
3. **A HIPÓTESE DO AMOR** Ali Hazelwood [3 | 6] ARQUEIRO
4. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** George Orwell [4 | 194#] VÁRIAS EDITORAS
5. **E NÃO SOBROU NENHUM** Agatha Christie [0 | 1] GLOBO LIVROS
6. **A GAROTA DO LAGO** Charlie Donlea [8 | 148#] FARO EDITORIAL
7. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES** Colleen Hoover [5 | 36#] GALERA RECORD
8. **TORTO ARADO** Itamar Vieira Junior [9 | 79#] TODAVIA
9. **VERITY** Colleen Hoover [10 | 20#] GALERA RECORD
10. **NAS PEGADAS DA ALEMOA** Ilko Minev [6 | 21#] BUZZ

NÃO FICÇÃO

1. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 3** Laurentino Gomes [2 | 9] GLOBO LIVROS
2. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 119#] ROCCO
3. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [4 | 285#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
4. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank [3 | 285#] VÁRIAS EDITORAS
5. **EM BUSCA DE MIM** Viola Davis [0 | 4#] BestSeller
6. **CABEÇA FRIA, CORAÇÃO QUENTE** Abel Ferreira [0 | 18#] GAROA LIVROS
7. **RÁPIDO E DEVAGAR** Daniel Kahneman [7 | 171#] OBJETIVA
8. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 1** Laurentino Gomes [8 | 68#] GLOBO LIVROS
9. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 2** Laurentino Gomes [0 | 29#] GLOBO LIVROS
10. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE** Tori Telfer [6 | 80#] DARKSIDE

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **O PODER DA CURA** Reginaldo Manzotti [9 | 7#] PETRA
2. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** George S. Clason [2 | 89#] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** Napoleon Hill [3 | 170#] CITADEL
4. **PAI RICO, PAI POBRE** Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [6 | 90#] ALTA BOOKS
5. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA** T. Harv Eker [4 | 380#] SEXTANTE
6. **MINDSET** Carol S. Dweck [5 | 123#] OBJETIVA
7. **ESPECIALISTA EM PESSOAS** Tiago Brunet [7 | 22#] ACADEMIA
8. **OS MANTRAS MAIS PODEROSOS DE TODOS OS TEMPOS** Patrícia Cândido [0 | 1] LUZ DA SERRA
9. **12 REGRAS PARA A VIDA** Jordan B. Peterson [0 | 30#] ALTA BOOKS
10. **AS 5 LINGUAGENS DO AMOR** Gary Chapman [0 | 10#] MUNDO CRISTÃO

INFANTOJUVENIL

1. **ATÉ O VERÃO TERMINAR** Colleen Hoover [1 | 27#] GALERA RECORD
2. **AMOR & GELATO** Jenna Evans Welch [2 | 56#] INTRÍNSECA
3. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** Casey McQuiston [3 | 72#] SEGUINTE
4. **EU E ESSE MEU CORAÇÃO** C. C. Hunter [0 | 1] JANGADA
5. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [4 | 353#] ROCCO
6. **COLEÇÃO HARRY POTTER** J.K. Rowling [0 | 123#] ROCCO
7. **NOVEMBRO, 9** Colleen Hoover [5 | 24#] GALERA RECORD
8. **OS DOIS MORREM NO FINAL** Adam Silvera [9 | 23#] INTRÍNSECA
9. **MIL BEIJOS DE GAROTO** Tillie Cole [6 | 35#] OUTRO PLANETA
10. **A RAINHA VERMELHA** Victoria Aveyard [10 | 101#] SEGUINTE

Pesquisa: Yandeh / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Aeromix, Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Drummond, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

SALÁRIOS SURREAIS

A FELICIDADE existe, alguns conseguiram localizá-la na folha de pagamentos do serviço público brasileiro. Ali, a elite do funcionalismo descobriu uma fonte de satisfação na remuneração pelo dever, alheia à crise na paisagem ao redor dos palácios de Brasília, onde mais da metade das famílias patina na pobreza e no endividamento recorde.

O Judiciário, por exemplo, decidiu aumentar salários em 18%. O Ministério Público soube e correu atrás, agitando a bandeira da "paridade". Como é inevitável o efeito em cascata, quase 800 000 servidores de carreiras jurídicas na União, nos Estados e nos Municípios devem ter novos motivos para sorrir no réveillon.

O Judiciário já paga, na média, o triplo da remuneração do Executivo e o dobro do Legislativo, informa o Ipea. O novo aumento vai custar 6 bilhões de reais nos próximos dois anos, somente na área federal. É volume de dinheiro equivalente ao que a Petrobras conseguiu recuperar dos prejuízos com má gerência e corrupção desvendadas na Lava-Jato. Numa conta de padaria, é quantia suficiente para construir creches em metade dos municípios.

Cresce a distância, que já era grande, entre ganhos dos servidores públicos e dos trabalhadores do setor privado. Ela realça o papel do Orçamento público como instrumento de concentração de renda na sociedade que é das mais desiguais do planeta, onde descendentes dos mais pobres levam nove gerações para alcançar o nível médio de renda nacional, cerca de 2 500 reais por mês.

Nos últimos dez anos, a vantagem dos contratados com carteira assinada na administração pública sobre os do setor privado foi de 20%, depois de descontada a inflação, segundo os dados do IBGE. O cenário fica mais desequilibrado, mostra o Ipea, quando se comparam pagamentos por salário-hora: servidores ganham mais que o dobro dos trabalhadores privados, porque têm cinco horas a menos de jornada semanal. Além disso, têm estabilidade no emprego. O risco de demissão no serviço público é mínimo.

> **"Não importa a crise, a elite de servidores sempre aumenta os ganhos"**

O maior aumento salarial entre os servidores na última década aconteceu nas Forças Armadas. A remuneração média dos militares avançou 29,6% acima da inflação do período — o dobro das demais categorias do funcionalismo federal, estadual e municipal, informa o Centro de Liderança Pública.

Tortuosa como mapa de navegação na Amazônia, a folha de pessoal da União abriga duas centenas de carreiras e 170 rubricas diferentes para pagamentos a civis e militares na ativa, aposentados e pensionistas. Transparência rarefeita é a regra.

Iniciantes nas carreiras jurídicas, de planejamento e de fiscalização ganham acima de 21 000 reais. Chegam ao topo uma década depois com salário superior a 30 000 reais. Sete das dez profissões com maiores salários no país estão no Ministério Público, com remuneração entre 35 800 e 41 300 reais mensais. Outras três estão no setor financeiro e na indústria.

Além disso, há miríade de penduricalhos na forma de auxílios e abonos, inclusive por tempo de trabalho. Esses pingentes salariais ajudam a driblar limites de remuneração no serviço público. Elevam os ganhos da elite burocrática a níveis surrealistas.

No Judiciário sustentam um salário médio que é o triplo do Executivo e o dobro do Legislativo. Nas Forças Armadas justificam pagamentos líquidos superiores a 100 000 reais mensais, como ocorreu entre janeiro e maio com 1 500 oficiais militares.

Pouco visíveis, os supersalários permeiam o serviço público e reforçam sua disfuncionalidade. Em plena pandemia, em 2020, Walter Braga Netto, general na reserva e na época chefe da Casa Civil, recebeu 926 000 reais por férias acumuladas. Braga Netto é candidato a vice-presidente de Jair Bolsonaro, pelo Partido Liberal.

O Judiciário foi além. Chegou ao requinte de transformar a punição de juízes numa espécie de prêmio salarial. Dias atrás, o Tribunal de Justiça de São Paulo condenou um desembargador por ofensa e intimidação a uma policial. Retirado da função, ele vai ficar em casa recebendo remuneração proporcional à de juízes que continuam no trabalho. "Há meia dúzia de juízes punidos e sendo pagos pelo resto da vida com dinheiro público pelo crime que cometeram. Ou seja, o crime compensa" — ironiza o deputado Rubens Bueno, do partido Cidadania do Paraná, relator de um projeto de lei que restringe os supersalários no setor público. Aprovado pelos deputados, acaba de completar um ano estacionado na Comissão de Constituição e Justiça do Senado. O motivo é um dos mistérios da República. ■